J. M. de Macedo
A
Baroneza de Amor
VOL. 1

A BARONEZA DE AMOR

TOMO I

A

BARONEZA DE AMOR

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

2ª EDIÇÃO

TOMO PRIMEIRO

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, RUA DO OUVIDOR, 71
E
6, RUA DOS SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

PRIMEIRA PARTE

O DESPENHO

A BARONEZA DE AMOR

I

DESASISADA

Em uma noite de Abril de 1872 o theatro de S. Pedro de Alcantara estava em festa de caridade a beneficio de estimada instituição humanitaria. Não havia cadeira nem banco de platéa em vaga, e os camarotes occupados todos ostentavam, principalmente nas duas primeiras ordens, as mais bellas e mais ricas representantes da elegancia e do luxo da cidade do Rio de Janeiro.

A formosura ou a lindeza de muitas senhoras, o primor das *toilettes*, aquelle certo enlevo de reunião numerosa, mas quasi toda de amigos e de conhecidos, e o sentimento da beneficencia

davam realce e alegria á festa, embora pouco interesse excitasse a comedia que se representava.

Pouco a pouco porém esse contentamento suave e geral começou a indiciar-se perturbado por impressões menos agradaveis e, á semelhança do mar bonançoso e sereno que passa a encrespar suas ondas, a assembléa principiou a tomar-se de desgostoso reparo que cada vez mais se foi propagando.

Logo no segundo entre-acto diversos grupos de espectadores das cadeiras e da platéa conversavam, fitando todos o mesmo ponto, para onde tambem frequentes convergiam os binoculos que de alguns camarotes se lançavam.

O objectivo de tantos observadores era um camarote de primeira ordem, e dos mais proximos á scena, no qual se achavam a baroneza de Amorotahy e o conselheiro Adeodato de Barros, que a acompanhava.

Como uma e outro pertenciam á alta sociedade da capital, e n'ella brilhavam por sua grande riqueza e pelo ostentoso luxo do seu tratamento, quasi todos os conheciam e declinavam seus nomes.

O barão de Amorotahy ainda não tinha chegado ao theatro.

Uma senhora póde sem a menor inconveniencia apparecer em publico, e ainda em reuniões, trazendo por cavalheiro bom amigo da confiança de sua familia ou de seu marido: além disso a baroneza era muito joven, não contava por certo mais de vinte e dous a vinte e cinco annos, e o conselheiro Adeodato não tinha menos de sessenta, embora com apuros de elegancia e com laboriosos artificios procurasse dissimular os vestigios de dous lustros já cahidos sobre a marca de meio seculo.

Mas era pena!

A baroneza annullava o direito da companhia innocente do amigo de confiança, e despedaçava a egide da desproporção da idade, que podia affigural-a neta do velho que se sentava a seu lado.

Alegre e sem leve apparencia de preoccupação da ausencia do marido, expansiva e descuidosa, como menina collegial travêssa que em hora de recreio abusa do somno ou do desmazêlo da directora, essa joven senhora casada ousava indiscreta e garrida dar em face do

publico, sem respeito ao publico e sem apreço de sua reputação, o espectaculo do galanteio mais franco e em todo caso tristemente inopportuno com o vaidoso conselheiro.

Era licito julgal-a possessa da mais desgraçada paixão, ou infrene namoradeira do peior gosto.

Apuravam-se ambos em mutuos requebros, o conselheiro e ella, o velho e a joven, o avô e a neta possiveis pela differença de idade; mas para aggravação do reprehensivel procedimento nem havia ao menos da parte da baroneza aquella dissimulação temerosa em que ainda se annuncia o pudor a estremecer, nem aquelle vexame da senhora apaixonada que mal se defende e que todavia não se manifesta rendida : pelo contrario, estouvada e impavida, era ella a mais audaciosa; porque ás vezes chegava a indicar-se provocadora.

No escandalo d'esse namoro ostentoso negrejava a sombra de um pensamento adultero.

A baroneza exhibia o frio testemunho de que nem era casta, nem sabia ser cauta.

Tão triste offensa do dever, e tanto olvido

da circumspecção excitavam reparo e murmurações.

Ás dez horas da noite uma senhora já idosa, de presença respeitavel e de physionomia e modos que annunciavam doçura e bondade, entrou no camarote da baroneza, e passados breves minutos de conversação, pediu amigo favor que fez sahir por momentos o conselheiro Adeodato de Barros.

O pedido fôra apenas pretexto com o fim de apartar o galanteador da baroneza, e a sós com esta a nobre senhora, tendo o sorriso nos labios para dissimular a natureza da sua confidencia, fallou-lhe brandamente e em voz baixa, e como a dizer-lhe um segredo innocente e brincão.

As faces da baroneza abrazaram-se em fogo involuntariamente accendido.

A digna e circumspecta senhora, notando a commoção traiçoeira, murmurou immediatamente quasi ao ouvido da joven inconsiderada :

— Cuidado, menina! muitos olhos estão reparando em ti.

A baroneza dominou-se de subito : sua fronte, que se ia encrespando, alisou-se logo; seus olhos radiaram e, imprudente, sem ao menos

lembrar que podia ser ouvida pelas senhoras e pelos cavalheiros dos camarotes contiguos, disse em voz natural e bem distincta :

— Reparam, minha tia?... tanto melhor : é que mereço attenção.

A tia da baroneza abaixou os olhos, e logo depois, querendo entreter conversação para disfarçar seu proprio desgosto, perguntou em tom não mais abafado :

— Achas toleravel a comedia?

A joven senhora respondeu com insistente indiscrição :

— A comedia? ah! sim : não penso que seja má ; porque nos intervallos dos actos tem me parecido muito interessante.

— Tu gracejas sempre ; disse a tia, fingindo rir.

O conselheiro Adeodato entrou, e deu conta da incumbencia que cumprira.

A nobre senhora que evidentemente acabava de perder seu tempo e seus cuidados, não se demorou em retirar-se.

Nos camarotes contiguos ao da baroneza tinham-se ouvido as palavras imprudentes que esta dissera em resposta á sua tia ; os observa-

dores mais proximos haviam podido notar a visita da respeitavel senhora, a sahida do conselheiro, a immediata observação feita em voz baixa, e o accendimento de flammas nas faces da incontinente namorada.

Tudo isso teria passado desapercebidamente em outras quaesquer circumstancias; mas então nada escapou ao publico revoltado pela inconveniencia do galanteio ostentoso da senhora casada.

Tornára-se patente que a baroneza tinha recebido de sua tia solicito aviso da geral observação que provocava a sua garridice indecorosa e denunciadora de amor inconfessavel.

E tambem fôra igualmente notado aquelle repentino e vivo enrubecer das faces que annunciára o pudor em desperto e revolta.

Houvera portanto advertencia amiga e reconhecimento da culpa manifestado no accendimento do pejo.

Não era pois de esperar que a baroneza desprezasse a advertencia e sopitasse o pejo alvoroçado.

Mas o namoro immodesto e expansivo con-

tinuou logo como antes a insultar o decóro publico.

Para os maldizentes abria-se pasto á diffamação, em cujos dentes era despedaçada a reputação da desasisada senhora.

Entre os murmuradores apenas algum mais generoso fazia sobresahir a contradicção de dous sentimentos oppostos e incompativeis, o pudor em flammas ardentes, e a immediata e não dissimulada namoração que envergonhára.

Em todo caso não havia consideração que pudesse attenuar a indignidade do procedimento da baroneza.

O publico escandalisado punia-a com severas censuras, que em todo o theatro se faziam, e com a distincção terrivel e confundidora que resultava da fixidade incessante dos olhos de numerosos espectadores.

Mas, cousa incrivel, a baroneza, quando mais se excedia no assanho do namoramento, voltava quasi sempre o rosto e, a brincar com seu riquissimo leque, olhava para os camarotes fronteiros e para a platéa, como a actriz de máo gosto e sem escola, que procura verificar o

effeito que acaba de produzir na scena que representa.

Dir-se-hia que a baroneza namorava tambem para o publico, ou tomando o testemunho do publico.

Era demais.

II

AMEAÇA DE FACE

A murmuração rosnava em todo o theatro como enfezado cão que ameaça o imprudente que o provoca.

Infelizmente não era caso novo e nunca visto o aviltamento de uma senhora casada, e ainda mesmo da melhor sociedade, pela postergação sempre condemnavel de seus mais santos deveres; rara porém e extraordinaria se mostrava tanta impudencia na ostentação publica de criminoso amor.

Ninguem defendia a baroneza de Amorotahy; como era porém natural, divergiam alguns dos juizos que sobre ella se faziam.

As senhoras em geral simulavam descul-

pal-a, fallando aos homens, mas de modo a compromettel-a ainda mais pela futilidade das desculpas. O que diziam umas ás outras seja segredo, pois que em segredo conversavam : basta saber que a baroneza era joven e bella, sabidamente rica, de distincta elegancia e primor na sociedade aristocratica do Rio de Janeiro.

Mas, excepção entre as outras, uma senhora joven tambem como era a baroneza, casada e rica igualmente como ella, ou mais reflectida que as outras, ou egoista pelo empenho de instinctiva lição, ao ver o marido severo e carrancudo fitar pela quinta vez o binoculo no camarote escandaloso, perguntou-lhe :

— Então ? que é que notas ?...

— Sempre a mesma petulancia !...

— Mas que vês ?...

— Ora ! a baroneza e o conselheiro Adeodato a namorarem-se indecentemente !...

— Só isso ?...

— Achas pouco ? querias mais ?...

— Creio que não vês tudo.

— Devéras ?... toma pois o binoculo, e examina se alli ha ainda mais que ver.

A senhora recebeu o binoculo, fitou-o no camarote da baroneza, e depois de breve inspecção voltou-se para o marido e observou-lhe :

— Bem dizia eu que não vias tudo.

— Pois ainda ha mais? que viste melhor do que eu ?...

— Meu amigo, vi a ausencia do barão, o abandono do marido.

E eram então onze horas da noite, e o barão de Amorotahy ainda não tinha-se mostrado no theatro.

O que em doce e habil apreciação a senhora vira notavelmente no que não se via, e devêra ver-se no camarote da baroneza, turbou um pouco o severo marido, que depondo o binoculo em uma cadeira, disse :

— Póde ser que tenhas visto bem; mas ainda assim é indecoroso.

— É, convenho; mas... quem sabe? poderia talvez não tel-o sido.

Emquanto a discreta senhora por ventura dissimulava em observação attenuante de grave culpa um preceito ao proprio esposo, na platéa superior e defronte do camarote da baroneza era esta cruelmente abocanhada em conver-

sação que não se comedía e que chegava aos ouvidos dos que mais proximos estavam.

Eram dous os murmuradores.

— O que mais me espanta, dizia um d'elles, é a escolha desgraçada! a tal baroneza, joven e bonita como é, bem pudera ter acertado com outro melhor parcel para naufragio da sua honra : não lhe perdôo a preferencia dada ao velho.

— Ah, meu caro! está confessando que chegou ha oito dias da sua provincia, observou o outro, que era homem de meia idade, mas trajando com exagerado requinte de tafularia.

— Porque? perguntou o provinciano.

— Porque o feliz velho é apenas herdeiro de naufragios.

— Oh! então aquella senhora...

— Aposto que não sabe como ella se chama?

— Estou ouvindo-o dar-lhe o titulo de baroneza.

— Sim ; é a *baroneza de Amor*.

— Pois tambem o amor tem baronezas?

— Bem vê que esse titulo obriga, e que ella sabe desempenhal-o. Em honra da verdade informo-o que a baroneza é actriz consummada

em todos os papeis : já representou admiravelmente o symbolo da virtude ; quando porém mais ferviam os applausos do publico, de repente arrancou o véo que trazia, e mostrou-se inexcedivel, desempenhando os doces devaneios de Venus.

— E o barão seu esposo ?...

— Que pergunta ! n'estes casos é sempre de pessimo gosto lembrar o marido.

— Mas a sociedade ?...

— Ri, murmura, morde ; finge porém que não vê, e faz muito bem ; porque, quando um marido é myope e não usa de oculos, é sandice metterem-se estranhos a pedir-lhe que apure a vista.

— Assim a immoralidade se aggrava, e póde ser que com a suspeita de infame tolerancia se calumnie a mais nobre, embora immerecida confiança.

— Sr. provinciano, não me falle do barão, de quem sou amigo...

— Amigo !... então aqui na côrte os amigos são d'este gosto ?... creio que volto para a minha provincia no primeiro vapor.

O mordaz informante pôz-se a rir e depois disse:

— Não comprehende que me vexa, fallando-me do barão?... que hei de pensar d'elle?... asseguro-lhe que a baroneza tem a audacia de franca ostentação em seus amores, e que tomou por divisa — *varietas delectat*: em menos de um anno e com revoltante notoriedade o conselheiro Adeodato é o seu quinto ou sexto amante não dissimulado.

Um militar que estava sentado logo adiante do garrulo detractor, erguendo-se com ligeiro movimento, encarou o maldizente fallador; se porém ia protestar, não o pôde fazer porque, companheiro ou amigo, o cavalheiro que se achava a seu lado immediatamente travou-o pelo braço e fêl-o sentar-se.

A baroneza, como se instinctivamente se sentisse diffamada pelo informador do provinciano, tinha-o observado por vezes com passageiro olhar e habilissimo disfarce, e então ou acaso, ou curiosa attenção que aliás se reconhecerá bem explicavel, tambem fixára os olhos no militar, que de sua parte frequente a contemplava, ora perplexo, ora embebecido.

O taful e o provinciano, ou não tendo notado na instantanea attitude que tomára o militar, a quem o amigo forçára a aquietar-se, ou não dando importancia ao desagrado impertinente de estranho entremettido, continuaram a conversar sem interrupção, nem comedimento.

O segundo dissera logo :

— Cinco ou seis amantes em menos de um anno! d'esse modo a baroneza é tentação que obriga o peccado e se apressa em deixar o peccador antes de vêl-o arrependido!

— E colhe outra vantagem : quando o marido póde começar a ter ciumes de um, reconhece a inverosimilhança da sua suspeita, principiando a desconfiar de outro namoro.

— Pois, meu amigo, com toda a ingenuidade que trago da minha provincia, quer me parecer que se todos os amores da baroneza têm sido como esse que estamos vendo, bem podem elles denunciar estouvamento e indiscrição muito censuraveis, mas o extremo aviltamento, não.

— Porque?

— A senhora que se degrada por indigno impulso sensual, que o senhor attribue á ba-

roneza, esconde as suas vergonhosas faltas ainda muito mais do que aquella que se perde por paixão.

— E o que se passa n'aquelle camarote?... veja, veja agora mesmo!

— Sim; vejo uma moça estouvada que evidentemente se diverte demasiado, pondo em fogo um velho que cahiu no ridiculo de requestal-a e de quem ella zomba sem piedade.

O taful respondeu com malevola insistencia:

— Digo-lhe que a baroneza é amante do conselheiro Adeodato!

O provinciano sorriu-se.

— De que ri?

— Vejo-o tão conhecedor dos amores, e tão pronunciado censor d'aquella bonita senhora, que tive uma idéa que me fez rir.

— E qual foi?

— Que apezar de toda a sua elegancia e donaire o senhor foi pretendente infeliz, e está despeitado...

Provavelmente o provinciano acertára no juizo que enunciára; porque o taful, como se lhe tivessem magoado ferida ainda aberta, córou fortemente e, mal contido em seu resenti-

mento, respondeu desapontado, desabrido e sem abaixar a voz.

— Que lembrança!... eu desdenho o que é facil a todos; pois não ha pretendente infeliz com aquella baroneza *traviata*.

A tão grosseiro insulto o militar levantou-se rapido, e voltando-se para tráz, estendeu ameaçadoramente o braço direito para o diffamador e, com a mão espalmada quasi a tocar-lhe a face, disse furente:

— Se repetir a injuria infame que proferiu, dar-lhe-hei aqui mesmo uma bofetada!

O amigo do militar lançou-se diante d'elle, dizendo á meia voz:

— Capitão, que imprudencia!

O miseravel taful já tinha recuado alguns passos, distanciando-se da mão terrivel que o ameaçava.

O capitão ainda a fulminal-o com os olhos, respondeu ao companheiro:

— Qual imprudencia!... não quero que este pintalegrete continue a insultar impunemente uma senhora.

A intervenção de alguns espectadores pôz termo á ephemera, mas desagradavel scena;

todavia demonstrou-se no theatro, como sempre acontece em taes casos, vivo movimento de curiosidade, e a noticia do que se passára, propagando-se logo com as exagerações do costume, comprometteu ainda mais a baroneza.

Representava-se emfim o ultimo acto da comedia, quando o barão de Amorotahy se apresentou no camarote de sua esposa que o recebeu com indifferença apenas polida.

Terminado o espectaculo, a baroneza, levantando-se, entregou ao marido o binoculo de que se servira, e ao tomar o manto voltou-se do fundo do camarote e ainda lançou celeres olhos sobre o militar. Logo depois sahiu acceitando o braço do conselheiro Adeodato.

O barão seguiu atraz, brincando com o binoculo entre as mãos, e cantarolando baixinho uma arieta de Offembach da opera então mais em voga no Alcazar ou Theatro Lyrico Francez.

III

O CAPITÃO ÁVANTE

Antes do seu arrebatado impulso, da insolita provocação com que castigára o garrulo detractor da baroneza, o militar, que trazia divisas de capitão, já era objecto de attentas observações de muitos espectadores e da propria senhora, de quem logo depois tomára a defeza; muito mais porém o foi de quantos podiam vêl-o, em seguida ao movimento excitado por sua censuravel, mas generosa e ousada acção.

Essa curiosa distincção era natural e quasi que obrigada.

Adivinhava-se no garbo, na viveza dos modos, nas expansões do viço da força vital que se manifestam nos gestos, nas attitudes, no

vigor translucido emfim, que o capitão era ou devia ser joven; em sua face porém muito difficil seria calcular-lhe a idade.

A guerra tinha-lhe condecorado demasiadamente o rosto, que desfigurado pelos retalhos de golpes recebidos honrava e legitimava a enchente de condecorações que cobriam o peito de sua farda.

No peito elle trazia a chapa de official da Roza, os habitos da mesma ordem, da de Christo, e do Cruzeiro, as medalhas da guerra do Paraguay, do Merito e Bravura, e mais duas lembradoras de inclitos feitos em grandes batalhas.

No rosto o capitão apresentava cicatrizes gloriosas, mas afeiadoras : uma de um golpe que descêra da fronte até a maçã da face esquerda, deixando-lhe sensivelmente entortadas as palpebras do olho correspondente por milagre escapado á cegueira; outra de um gilvaz na face direita; uma terceira verticalmente estendida pelo meio dos labios, como se fôra o dedo da modestia impondo o mais eloquente silencio á fama das proezas do heróe; além das tres grandes cicatrizes, o terço superior de menos na orelha es-

querda, e ainda um ou outro vestigio de golpes pouco profundos.

O rosto desfigurado brilhava de harmonia com o peito cheio de medalhas glorificadoras.

Teria sido rosto hediondo, ou pelo menos repulsivo, se não se ostentasse magnifico no soldado guerreador.

O que afeiava o joven, aformoseava o soldado, sublimando-o pelas provas vivas de bravura que ainda mais esplenderia, se o capitão se mostrasse despido de farda e de camisa; porque elle trazia ainda tres cicatrizes no peito e nem uma só nas costas.

Tinha sido sempre ferido pela frente, e d'isso se ufanava.

O capitão chamava-se Brazilio de Amoreira; filho de benemerito bahiano que se illustrára na guerra da independencia da patria, e que então (como tantos outros fizeram em caprichos e demazias de enthusiasmo) trocára o nome portuguez da familia da qual provinha pelo de uma arvore do proprio paiz. Brazilio de Amoreira, exaltado por natureza e ainda mais pelas lições e exemplo de seu pai, mostrou-se desde os quinze annos de excellente indole; mas de

animo ardente e impetuoso. Tendo desejado ser medico, foi nos cursos de humanidades e depois no primeiro anno da escola de medicina da Bahia um pouco vadio nas aulas, admirador de Byron, romanesco, fervoroso patriota, notabilidade incorrigivel em todas as ruidosas travessuras de estudantes, dedicado aos amigos, generoso, muitas vezes turbulento e, sempre que teve occasiões de proval-o, tão valente como temerario. Tinha coração angelico e genio endemoninhado.

Brazilio de Amoreira contava dezoito annos de idade, e ia matricular-se no segundo anno do curso medico em 1865, quando se publicou o decreto convocando *voluntarios da patria* para a guerra do Paraguay.

Electrizado pelo chamamento do dever e da gloria, o estudante escreveu ao pai a seguinte e brevissima carta : « Meu pai; a patria chama ás armas seus filhos : devo partir para a guerra como voluntario, e só espero a sua benção e a de minha mãi para que tambem Deus me abençôe. »

A resposta do pai foi prompta e digna :

« Meu filho! parte já para a guerra aben-

çoado por teu pai e por tua mãi, e cumpre até o sacrificio da vida teu dever de brazileiro, para que tambem Deus te abençôe. »

O veterano da independencia não mentíra ao heroico civismo de sua mocidade.

O filho não podia mentir á gloria e á lição do pai.

Brazilio de Amoreira alistou-se logo com o honroso e brilhante posto de *soldado raso* voluntario da patria.

Em attenção a seus estudos já feitos, e á sua conhecida valentia, o presidente da provincia quiz dar-lhe e offereceu-lhe as divisas de alferes; Brazilio porém respondeu :

— Só terei divisas conquistadas na campanha.

Embarcou cantando em alta voz o hymno da independencia, como em iguaes casos os francezes cantam a *marselheza*.

Desde o principio até o fim d'essa horrivel guerra de cinco annos Brazilio de Amoreira distinguiu-se esplendidamente, expondo-se á morte, e provocando-a em todas as pelejas, de modo que a sua vida parecia um milagre da fortuna em favor á maior audacia : quando entrava em fogo, elle se tornava a bravura em

phrenesi : ao primeiro tiro tomava-se de enthusiasmo volcanico, e a bradar sempre e de continuo « ávante! ávante! » arrojava-se como leão enfurecido, e com certeza sempre na frente, de ordinario indisciplinado, mas incorrigivelmente lançando-se adiante dos companheiros nos ataques e nas cargas á bayoneta, foi muitas vezes ferido sem que nunca deixasse de gritar « ávante! »

Em guerra tão longa, e tendo entrado em quasi todos os combates e batalhas, Brazilio de Amoreira nem uma só vez foi tocado por bala; mas em compensação as bayonetas, as espadas, e as lanças inimigas retalharam-lhe o rosto e o peito.

Logo no primeiro anno da guerra perdeu Brazilio de Amoreira os seus nomes de baptismo e de familia; porque soldados e officiaes puzeram-lhe a alcunha honorifica do seu brado electrizador nas pelejas, e ninguem mais o conheceu, nem o tratou senão pelo « *Ávante* ».

Realizando o que assegurára ao presidente da sua provincia, quando se tinha alistado voluntario da patria, elle *conquistou divisás* na campanha; embora porém promovido com o seu

verdadeiro nome, soldados, officiaes e até os generaes o foram sempre chamando o sargento *Ávante*, depois o alferes, depois o tenente, e emfim o capitão *Ávante*.

E cada um d'esses postos lembrava admiravel proeza.

Nos acampamentos e fóra dos combates o *Ávante* era folgazão e optimo companheiro, comtanto que não o offendessem, nem excitassem seu genio colerico.

Conservou e desenvolveu durante a guerra todos os defeitos correspondentes ás suas melhores qualidades; não houve porém experiencia nem trabalhos que gastassem, e menos ainda destruissem a ingenuidade, a franqueza ás vezes rude, e a exemplar lealdade do seu caracter.

A farda augmentou-lhe a presumpção de valentia, e os melindres do ponto de honra.

A exaltação patriotica e o justo pique de menor estima votada aos brazileiros, e de certo empenho em obscurecer o seu merecimento e intrepidez, accenderam-lhe no animo um sentimento pouco generoso, mas vehemente : o capitão Ávante tomou-se de ogeriza com os argentinos : escrevendo ao pai, dizia-lhe ás

2.

vezes em suas cartas : « os *gringos* são peiores do que os paraguayos. »

Para o capitão Ávante *o gringo* era o peior dos homens; mas, preciso é dizel-o, n'esse preconceito mesquinho elle tinha a desculpa da desforra.

Em cinco annos de campanhas o *Ávante* só descansou os dias em que foi obrigado a ficar nos hospitaes, quando os seus ferimentos eram mais graves.

Indomavel, intrepido e temerario batalhador, elle se cobrira de gloria; mas as armas brancas do inimigo, o ardor do sol e a vida asperrima das campanhas tinham-lhe deixado marcas indeleveis : partira da Bahia joven de assetinado, claro, e bello rosto; sua tez crestára-se, sua face fôra deformada, e sua juventude perdêra o matiz e não era mais a flôr dos annos viçosos.

Terminada a guerra, o capitão Ávante de volta á patria pouco se demorou na capital do Imperio, e depois de ter feito entrada triumphal com o seu batalhão na cidade de S. Salvador da Bahia, foi logo abraçar seus pais.

O velho patriota beijou as gloriosas cica-

trizes do filho, e chorou de alegria, contando e examinando as medalhas e condecorações que lhe ornavam o peito.

Em 1872 o capitão Ávante voltou ao Rio de Janeiro, e desembarcando, foi hospedar-se na casa do Dr. Olympio, seu comprovinciano, medico que servira na guerra, e com quem intimamente se relacionára.

E no mesmo dia de sua chegada á côrte, indo com o Dr. Olympio ao theatro, ahi revelou-se tal qual era, arrebatado, cavalleiroso e brigão, arvorando-se em defensor de senhora a quem não conhecia, e querendo castigar e insultando publicamente o diffamador que a detractava.

IV

A CHARADA

A despeito de todos os esforços do Dr. Olympio, o brioso capitão Ávante insistiu em demorar-se á porta do theatro, e ahi ficou até ver sahir o ultimo espectador.

O homem a quem elle injuriára tão desabridamente, e que estava no seu direito ou tinha o dever de exigir satisfação de cavalheiro, fez-se debalde esperar.

A porta do theatro fechou-se emfim.

— Agora podemos retirar-nos; disse o capitão: o petulante fallador parece gringo.

Meia hora depois os dous amigos tomavam chá em excellente sala de casa de homem solteiro.

Estavam sós : o Dr. Olympio tinha despedido o criado.

— Ah, capitão Ávante! disse-lhe o doutor; logo na primeira noite quizeste celebrisar-te aqui!

— Eu não quiz celebrizar-me; encontrei porém um homem serpente, que estava a pedir que lhe esmigalhassem a cabeça.

— E que tinhas tu que ver com a baroneza?

— Eu? nada : faria o que fiz, e estava prestes a adiantar, como adiantaria, uma bofetada em defeza e honra de outra qualquer senhora, a mais humilde e pobre que fosse.

— Cuidado, Ávante! olha que te chamarão Dom Quixote!

— Doutor! disse o capitão; que me chamem o que quizerem; mas não está em mim... não posso tolerar que á minha vista se ultraje uma criança ou uma senhora sem protector presente.

— E ainda mais quando a senhora fôr bonita, como a baroneza : que dizes, capitão?...

— Sim; a baroneza me pareceu formosa; mas queres saber, doutor?... lembram-te aquellas noites em que no acampamento levavamos a improvisar e a decifrar charadas?...

— Se me lembram!

— Pois eu creio que a baroneza é uma charada que me déste a decifrar.

— Eu?... mas repara que se ella é charada, parece incompleta; porque o informante que te fez proromper em impetuoso insulto, negou-lhe *conceito*.

— E tu?... doutor, tu conheces a baroneza; vi que a cumprimentaste: tambem tu lhe negas *conceito*?...

— Meu Ávante, penso que adivinhaste: aquella senhora é charada, que ainda não se decifrou.

— Ah! ainda bem que estamos de accôrdo! lembra-te, doutor?... lá na campanha, no fervor da peleja o official, o commandante, o soldado valente sentia-se ferido, doia-lhe o golpe; mas bradando — ávante! — como eu bradava, despedia raios de enthusiasmo dos olhos e ao mesmo tempo passava-lhe ás vezes pela fronte a ruga encrespada pela dôr da ferida: no meio do seu namoro com o velho, eu vi essas rugas na bella fronte da baroneza. Doutor! alli ha charada.

— Supponhamol-o.

— Eu quero decifral-a.

— Capitão!... vamos dormir?...

— Não tenho somno, nem permitto que o tenhas.

— Oh, lá!... querem ver que o meu Ávante se apaixonou pela baroneza!

— Não; por ora ao menos, ainda não; estou porém furiosamente curioso de saber o que ella é.

— Eu a conheço ha dous annos e ainda não posso dizel-o.

— Porque?

— Porque não a comprehendo.

— Devéras, não é esposa recatada?

— Ella o foi, e muito.

— Doutor! se ella o foi, segue-se que não o é.

— Capitão, eu não protesto contra a tua logica.

— Com mil gringos!... em tal caso não é charada.

— É.

— Doutor!

— Tu acabaste de vêl-a entreter publico namoro com o tal conselheiro Adeodato : não é pois senhora recatada.

— Convenho n'isso; a minha pergunta, porém, levava outro sentido.

— E é ahi que realmente está a charada.

— Olympio, disse o Ávante, peço-te que me digas o que sabes.

— Pois bem : escuta-me, e verás que tenho razões para não comprehender a *baroneza de Amor*, como tu não a comprehendeste.

— É verdade que a chamam assim?

— Todos.

— É tão bonita, como é feio; observou o capitão.

Os dous amigos accenderam cigarros e o doutor começou a fallar.

— De volta do Paraguay vi pela primeira vez ha dous annos e muitas vezes encontrei depois nas sociedades a *baroneza de Amor*; era ella então bonita como ainda o é, de parecer docemente melancolico, e de admiravel recato em seu comportamento : ouvi frequentemente apontarem-na como prototypo de virtude, e tanto mais que o barão era conhecidamente esposo adultero e de não pouco dissoluta vida.

— Primeira syllaba da charada; hein?... disse o capitão.

— A baroneza sabia desde muito dos desatinos do marido, via-se por elle abandonada á mais ampla liberdade nos bailes, nos theatros, e na propria casa; sua virtude porém refulgia isenta da mais livre suspeita.

— Anjo e martyr!... exclamou o capitão, cujo cigarro se apagára, sem que elle désse por isso.

— Mas de repente a recatada transformou-se em garrida e namoradeira: não houve periodo de transição, nem gráos de decadencia; a baroneza metamorphoseou-se em uma noite de baile, ostentando-se leviana, desasisada, como ha pouco no theatro.

— Tinha n'essa noite, e antes de sahir para o baile brigado seriamente com o barão, que é por força ingrato e desleal como um gringo; disse o capitão, torcendo o bigode.

— O mais, Ávante, é a lamentavel historia de dez mezes ou um anno denunciadores da vida mais equivoca e desastrada.

— Como então?...

— N'esse periodo relativamente tão curto, a opinião das sociedades frequentadas pela baroneza e a censura publica dão a esta senhora

não cinco ou seis como ouvimos no theatro, mas quatro amantes plenamente favorecidos.

— Quatro! tu quasi igualas a informação do pintalegrete, doutor?...

— Sim; porque o segundo por muitos denunciado, e o menos ostentoso d'esses quatro amantes, fui eu.

— Tu!... oh!... tu!...

— Sim! eu tinha acatado, rendido cultos á virtude da baroneza; mas ao vêl-a abatendo-se, e prestando-se a requestas menos pudicas, eu que me sentia captivo de sua gentileza e do seu bello espirito, fiz-lhe côrte affectuosa, e bem de pressa fortemente correspondido com ardor que zombava do reparo publico, animei-me, esperei, e endoudeci, esperando tudo!...

— Oh!... e avançaste, bradando ávante!... como eu bradava lá na guerra, malvado doutor?...

— Palavra de honra, capitão!... essa mulher deu-me tudo quanto podia dar-me com ousadia compromettedora em face dos homens, nas sociedades, nos bailes, nos theatros, flôres de seus ramilhetes, sorrisos quasi lascivos de seus labios, flammas ardentes de seus olhos, con-

versações ternas e intimas; eu porém não era o amante feliz que a murmuração proclamava.

— Mas por fim...

— Por fim, Ávante, em um dia de erupção volcanica, animado, como que autorizado por tão manifesto rendimento, cahi de joelhos a seus pés, e não sei bem como lhe fallei e o que lhe disse...

— E a *baroneza de Amor?...*

— Sorriu-se tristemente e respondeu-me : « perdeu tanto tempo!... hoje é tarde ; porque desde hontem mudei de amor. »

— Petulancia ou zombaria!...

— Quiz beijar-lhe as mãos; ella negou-m'as e levantando-se, disse-me : « não tenho o direito de julgar-me offendida, e porisso, doutor, peço-lhe que continue a vir apertar-me a mão; mas sómente como simples e bom amigo.

— Que mulher!

— Logo depois os murmuradores deixaram-me em paz lastimavel, e occuparam-se com o terceiro amante da baroneza.

— Quem foi?

— Un diplomata de celebridade erotica.

— E esse?... feliz?...

— Muitos o acreditam.

— E tu?...

— Que posso eu pensar?... sei apenas de mim, e juro que não tive a felicidade que me attribuiram.

— E o conselheiro Adeodato?

— Dizem-no amante da baroneza : effectivamente, é seu namorado ha dous mezes.

— Doutor! a baroneza sabe que atassalham sua reputação, e que lhe dão amantes em todo ponto additados ?

— Sabe-o : no tempo de minhas vãs esperanças, eu lh'o disse, aconselhando prudencia.

— E ella?

— Turbou-se com evidente confusão e dôr por breves momentos; mas immediatamente riu-se com indicação de desprezo ou de sinistra colera.

— E não se corrigiu?... é bem notavel!...

— Sabe pois que já fiz mais : em prova de amizade communiquei-lhe ha poucos dias os horriveis juizos que se faziam de suas relações com o conselheiro.

— E ella?...

— Disse-me, torcendo as mãos com magoa-

dora força e tendo as faces em devorantes flammas : « eu quando amo, não dissimulo; o senhor bem o sabe; deixe que me flagellem!... »

— E o marido da *baroneza de Amor?...*

— Creio, ou devo crer que é o unico homem que n'esta cidade ignora o que mais por sua honra lhe cumpria saber. Isso porém é explicavel; porque, já t'o disse, o barão occupa-se muito de mulheres; mas a mulher de quem menos se occupa é a propria esposa.

O capitão Ávante accendeu outro cigarro, fumou-o todo, absorvendo-se em reflexões, e por fim perguntou :

— Doutor! ainda amas a baroneza?

— Não; estou perfeitamente curado d'essa paixão infeliz.

— Mas continuas a ser seu amigo?...

— Muito, e cultivo com innocente encanto a amizade d'essa bonita, espirituosa, e excellente senhora.

— Doutor, desde que não amas, e és amigo da baroneza, eu quero que me apresentes a ella.

— Nada mais facil, capitão; que empenho porém é o teu?

— Sympathisei com a baroneza, e apezar,

ou talvez pelo proprio descomedido mal que ouvi dizer d'ella, interessei-me pela victima da detractação; em uma palavra, tomei gosto ás charadas lá no campo da guerra; a baroneza se me afigura charada, e desejo decifral-a.

— Dentro de tres dias serás apresentado á *baroneza de Amor*, meu Ávante.

— Obrigado, Olympio.

— Bem : agora consentes que eu vá dormir?

— Sim; porque tambem me apraz ir sonhar...

— Com os olhos da baroneza que apanhaste por vezes fitos em ti?... perguntou o doutor Olympio, sorrindo e já a retirar-se.

O Ávante comprehendeu a malicia do sorriso do amigo e disse sem mostrar-se agastado :

— Exactamente : quero sonhar com aquelles bellos olhos que por vezes se fitaram no meu afeiado rosto : quem sabe?... póde ser que, não direi o bom gosto, mas o capricho feminil da baroneza ache mais que apreciar nas minhas cicatrizes de soldado vencedor, do que no lindo e liso semblante de um certo medico, que perdeu seu tempo a adoral-a, e acabou reconhecendo-se mystificado.

O Dr. Olympio desatou a rir.

Na manhã do dia seguinte estavam os dous amigos á mesa do almoço, quando o criado apresentou ao doutor Olympio uma carta, que acabava de ser entregue.

Recebendo e examinando o envoltorio da carta, o doutor exclamou :

— Oh!... é da *baroneza de Amor!...* traz o sinete de suas armas... e a letra me é conhecida...

E abriu a carta, leu-a para si, e exclamou alegremente :

— Capitão Avante! não te apresentarei á baroneza!...

— Porque?...

— Porque, ditoso mortal, é ella que te quer apresentar a si mesma!

— Como é isso?

— Escuta.

E o doutor Olympio leu a carta.

« Doutor; desejo e devo conhecer o militar, capitão, creio eu, que a seu lado e como amigo evidentemente intimo se sentava hontem no theatro. Quero que m'o apresente : por capricho de moça, que quando almeja, se revolta, esperando mais do que é preciso, previno-o, de que

não me ha de apresentar o seu amigo amanhã, exactamente porque é de minha vontade e da sua obediencia affectuosa que m'o apresente hoje.

Baroneza de Amorotahy.

V

BORBOLETA E BARONEZA

Irene era filha de opulento capitalista da cidade do Rio de Janeiro.

No pittoresco bairro das Larangeiras muitos ainda se lembram da linda menina, borboleta infatigavel, que brincava com as flôres do rico jardim da chacara de seu pai.

De manhã antes dos ardores do sol, á tarde logo que se annunciava o crepusculo, soltava-se a borboleta que correndo traquinas e a colher e a espalhar punhados de flôres, cansava a criada que mal podia seguil-a, e atormentava o jardineiro com suas impunes devastações.

Alberto Xavier e sua esposa D. Catharina

adoravam a filha com tanto maior estremecimento, que era ella o fructo que lhes restava de seu santo amor : cinco outros filhinhos tinham-lhes fugido ainda na infancia, batendo as azas para o céo.

Sob os olhos e immediata vigilancia de seus pais Irene cresceu, recebendo a mais zelosa educação. Aos quinze annos fallava correctamente o francez, o inglez e conhecia um pouco as respectivas litteraturas além da portugueza; era pianista de algum merecimento, cantava excellentemente, dispondo de voz agradavel; desenhava como simples amadora, mas revelando admiravel talento.

Melhor que isso, o coração de Irene tinha sido ainda mais cultivado, do que o seu espirito. Tão amorosa como prudente, a mãi soubera ensinar sem indicar que ensinava todos os preceitos de moral pura á querida filha, e com a proficiencia instinctiva do amor materno que não é cego, estudou, esmerilhou todas as qualidades e disposições felizes e todos os defeitos do seu caracter para desenvolver aquellas e corrigir estes; ao mesmo tempo que o pai, completando o sabio systema, velava como senti-

nella á porta da casa para impedir o contacto e as relações que poderiam ser nocivos á educação da menina.

No emtanto Irene continuava a instruir-se e adiantar-se no estudo das sciencias naturaes : os amigos da familia diziam gracejando que Alberto queria ter filha sabia.

Mas nem Alberto notava, nem sua esposa via, nem os amigos lhes diziam que faltava uma pedra á base do monumento.

Irene não tivera nem professor, nem estudos da religião santa que aliás lhe tinham dado no baptismo : sua mãi lhe ensinára na infancia o signal da Cruz, depois as principaes orações, e rudissimas e incompletas noções da religião catholica, e nada mais; porque tambem nada mais podia.

E a menina, balda de conhecimentos religiosos esclarecidos e fortes, absorvendo seu espirito exclusivamente na leitura e estudo de poetas e de historiadores philosophos de diversas escolas e religiões, achou-se sem o pensar, e sem n'isso reflectir, catholica, porque a tinham feito ser, observadora do culto externo por costume e pelo doce e attractivo encanto do exem-

plo de sua mãi, mas sem a flamma e sem a força da fé verdadeira e profunda que dá a graça da paciencia na maior adversidade, a palma do triumpho no martyrio, e a serenidade e a esperança na morte.

Com essa educação solicitamente dirigida, imperfeita porém em ponto essencial, que aliás poderia ser facilmente illuminada em quem só aprendêra preceitos de sã moral e de virtudes, Irene foi aos dezeseis annos apresentada por seus pais á sociedade, que a recebeu ufana e applaudidora do thesouro que lhe traziam.

Sem que fosse formosa, a filha de Alberto era incontestavelmente bonita. Ella tinha finos e magnificos cabellos castanho-escuros, fronte elevada, espaçosa e lisa, supercilios levemente arqueados, um pouco demais espessos e quasi unidos, os olhos pretos, bellos e da feição de amendoas, rosto em oval, as faces firmes, mas sem a doce serenidade que completa a belleza; o nariz como que modelado pela Minerva de Phidias, os labios delgados sem exageração, dentes lindissimos, as orelhas ligeiramente separadas da cabeça, moveis e delgadas : sua tez branca apenas indicava o matiz de suave pallidez.

Alta de estatura, esbelta e graciosa, tinha sobretudo maravilhoso collo, e mãos delicadissimas que faziam perdoar os braços menos grossos do que deviam ser; a cintura muito fina ainda mais ostentava as fórmas e contornos do corpo admiravel, que a tornavam encantadora com a boniteza de seu rosto, que sómente não attingira o bello pela desharmonia de algumas feições.

Sem indicar predominancia absoluta, a constituição nervosa parecia sensivel na joven donzella.

Tão rica de dotes physicos, Irene mostrava-se ainda mais interessante e enlevadora pelo seu feliz caracter : boa e affavel sem pretenções de attrahir, modesta sem vexame, conversando com lucida intelligencia sem pedantismo, pura sem fingimentos de infantil innocencia, e em seu olhar, e em todas as suas acções, e em todo o seu proceder tão candida e de tão virginal pudor, obrigava louvores e admiração.

Além de tanto merecimento, ella possuia outra condição que não era menos deslumbradora, a grande riqueza de seus pais.

Cercada de adoradores Irene se manteve in-

differente e isenta de amorosa affeição quasi dous annos : ninguem pôde em tanto tempo vel-a mostrar preferencia por cavalheiro algum, e ainda menos suspeital-a de tolerancia á namorada côrte.

A sociedade thurificadora, inebriante de lisonjas, eloquente a fallar de amor, a sentil-o, e a fingil-o, e a conspirar d'esse modo contra a pudicicia, rendeu-se maravilhada ante a pureza da filha de Alberto, e enlevada ou confundida não soube adivinhar que já tinha inoculado seu veneno no animo da donzella.

Irene, respirando mergulhada n'aquella atmosphera de subtis e embriagadores perfumes, abysmada em elogios da sua belleza e do seu espirito, sciente do effeito que produzia, arrastando após seu carro triumphal cem ou mais captivos desattendidos e desenganados, desvanecida do mal dissimulado orgulho que inspirava a seus pais, abriu pouco a pouco, cada vez mais, e emfim plena e immensamente o coração á vaidade, que é a mais commum, a mais facil, a mais perigosa, e quasi sempre a mais fatal paixão que se apodera da mulher.

A vaidade é a ficção do maior poder.

e a realidade da maior fraqueza da mulher.

Sem deixar de ser pudica, já porém só pelo imperio da educação conservando em seu trato e modos a modestia que a realçava tanto, Irene convenceu-se de que era formosa, irresistivel por seus encantos e destinada a soberana felicitadora do homem de sua escolha : presumida assim em seu intimo julgar de si mesma, e tomando por sincero conceito a falla artificiosa da lisonja e a falsidade da adulação, reputou-se a primeira entre as mais bellas senhoras das sociedades que frequentava.

E já foi muito que não ostentasse, e que ao contrario tivesse a força de dissimular a convicção de sua offuscadora e superior belleza.

Aos dezoito annos emfim ella amou.

Depois de prolongada residencia em Montevidéo, em cuja praça fôra liquidar contas e negocios da importante casa commercial que no Rio de Janeiro herdára de seu pai, voltando de novo á patria o barão de Amorotahy pressuroso buscou as festas, os bailes, a sociedade emfim que tanto frequentára na cidade do seu berço, de sua familia, e de suas estimadas relações.

Quasi logo viu Irene, e logo que a viu, amou-a.

O barão tinha trinta e dous annos, alta estatura, bonito rosto, cuja tez era branca e fina : apenas produziam menos grata impressão seus olhos pardos e langorosos, e seus labios um pouco grossos de leve arqueados para baixo, como a procurar a terra, onde se revolvem grosseiros os instinctos e os gozos materiaes. Usava bigode e barba á *Cavaignac*, tinha bellas mãos aristocraticas e pés proporcionados.

Elegante no trajar, elle se distanciava do taful pelos modos affaveis, mas com certa indicação de gravidade, e ás vezes de melancolia, ou de abstracção; superficial e limitadamente inscruido, era comtudo de distincta e perfeita cortezia, e tão intelligente como espirituoso na conversação ; bastante rico, tinha-se retirado do commercio e por isso fôra a Montevidéo liquidar os negocios de sua casa : em vida de seu pai, e por avultado e patriotico donativo feito em seu nome ao Estado, recebêra o titulo de barão de Amorotahy.

Foi este o homem que conseguiu vencer a isenção de Irene e merecer o seu primeiro amor.

Alberto tinha sido amigo do pai do barão e conhecêra a este desde menino.

O amor de Irene foi abençoado.

Ninguem houve que não applaudisse a escolha de Irene, e o bem inspirado amor do barão.

Em breve effectuou-se o casamento auspicioso e resplendente de fulgurosas esperanças da mais ditosa união.

Amor, virtude, bellos dotes de intelligencia e de coração, riqueza immensa, posição social elevada, tudo, tudo assegurava futuro de suavidade, de encanto e de completa dita aos noivos.

No festivo dia da benção nupcial, á tarde, e quando sahiram do portão da chacara de Alberto os carros que conduziam para a igreja de *Nossa Senhora da Gloria* os noivos e seus parentes e amigos, um velho e antigo morador do bairro das Larangeiras, vendo-os passar, disse á mulher e á familia que curiosas tinham corrido ás janellas da casa :

— Lá vão elles casar-se aos pés de Nossa Senhora da Gloria! Deus os abençoe, e principalmente a menina!... lembras-te da *borboleta*, Joanna?... lá vai a borboleta a tomar o titulo de baroneza!... e digam que não ha felicidades

n'este mundo!... lá vai ella, lá vão elles á *gloria!...*

— E Deus seja por ella, que é tão boa e caridosa : disse Joanna.

— Pois que!... duvidas ainda?...

— Eu não; eu creio; mas ás vezes as apparencias enganam muito!... isto não é duvidar, é sómente modo de dizer, Francisco; mas eu creio que ella ha de ser feliz : Deus permitta!...

Uma hora depois Irene era baroneza de Amorotahy.

VI

MORTALHA NO MEIO DAS FLÔRES

Um anno de noivado em união santa e de inexcedivel felicidade.

A baroneza de Amorotahy era a idolatria de seu marido; o barão o doce enlevo de sua esposa.

Acabavam o anno de seu noivado, como se apenas o tivessem começado.

Offereciam aos contempladores de sua dita o quadro do amor suave e puro das almas candidas, como aurora brilhante em céo branco e sereno.

Foi então, n'esses dias risonhos e felizes, ao admirar a esposa presa em laços de flôres, tão amorosa e tão casta, modesta ainda como

era Irene em solteira, e sempre não cuidadosa, mas tão naturalmente pudica que nem mesmo a maledicencia ousava conjecturar um momento de indiscrição em que ella animasse sorrindo a côrte levemente suspeita de algum cavalheiro, foi então que alguns dando por menos euphonico o nome do titulo nobiliario, ou achando-o facilmente prestavel á lisonjeadora abreviatura, começaram a chamal-a *baroneza de Amor* em vez de baroneza de *Amor-otahy*.

A abreviatura agradou : as amigas da baroneza não a trataram mais de outro modo.

A principio a joven esposa julgou dever mostrar-se contrariada e protestou; vendo porém que protestava debalde, uma noite em reunião familiar ouvindo chamarem-na *baroneza de Amor*, disse, córando docemente, e olhando para o marido :

— Ouves, Carlos?

Carlos era o nome baptismal do barão.

— Ouves, Carlos?... eu já não posso revoltar-me contra essa abreviatura confundidora : tu és o culpado de me chamarem *baroneza de Amor*.

— Como?...

— Porque foi o teu *amor* que me fez *baroneza.*

D'essa noite em diante foi geralmente adoptada a abreviatura.

Ao marido trataram por barão de Amorotahy; á esposa por *baroneza de Amor.*

Que importancia real poderia ter essa differença no tratamento?.....

Determinára-a a estima, o merecido culto que se rendiam ás graças, ás virtudes, e á ternura conjugal da baroneza : fôra talvez de máo gosto, trazia resaibos d'aquella sociedade pedantesca que Molière fulminou em uma de suas melhores comedias; mas, excepto isso, a abreviatura era innocente e conferida por generoso sentimento.

A baroneza, cuja dissimulada vaidade não podia exceder-se mais, tendo-se exaltado pelo seu casamento, e pela adoração que lhe tributava o esposo, acabou por aprazer-se, e ufanar-se do singular e blandicioso tratamento.

Entretanto ás vezes ella reflectia sem querer, e instinctivamente se melancolisava, pensando na insignificante differença do nome titular.

Um dia e a sós com a baroneza, o esposo

interrogou-a brandamente sobre o objecto ou a causa d'esse triste scismar.

— Uma puerilidade; disse ella.

— E qual?

— Chamam-me *baroneza de Amor*, e isso me desgosta.

— Porque, meu bom anjo?...

— Porque em nome separaram-me de ti : se te chamassem tambem *barão de Amor*, eu gostaria; mas essa diversidade!... cortaram-me pelo meio o nome do nosso titulo! fizeram mal!... ás vezes se me afigura a idéa do divorcio n'essa quebra maldita pelo meio do nome Amor-otahy.

— Criança!...

— Se eu disse que era puerilidade!.. mas porque me haviam de arrancar o teu nome inteiro, completo, titular ou não que me importa, o que porém é teu e portanto todo meu!... eu não quero isso!...

O barão viu duas brilhantes lagrimas pendentes dos longos cilios da amada esposa e foi sorvel-as voluptuoso, beijando os mais ternos olhos.

— És a *baroneza de Amor!*... toda meu amor!... exclamou elle.

E beijou-lhe os labios e o seio, como lhe tinha beijado os olhos.

E o scismar, e a melancolia da baroneza trocaram-se em brando inebriamento quasi dormido entre os braços do apaixonado e queridissimo esposo.

Quando ella, vencendo a languidez, desatou-se dos braços do barão, perguntou-lhe este :

— Scismarás ainda, Irene?...

A baroneza respondeu sorrindo ; mas desviando os olhos, e córando de leve :

— Se eu dér em scismar muitas vezes, o culpado és tu.

Além de um anno mais seis mezes tinham corrido assim em dias jocundos e em cadeias de flôres.

De subito desfechou-se o golpe de cruel infortunio.

A morte de dona Catharina, fulminada instantaneamente por apoplexia cerebral, lançou em afflicção a familia.

Immensa e profunda foi a dôr da baroneza ; ella porém tinha por si a juventude, o amor do esposo, a esperança, o futuro para fazel-a ainda sorrir á vida.

Não assim Alberto Xavier : mais forte, mais resignado que a filha, fechára os olhos da esposa, e vira sahir o seu cadaver para o cemiterio : é certo que então as lagrimas lhe corriam por entre as rugas do rosto moreno, como fios d'agua a descerem pelas estrias de uma rocha; o velho porém não se abateu até a consternação.

Todavia semanas se foram volvendo e Alberto, que tanta força de animo ostentára, mergulhado em sombria tristeza pouco a pouco foi cahindo n'aquelle abatimento indicador da pena que gasta a vida.

Os medicos aconselharam alguns mezes de residencia fóra da côrte e em localidade recommendavel pelo clima.

A estação era a do calor ardente : dona Margarida, senhora viuva e irmã de Alberto, propôz-se a leval-o para uma chacara que possuia em Theresopolis.

O irmão conveio em ir.

A baroneza preoccupada do estado de seu pai desejou acompanhal-o.

O barão, ouvindo o que ella lhe propunha,

pareceu reflectir por breves momentos e perguntou logo depois :

— Queres separar-te de mim, Irene?

— Ah, não! eu quero ir, levando-te comigo.

O marido conteve apenas um movimento de contrariedade ou de impaciencia, e observou com voz meiga :

— Mas, bem o sabes, consideravelmente interessado, como me acho, em importante empreza industrial e sendo um de seus directores...

— Eu maldisse d'ella!... é a minha primeira rival!... observou a baroneza.

O barão sorriu-se e respondeu :

— Não haverá jámais rival de Irene.

— E Theresopolis fica alli..... a algumas horas só de viagem á côrte!..... acrescentou a piedosa filha.

E chegando-se ao marido, levantou-se nas pontas dos pés, pôz-lhe as mãos nos hombros, deu-lhe um beijo nos labios, e murmurou enfeitiçadoramente :

— Concede-me uma semana, Carlos!

— Dou-te um mez, minha Irene!... respondeu o barão, abraçando-a.

VII

O DELIRIO DO MORIBUNDO

O velho Alberto deixára a cidade soffrendo além de sua invencivel melancolia, ligeiros accessos febris, e phenomenos biliosos, que aliás não pareciam graves.

Nos primeiros dias o clima saluberrimo de Theresopolis fez desapparecer a febre e melhorar o estado geral do doente.

Mas a melancolia não se abrandou.

Alberto tinha amado em sua esposa a mais suave, dedicada, e santa das senhoras; havia-a adorado ainda mais do que á filha, identificára com a d'ella a sua vida, e perdendo a companheira, a amiga, a consorte de trinta e cinco annos, vendo morta a sua querida velha, socia

de risos e de lagrimas, não procurou, mas desejou e esperou tambem morrer em breve.

Quando seus melhores amigos tomaram as argolas do caixão funebre e foram sahindo com a defunta, ouviram todos e ninguem comprehendeu, não o grito consternado, sim a voz soluçante, mas profunda e convicta de Alberto que disse simplesmente :

— Até logo, Catharina!

O clima de Theresopolis não pôde curar a saudade, o santo amor ferido mortalmente no coração d'aquelle velho, extremosissimo marido.

Na segunda semana de residencia em Theresopolis pronunciaram-se de novo os phenomenos biliosos, e voltou a febre pouco forte, mas quasi continua, e consumidora.

Infelizmente coincidiu com esse facto a chegada de cartas que reclamavam a presença urgente do barão na directoria da empreza industrial ameaçada de prejuizos desastrosos.

A baroneza respeitou os deveres de esposo responsavel por interesses e capitaes que não eram só d'elle.

O barão partiu para a côrte, promettendo voltar no fim de oito ou dez dias; mas cinco

apenas eram passados, quando teve de acudir ao annuncio da morte que ameaçava seu bom e honrado sogro.

Chegou horas antes da agonia do velho, que desde o dia antecedente, cahido em extremo abatimento, e apenas balbuciando palavras em vago delirio, ao ver o genro que lhe tomava e lhe apertava as mãos, abriu os olhos, encarou-o, pareceu medil-o de alto a baixo, e disse :

— Não sei quem és... desconheço-te.

E não fallou mais : tinha perdido a voz; antes porém de expirar pareceu recobrar a razão; porque a custo moveu o braço, e com a mão aberta lançou a benção sobre a cabeça da filha que chorava de joelhos e debruçada á beira de seu leito de morte.

Duas dôres supremas e successivas tinham posto em martyrio o coração da baroneza, dous luctos sem interrupção cobriram de crepe o seu corpo e sua vida.

Logo após esses grandes golpes que parecem arrancar profundas raizes arraigadas no coração, o homem, e muito mais que o homem, a mulher que tem o seu maior encanto e o seu maior tormento no apuro e nas delicadezas da

sensibilidade, de ordinario se deixa prostrar n'aquelle estado de alheiação, que assemelha-se á estupidez : então a indifferença é completa e só pouco a pouco a affligão vai desmaiando em magoa, e activando-se os sentidos como que soporisados, recuperam seu imperio a consciencia e a razão.

Depois da morte de seu pai ficára assim durante cêrca de um mez a baroneza.

O barão era homem e não era filho de Alberto para abandonar-se a tanto excesso de dôr : além d'isso tinha obrigações a cumprir que tambem naturalmente deviam distrahil-o.

Satisfeito o prazo do encerrado enojo, e sem duvida urgido pelos cuidados da sua empreza industrial, mostrou-se elle muito menos assiduo ao lado da esposa, que felizmente não indicava impressionar-se de suas longas tarefas longe de casa.

A baroneza via o marido voltar a ella depois de horas longas de ausencia, e affectuoso acaricial-a, sem que de leve se mostrasse abalada pelo isolamento em que elle a deixava em seus dias de acerbo penar : ao contrario a presença, a voz, os afagos do esposo, não conseguindo

fazêl-a sorrir, ao menos evidentemente lhe reaccendiam no rosto a flamma da vida e nos olhos a flamma do amor.

Mas no meio d'esses passageiros lenitivos de terna consolação vinha ainda a lembrança recente da agonia e da morte do pai affligir o coração da extremosa filha.

Havia então e sempre na baroneza sobre todas uma idéa, uma recordação predominante, que desagradava ao barão, e quasi que o fazia turbar.

Ella dizia innocentemente ao marido :

— Carlos ! Carlos !... elle te desconheceu, coitado !...

E ao impulso de novo accesso de dôr a baroneza fitava os olhos no rosto do esposo e repetia convulsa e chorando as ultimas palavras do delirio do moribundo :

— « Não sei quem és !... desconheço-te !... »

VIII

O BAILE SINISTRO

A baroneza acabára emfim por consolar-se: consolam-se as mãis, quanto mais as filhas, e ella então, que era esposa joven e amada.

Entretanto a vida não lhe sorria como d'antes: a morte lhe roubára seus pais, e a exclusiva dedicação do marido ao culto do seu amor tinha experimentado alteração sensivel.

A baroneza apezar de vaidosa era reflectida, e comprehendêra, justificando o esposo, que a ociosidade e a negligencia não se desculpam no proprio homem rico; porque o trabalho é lei de Deus, direito da sociedade e dever que honorifica.

E o barão sabia fazer-se perdoar as demo-

radas horas que diariamente roubava á esposa e que esta já impressionada e saudosa contava com os olhos no seu relogio.

Sempre solicito e apaixonado, elle adivinhava os desejos e os caprichos da sua Irene para immediatamente satisfazel-os; extremoso e ardente exaltava-se no seu amor, e ainda mais amante do que marido, sem calculo talvez, transportava em sua céga vaidade a baroneza, adorando-a, e inebriando-a voluptuoso.

A joven esposa dormia o somno da confiança; mas o barão despertou-a, abusando demasiado.

Pouco e pouco foi elle exagerando as suas ausencias, e além das manhãs que destinava aos negocios da extraordinaria empreza industrial, de que tão occupado se dizia, usurpava boa parte de quasi todas as noites áquella a quem devia tanta ternura, como exemplar fidelidade.

A baroneza diante de seu espelho julgava-se ainda mais bella do que aos dezoito annos, e muito ferventemente adorada pelo marido, rejeitou como absurda a primeira suspeita de offensa ao seu amor.

A vaidade ainda conservou-lhe a cegueira.

Em todo caso resentida da quebra de seu antigo e absoluto poder, pensou que o barão muito habituado ao luxo e á ostentação, aos bailes, aos espectaculos, e ás festas, fatigando-se das privações impostas pelo severo lucto, que ella teimava em guardar, procurava o recurso de outras distracções.

A baroneza alliviou o lucto, e annunciou seu reapparecimento nas brilhantes reuniões da sociedade elegante.

Na noite do primeiro baile, recordando todos os seus fulgentes e deslumbradores triumphos interrompidos ha alguns mezes, apurou os cuidados e os primores de sua rica e maravilhosa *toilette* : almejava e contava que a recebessem como nova e inopinada revelação de formosura offuscadora de todas as outras, e allucinadora do barão.

Ella tinha em si plano já delineado nas prelibações da victoria; sabia de antemão quaes os refens que tomaria ao marido de novo absolutamente escravizado.

A vaidosa entrou na sala do baile, ufanou-se ouvindo o sussurro de admiração que excitava,

e foi sentar-se perfeitamente convencida de que ainda, como d'antes, empunhava alli o sceptro de rainha.

Mas dentro em pouco ella começou a sentir uma nuvem embaciando-lhe o horizonte de flôres e de corôas triumphaes.

A mulher instinctivamente procura o verdadeiro testemunho do effeito que produz, e do gráo superior de formosura e de elegancia, a que attinge, não nos louvores e applausos dos homens, mas na expressão do olhar e no modo de não olhar das outras senhoras.

Irene, solteira, e baroneza casada fôra sempre a mesma em apparente modestia, em doce affabilidade para com todas as senhoras habituaes frequentadoras da sociedade aristocratica, e de todo isenta da mais ligeira, ou apenas imaginavel intriga amorosa; não devia ter nem rivaes, nem inimigas; tinha-as porém, e não ignorava que as tinha numerosas.

Menos bella do que muitas, Irene por bonita e engraçada rutilára com a perspectiva da riqueza de seus pais : era noiva de ouro; e com seus dotes pessoaes, e com o primor de sua educação tomára a palma que Páris déra a Ve-

nus : casada, a baroneza conservou essa palma pelo prestigio do passado, pela sua exuberante elegancia temperada por esclarecida virtude.

Entre as senhoras ha um crime que não se perdôa, é o crime da superioridade acclamada, e feliz.

Irene primeiro, a baroneza depois, tinha sentido que a julgavam superior, e que a invejavam feliz na expressão do olhar e no modo com que fingiam não olhal-a muitas das outras senhoras.

Entrando na sala do baile depois de oito mezes de ausencia, a *baroneza de Amor* desvaneceu-se da sensação que recebêra no sussurro lisongeiro, sympathico, e espontaneo dos homens.

O sussurro fôra como o hymno dos vassallos a saudar a volta da princeza soberana.

Mas faltava-lhe ainda a sancção involuntaria da sua superioridade feliz lida nos olhos e sublimada na fingida negação do olhar das senhoras.

A baroneza habil e dissimuladamente consultou o tribunal supremo.

Todas as senhoras, as amigas, as rivaes, as

invejosas, e as indifferentes a olhavam, como avidamente curiosas; nenhuma se afigurava a simular desattenção; de algumas fulgiam os olhos como em fervor maligno; de outras chegava-lhe o olhar mavioso de estima, rociando-a porém com indizivel expressão de piedade.

Não era isso o que esperava a baroneza: não lhe faltára na inspecção dos olhos feminís a certeza da impressão de seus encantos e do primor de sua *toilette*; mas evidentemente negavam-lhe o condão de seu imperio invejado, e da addítada primazia, que obrigavam a confusão e a inveja d'aquellas que menos generosas e nobres não lhe perdoavam a superioridade.

Objecto das vistas perscrutadoras e quasi impertinentes de todas, a vaidosa baroneza sentira-se contrariada por indicações de interesse de mais, e de inveja de menos.

Desgostosa e apprehensiva soube, todavia, conter-se e dissimular sua subita inquietação; observou porém cuidadosa quanto se passava e podia referir-se a ella.

Em breve e quando ainda se lisongeava do movimento sympathico e admirador que produzira a sua entrada no baile, chegaram-lhe

aos ouvidos palavras soltas á meia voz e de passagem perto d'ella proferidas por duas senhoras casadas que, casualmente ou não, a tinham considerado em rapido volver de olhos.

— Coitada! disse uma.

— Tão bonita!... é pena!... tinha dito logo depois a outra senhora.

De quem fallavam?... que pretendiam indicar?... porque diziam isso, passando diante d'ella, e parecendo ou fingindo abafar a voz?...

Urdira-se alguma conspiração feminina para perturbal-a, aturdil-a, e abater-lhe o animo?...

A baroneza reagiu com a potente energia de que sómente é capaz uma mulher em revolta de orgulho; recolheu quasi ostentosa, mas sem quebra do pudor, as impressões mudas, porém eloquentes, e as thurificações cortezes e respeitosas com que os cavalheiros mais distinctos prodigamente pagaram o tributo devido á sua belleza; teve momentos de espirituosa ledice, abundou em sorrisos de intima dita, resplendeu expansivamente feliz, e sahiu do baile ufana, jubilosa como o heroe que vai repousar sobre os louros de brilhante victoria.

Na carruagem o barão dirigiu-lhe por vezes

lisonjeiros cumprimentos; ella porém, reclinada e parecendo cahida em abatimento de fadiga, não o attendeu; tinha o espirito exclusivamente occupado do olhar das senhoras e das palavras soltas e de sentido ainda obscuro, mas sinistro, que ás duas ouvira, e foi por isso indifferente ou alheia aos louvores do marido.

Chegando á casa, o barão acompanhou-a até a porta da sala do toucador, e beijando-lhe a mão commovido e vanglorioso, disse-lhe :

— Minha Irene! tu foste, como eras sempre, a rainha do baile!...

A baroneza respondeu tristemente :

— Não, Carlos; creio que hoje me quebraram o sceptro.

— Como?

— Não sei; mas hei de sabel-o.

IX

A LUZ INFERNAL

A *baroneza de Amor* sentia emfim incendiar-lhe o coração a primeira suspeita da infidelidade do esposo, e ideava traças para chegar ao esclarecimento da verdade.

O genio do mal veio trazer-lhe a certeza do seu infortunio, poupando-a a indagações que a encheriam de vexame.

Logo depois de seu casamento, a baroneza teve de entreter frequentes relações com Amalia de Villares, cuja familia tinha sido muito amiga dos pais do barão: a intimidade com essa senhora não lhe sorrira; mas teve de condescender com o empenho do marido.

Amalia era dous annos menos moça que a

baroneza e talvez mais bonita que ella : tinha os cabellos castanhos-claros, lindos olhos azues e humidos, bello rosto docemente arredondado, faces brancas e de leve córadas, labios um pouco grossos, mas formando em suavissima arqueação a mais formosa bocca cujo sorriso era de endemoninhado encanto : para que não faltasse um senão a esse feiticeiro semblante o nariz dobrava-se inclinando-se sobre o labio superior mais do que convinha a quem só talvez por isso escapára de ser bella.

Menos alta que a baroneza, Amalia era quasi tão bem feita, e tão graciosa como ella.

Casada, mas esposa infeliz, não sabia recommendar-se por zeloso recato : os indulgentes apenas explicavam suas leviandades pelo desgosto e resentimento do desamor e do menospreço com que a maltratava o esposo extravagante e devasso : os juizes severos não a reputavam simplesmente leviana, chegando a attribuir-lhe lamentaveis fraquezas, pelo menos conjecturaes.

Era em todo caso senhora de reputação equivoca.

Embora se fingisse amiga da *baroneza de*

Amor, Amalia de Villares, tendo-se por muito mais formosa, não podia tolerar a primàzia que conferiam geralmente áquella que, além de bonita, era exemplar de honestidade e sentia-se ferida e como castigada pelos elogios que ouvia á esposa tão amorosa, como casta.

A felicidade conjugal da baroneza ainda mais atiçava a inveja de Amalia de Villares, que tão desprezada por seu marido vivia.

Companheira alegrona e infallivel nos bailes e nas festas, ella quasi de todo esquecêra a invejada rival nos tristes mezes, em que esta se mergulhára em duplice e pesado lucto; mas ao vêl-a de novo com fulgurante reentrada na sociedade, correu pressurosa e impellida pelo demonio da inveja a desfechar-lhe certeiro e terrivel golpe.

Apressou-se e correu; porque estava certa de poder toldar o céo sereno da vida da baroneza, e talvez de abater em precoce murchidão a mocidade e os encantos de quem, até então muito ditosa, devia mais fortemente sentir as afflicções de inesperado e cruel infortunio.

Amalia de Villares foi visitar a baroneza logo no dia seguinte ao baile sinistro.

Após abraços e beijos, amabilidades e lisonjas, a linda perversa provocou naturalmente a ruminação do baile, e no meio da lembrança de futeis episodios, e dos assumptos que tinham predominado nas conversações, adiantou como ao acaso e innocentemente a primeira palavra insidiosa, fina, penetrante, e pungente, como a ponta de um punhal.

Ouvindo clara insinuação á infidelidade e á perfidia de seu esposo, a baroneza estremeceu e alvoroçou-se vivamente.

— Ah! não sabias?... exclamou com ar de arrependida a intrigante.

E pareceu querer guardar triste silencio e reservas já impossiveis.

Houve então alguns minutos de fremente exigencia de revelações, e de hypocrita resistencia que pouco a pouco se deixou vencer.

A invejosa se afigurou emfim violentada pela amizade; mas ainda astuta, em vez de expôr, como denunciante, obrigou perguntas para sómente responder, como urgida informante.

Eis em breves palavras o que em longo e tormentoso dialogo Amalia de Villares referiu á *baroneza de Amor*.

Pouco depois da morte de sua sogra começára o barão a prevaricar como esposo, frequentando a casa de uma mulher, celebridade impudica : lançado na ladeira escorregadia do vicio não parou mais, e vivia esbanjando a riqueza em conquistas de outras iguaes libertinas; parecendo impellido por involuntaria e impetuosa exigencia da sensualidade, a principio empenhára-se em esconder seu desregramento; por ultimo já pelo escandalo offendia a moral publica.

A baroneza escutou convulsa, ardendo em ciume e raiva, a historia da perversão de seu marido; escutou-a, odiando a denunciante, e logo provocando-a a fallar mais, e a dizer-lhe tudo; e quando tudo já tinha ouvido, a temer que ainda incompleta houvesse ficado a envenenada denuncia, disse excitando com uma injuria a falsa amiga :

— Dona Villares... tu mentes.

— Eu minto!... exclamou Amalia.

— Tenho meu marido por homem honesto...

E accrescentou, fallando com os dentes quasi cerrados :

— É a inveja que o calumnia!

Amalia de Villares riu-se malignamente, e levantando-se respondeu :

— Ah ! se eu pudesse tambem pensar assim ! *baroneza de Amor!* esquece o que me obrigaste a referir... fui indiscreta e má; adeus !

A baroneza em pé e tomando e apertando com força as mãos de Amalia. exclamou com ancia :

— Não pódes deixar-me!... eu quero provas da infidelidade do barão !

Dona Villares não respondeu, e a pobre victima desatou a chorar.

— Baroneza!... baroneza!...

— Eu quero provas!... repetiu esta.

Amalia não teve piedade e murmurou :

— Infelizmente é tão facil!...

— Facil!... disse a baroneza, enxugando as lagrimas e fitando sua algoz com olhar desvairado.

— Sim... hoje mesmo, se o exiges.

— Hoje mesmo?!!!

— Se dura ainda a ligação ou o capricho da ultima quinzena, a actual amante do barão é uma actriz do theatro lyrico francez...

— Do Alcazar... franceza do Alcazar!... bal-

buciou em meia voz e como a morder as palavras a esposa trahida.

— Conforme o annuncio dos diarios de hoje, Mlle..., não me lembra o seu nome, representa na primeira comedia que é de um só acto...

— E então?...

— Ás nove horas da noite, pouco antes, ou pouco depois ella sahirá do theatro, e provavelmente...

— O que?...

— O barão de Amorotahy estará á porta para recebel-a, e leval-a comsigo.

A baroneza deixou-se cahir na cadeira, ou sentou-se com iroso movimento, e fechou os olhos.

Palpitou-lhe violentamente o coração.

Amalia de Villares continuou, dizendo :

— Se absolutamente o queres, hoje ás oito horas da noite tornarei aqui, e no meu carro iremos juntos ver com os nossos proprios olhos, se o que dizem é verdade ou calumnia; se eu minto, ou, boa amiga, te abro os olhos.

A baroneza parecêra concentrar-se e reflectir tanto quanto lh'o permittia a dôr dilacerante.

A virtude e a educação reagiam contra a violenta explosão do ciume e da colera.

Amalia de Villares perguntou :

— Queres?...

A victima respondeu :

— Não quero.

E estendendo o braço e offerecendo a mão á falsa amiga, disse-lhe :

— Tu me fizeste mal, dona Villares; deixa-me só : preciso chorar em liberdade.

Amalia de Villares retirou-se certa de haver deixado bastante veneno no coração da fulgurosa *baroneza de Amor*.

Ás oito horas da noite d'esse dia de angustias a baroneza toda em lucto e coberta de véo negro e denso sahiu só em seu carro, e foi apear-se na praça de S. Francisco de Paula, seguindo a pé e como em passeio pela rua do Ouvidor.

Chegando á esquina da rua depois chamada de Uruguayana, a nobre e infeliz esposa tomou por ella, e a passos vagarosos indo e voltando por defronte do theatro lyrico francez teve de prolongar por mais de meia hora sua imprudente espreita. Abrazada em vergonha e con-

fundida em vexames, mas possessa do demonio do ciume, resistiu e assoberbou impudicos gracejos e insultuosos louvores que lhe dirigiam homens licenciosos, confundindo-a com as mulheres perdidas ao vêl-a só e tantas vezes a ir e vir passear por alli.

Emfim ella estacou de subito furente e desorientada, reconhecendo o barão que fôra postar-se a uma das portas do theatro.

Alguns minutos a arrastarem-se morosos, como horas de horrivel dôr, e logo surgindo á porta uma mulher de modos desenvoltos, que o barão quasi abraçou, recebendo-a, e a quem impudente levou comsigo, rompendo por entre a gente que sahia do theatro.....

A baroneza ficára immovel, e como fulminada : momentos depois vertigem felizmente ligeira fêl-a apoiar-se á parede.

Um caixeiro insolente perguntou-lhe :

— O amante logrou-te, menina?...

A nobre senhora estremeceu, e ao desperto e supremo esforço do recato, retirou-se primeiro vagarosa, e logo cada vez mais accelerada.

O barão de Amorotahy, recolhendo-se á meia noite, foi achar a esposa em sua sala de

toucador, vestida de lucto (como ella tinha sahido poucas horas antes), sentada, tendo na face côr marmorea, nas mãos o gelo da morte, nos labios o rir da demencia, e nos olhos o fulgor e ás vezes o pasmo do delirio.

— Minha Irene!... exclamou elle, tomando-lhe e apertando-lhe as mãos; que é isso?... que tens?...

A baroneza respondeu com voz tremula e abafada:

— É meu pai que eu vejo... é meu pai, a quem ouço proferindo na agonia a sentença terrivel!

O barão realmente commovido, e assustado pelos soffrimentos evidentes da esposa, inclinou-se para beijal-a.

— Não me toque, disse ella com alteração de voz; deixei que me apertasse as mãos, para que as sentisse enregeladas, como tenho o coração.

Julgando-a delirante, o barão teimou em querer afagal-a, e dobrando-se, estendeu os braços para prendêl-a em amoroso amplexo.

A baroneza repulsou-o com força, e em pé, fitando-o com olhar de flammas volcanicas, e

com os labios reseccados e convulsos, disse-lhe, repetiu-lhe meiò rouca, com voz nervosa e a tremer na pronuncia, sinistra na expressão physionomica, as palavras de seu pai moribundo :

— Não sei quem és!... desconheço-te!...

O barão recuou dous passos, e logo depois cahiu; mas debalde cahiu de joelhos aos pés da esposa trahida.

X

O MARTYRIO SECRETO

O barão de Amorotahy era victima de um vicio ignobil que a educação bem dirigida e activamente alimentada poderia ter corrigido; criado porém na riqueza, na ociosidade, e n'aquelle fatal abandono, que provém do amor cego dos pais, tornára-se escravo de depravado sentimento.

O barão era victima da sensualidade.

Apaixonado por Irene e tendo-a desposado, amou-a como podia amal-a nas condições do seu caracter; amou-a porém com inverosimil, mas verdadeira fidelidade quasi dous annos.

A verdade inverosimil tinha explicação que era segredo exclusivamente do esposo. Irene

honesta e pudica ufanava-se do amor delicado e cheio de poeticos enlevos, que acreditava ter inspirado ao barão, e nunca pensára e se envergonharia se soubesse que devia sómente á natureza e a dons que ignorava a constancia e a ternura do marido sensual.

O barão achára em Irene esposa innocentemente apropriada a seu caracter, tinha por ella arrebatada paixão, e ainda no meio do seu subsequente desenfreamento, era Irene a mulher que elle preferia, a unica que não se gastava, alimentando-lhe a flamma libidinosa.

A *baroneza de Amor*, esposa apaixonada e casta, era sem calculo, sem consciencia a mulher ardente e voluptuosa, a Venus abençoada, que inebriava o esposo sedento de sensualidades.

Ella tinha em si e sem o pensar o condão do dominio do marido, se acaso o tivesse adivinhado e comprehendido, e se, menos pudica e virtuosa, se quizesse humilhar, explorando esse poder, esse prestigio inconfessavel.

Ninguem póde conjecturar quanto tempo chegaria a dilatar-se a fidelidade conjugal do barão em circumstancias normaes; veiu porém a morte

da mãi da baroneza, e tres mezes depois a de seu velho pai, alterar o doce e aditado viver do marido amante *lascivo*.

A *baroneza de Amor* em afflicção, em lagrimas, em lucto do coração tinha sido por semanas e mezes mais anjo da saudade a chorar ajoelhada entre duas sepulturas, do que esposa apaixonada e ardente no thalamo.

O barão exuberante, impiedoso, sem aquelle amor, o verdadeiro amor, que é flamma celeste ardendo na pyra do coração, cansou de esperar, e procurando consolações, furtivo e temeroso foi claudicar entrando a porta facilmente aberta por chave de ouro, e por onde vertiginoso desceu até o seio da cortezã reprovada.

O que se seguiu depois, Amalia de Villares o dissera.

A ladeira era escorregadia; o barão de Amorotahy precipitou-se desastrada e desbriosamente por ella abaixo.

Já elle tinha-se abysmado muito, quando em noite de impetuosa imprudencia a baroneza viu a luz infernal.

Sempre apaixonado, sempre a adorar, a pre-

ferir na esposa a amante mais cara a seu amor sensual, o barão prostrára-se a seus pés a implorar perdão e a jurar arrependimento.

Altiva e melindrosa, ultrajada pela perfidia, humilhada pela baixeza e pela ignominia das rivaes inconfessaveis, e sobretudo ferida e lacerada em sua immensa vaidade, a baroneza empurrou com o resentimento em furia e com o falso despreso do ciume em insania o marido ajoelhado e chorando a pedir perdão.

O amor dormido no seio da perfeita estima e da confiança, como no passado, não era mais possivel entre os dous esposos : o vicio dominante do barão, e a vaidade revolta da baroneza annullavam todos os meios de reconciliação domestica e de menos acerbo viver em relações reciprocas.

A baroneza sem duvida acabaria por perdoar ao marido infiel; pois que o tinha amado com extremo, e o amava muito ainda; ignorante porém do elemento do seu poder sobre elle, e que embora o conhecesse, jámais o teria calculadamente empregado, e muito menos o empregaria em circumstancias tão desfavoraveis e asperrimas, alheou-se do barão em resenti-

mento e em ciume, que aliás não poderiam durar sempre.

O homem sensual, o adultero arrependido não soube acatar a justa prolongação do seu castigo, e dentro em pouco, queixando-se, maldizendo do que chamava crueldade da esposa, voltou como em todo caso naturalmente voltaria para o pasto da lascivia.

A baroneza confrangeu-se; mas conteve-se orgulhosa, e mostrou-se na altura de sua educação e do respeito que devia á sociedade.

Desde então houve no lar domestico entre os dous esposos convivencia apparente nunca perturbada, e secreta separação absolutamente mantida.

O desgosto da infeliz esposa era profundo; resolvida porém a ostentar em face do publico as exterioridades briosas que na propria casa guardava diante dos famulos, a baroneza, violentando-se, não alterou seus habitos, e frequentou como d'antes os bailes, as reuniões e os theatros.

O barão pouco a pouco e cada dia mais afundado no golfão da libertinagem chegou emfim ao ponto de esquecer a decencia que a sua vi-

ctima zelava, desapparecendo das assembléas, a que a acompanhava, e muitas vezes tarde e mal apparecendo nos saráos e nos espectaculos a que ella ia com seu prévio conhecimento.

Por mais de um anno foi assim a vida da baroneza, que aliás nunca deixou ouvir uma queixa e resplandeceu sempre pela pureza do recato, pelo brilho da virtude, e pelas apparencias de honorifica vida conjugal.

Era de todos sabido o desordenado e escandaloso procedimento do barão de Amorotahy; ninguem admittia a hypothese de que sua esposa o ignorasse; mas por isso mesmo pronunciava-se geral a admiração e a apotheose da esposa preclarissima.

Não faltaram adoradores a explorar a opportunidade das traições e do abandono que a baroneza experimentava : nenhum porém conseguiu chegar á ousadia de uma franca declaração.

O mais atrevido, ou mais astuto de todos, um dia avançára insidioso, preconisando os encantos de quem merecia mais escravo e menos infido esposo.

A recatada senhora respondeu :

— Pouco me importa saber, se diz ou não a

verdade ; sei porém que me ultraja quem desabona meu marido.

Mas o que soffria abafadamente a baroneza podem dizel-o sómente as esposas honestas, amantes, trahidas e martyres sublimes.

Ella odiava, presumia odiar, e amava sempre o marido ; e esse amor em delirios de odio, e sua vaidade em erupções abafadas, e por isso mais perigosas, ameaçavam sempre sua virtude.

A iniquidade dos principios sociaes relativos aos dous sexos ainda mais a irritava na sua dolorosa provação de torturas.

O barão, algoz, esposo adultero, tinha sobre ella esposa honesta e victima todas as vantagens da lei, dos costumes, e das tolerancias immoraes da sociedade : ella, a victima, a esposa honesta sómente podia consolar-se com a palma da magnanimidade no martyrio.

Ao barão a impunidade de todos os gozos bebidos nas fontes repugnantes e escandalosas do vicio.

A ella, pobre galé do casamento infeliz, mas de voto perpetuo de fidelidade, cuja infracção mal se repara no marido, e não se perdôa á esposa ainda mesmo menosprezada e offendida,

a ella, á galé do casamento infeliz o sacrificio forçado da mocidade, flôr em murchidão precoce e imposta, da natureza exigente e em regelo obrigado, da sensibilidade toda flammas e em falso jazigo de morte.

A baroneza revoltava-se concentrada contra essa injustiça descommunal que na união legitimada dos dous sexos deixa o homem ser algoz impune e obriga a mulher a ser victima escrava, salvo o direito a recursos legaes que a fazem córar, e de que raro se aproveita ameaçada pela maledicencia que morde e pelo ridiculo que envergonha.

A instrucção um pouco desenvolvida, mas incompleta, que recebêra, aggravava os perigos da situação anomala da baroneza que com olhos de meio-sábia via, e aprofundava irritada e violenta a inferioridade da mulher nas condições sociaes dos dous sexos.

O recato que tanto engrandecia a nobre senhora era virtude bem cultivada pela educação; não se enraizára porém nos preceitos luminosos e puros da religião santa, que fortalece com a paciencia e sublimisa com a fé.

Ao tempo de sua cruel provação a baroneza

meio-sábia não soube voltar-se de coração e de consciencia para Deus.

Era facil vir o demonio tental-a.

E veio.

XI

A TENTAÇÃO

Amalia de Villares passava divertidamente, na apparencia ao menos sua, vida de esposa desamada. Desde que se convencêra de que incorrigivel o marido a desleixava, abandonando-a a si mesma, riu e brincou muito mais do que d'antes. Se acaso se excedia algumas vezes no recreio e folguedo consoladores, o limite das consequencias do excesso observado era ponto controvertido.

A baroneza, depois das revelações da infidelidade e da perversão de seu esposo tinha procurado evitar polidamente a indiscreta ou maligna denunciante. Amalia porém não era evitavel; teimava em agradar, impunha-se pela

amenidade e pela graça, e fazia escusar seus erros por indicações de leviandade innocente.

Ainda a inveja a inspirar maldades, o genio a exigir socias de alegria, e qualquer outro sentimento menos reprovado ou mais desculpavel levaram Amalia de Villares a constranger a amizade da baroneza, e a vencer-lhe a evitação resentida.

Uma noite ella tinha dito no baile á baroneza :

— Eu te fiz mal, sem intenção porém de o fazer; perdôa-me!...

E parecêra confrangida, fallando assim.

Em outra noite murmurára-lhe ao ouvido :

— Irmãs pelo infortunio, porque não seremos as melhores amigas?...

A baroneza sorrira-lhe; ella animada voltára logo para dizer gracejando :

— Mas olha que eu protesto contra a fraternidade no modo de levar o infortunio; porque tu o carregas resignada e eu, não podendo livrar-me d'elle, atormento-o, não lhe sentindo o peso.

E assim a agradar, a brincar, a repetir visitas, Amalia de Villares pouco a pouco recon-

quistou não a amizade, mas a benevolencia da baroneza.

Ou a inveja ainda, ou esse ruim mas frequentemente observado sentimento, que impelle a mulher menos bem considerada ao desejo de nivelar comsigo aquella que se distingue pelo merecido respeito geral, ou emfim o caracter leviano, e talvez tudo isso a um tempo levaram Amalia de Villares a tentar esmorecer o recato da esposa infeliz, insinuando falsos principios em ironias loucas, em juizos destacados e perigosos, em conversações apparentemente banaes, mas perversoras.

Um dia ella chegou á casa da baroneza.

— Venho pedir-te parabens!... exclamou rindo-se expansiva e alegremente.

— Porque?....

— Uma afortunada noticia! meu bom marido mudou de amante, e acaba de entregar-se á mais innocente creatura que, salvo a belleza das fórmas, é ao que dizem, o polvo da lascivia!

— E te alegras por isso?...

— Então?... o polvo lá, mais liberdade cá.

— Dona Villares!

— Eu não avanço, empurram-me para a liberdade : queres que não a aproveite?

— Ainda assim... tu erras.

— Baroneza de Amor! não és bastante digna da abreviatura do teu nome nobiliario : tu és cem vezes mais sábia, e mil vezes mais estupida do que eu.

A baroneza riu-se.

— Cem vezes mais sábia, continuou dona Villares, porque te mantens esplendida no throno da tua virtude; e eu sou mil vezes menos estupida, porque não me deixo ficar no fundo do abysmo infernal de todas as desconsolações, do suicidio da mocidade e da morte do coração.

A baroneza perguntou rindo ainda :

— Então o meu throno esplendido é ao mesmo tempo abysmo infernal?...

— Que duvida; pergunta-o a ti mesma. Minha querida, o mais bello vestido é feio pelo avesso.

— Mas o meu vestido a que alludes, não tem avesso; disse a baroneza.

— Se o tem!... tu o vestes pelo avesso no coração.

A baroneza suspirou, reconhecendo a verdade n'esse ultimo juizo de dona Villares.

— E o teu vestido, leviana?

— O meu?.... se já disse que sou mil vezes menos estupida do que tu!... desde que meu adoravel marido me declarou inteiramente fóra da sua moda, não perdi mais meu tempo a consultar-lhe o gosto, e virando o vestido, ornei o avesso, e me consólo com a elegancia d'esta *toilette* que é um pouco á négligé; mas que ao menos me faz não sentir as asperezas da adversidade.

A baroneza cravou demorado e perscrutador olhar na face de Amalia de Villares, e depois disse-lhe :

— Ou finges o que não és, ou tens esquecido o teu dever.

A leviana, ou menos digna senhora, respondeu com o tom de perfeita sinceridade :

— Fingir é o que não sei; muitas vezes tenho peccado por indiscreta, por fingida nunca. Quanto ao dever... baroneza! antes de tudo, não achas que o dever é elastico?...

— Não, dona Villares; eu creio que o dever é o dever.

— Eis-ahi uma definição eloquentissima, que tem apenas o defeito de não ser definição.

— Define tu melhor do que o fiz.

— Lá vai, baroneza! o dever é a obrigação elastica que se cumpre e que não se infringe, desde que não se ultrapassa o limite da elasticidade.

— Que queres dizer, douda!...

— Oh, bella sábia! quero dizer que lançada ao desprezo por meu marido, assentei que era tolice suspirar por elle, e rematada loucura morrer de pena : assim por consoladora distracção deixei-me, e deixo-me namorar, e accendendo amores platonicos, vou illudindo a imaginação e divertindo-me sem offensa do dever; porque sempre faço ponto no ponto onde acaba a elasticidade do mesmo dever.

A baroneza encrespára de leve suas bastas sobrancelhas, ouvindo a theoria immoral de Amalia de Villares, e não podendo disfarçar a reprovação, observou seriamente :

— Em quem reputa elastico o dever, ás vezes se suspeita illimitada a elasticidade d'este : vê bem, dona Villares!

Amalia respondeu sem hesitar :

— Sim; eu sei que me calumniam; mas na situação em que nos deixaram á força, não ha recurso sem inconvenientes.

E primeira vez colerica exclamou :

— Sou moça, e não sou feia; porque fui indignamente desprezada?...

— Tens razão.

— Porque hei de ser tão rebaixada, vendo preferidas a mim mulheres perdidas?

— É horrivel certamente!...

Amalia de Villares parecia embravecer-se ainda mais, quando de subito desatou a rir.

— Havia de ser bonito!... disse ella logo depois; o meu querido Villares a deixar-me casada sem marido, e a multiplicar *casamentos civis* no registro publico de Venus, e eu a chorar saudades, a rezar pela sua conversão e dispondo-me a tornar-me irmã de caridade!

A baroneza a interrompeu, dizendo-lhe :

— Dona Villares, o mais prudente e digno é nem chorar saudades immerecidas, nem rir, como tu ris, de infortunio tão grave.

— Sábia! fica no teu throno : eu não saio do meu jardim de illusões.

— E das flôres d'esse jardim algumas não terão espinhos?...

— Ah, sim! terão; mas os espinhos me ferem por conta e risco do meu Villares.

A baroneza estremeceu, comprehendendo a atrevida e incasta allusão; guardou silencio por alguns minutos, olhando como apiedada para dona Amalia; por fim perguntou :

— Dona Villares, tu nunca amaste teu marido?

— Amei-o muito! amei-o extremosamente.

— E quando soubeste que elle te era traidor, ainda o amavas?

— Ainda como nos mais bellos dias de amor!... então chorei, desatinei, quasi enlouqueci...

— E depois?...

— Soffri, padeci, atormentei-me... ah!... tu sabes!...

— E depois?... e depois?...

— Consolei-me : disse rindo-se dona Villares.

— Como!...

— É simples : deixei de amar meu marido.

— E como?... perguntou com ardor a baroneza apertando fortemente as mãos de Amalia

de Villares; como pudeste deixar de amal-o?...

— Mais facilmente do que eu pensava.

— Facilmente?

— Sim...

— Deixa-se de amar o marido facilmente?...

— O marido ou qualquer homem...

— Oh!... exclamou natural e melindrosamente a baroneza; o marido não é qualquer homem.

— Pois deixa-se de amar o proprio marido.

— E como? dize-o!...

— Queres ralhar commigo?...

— Não! quero saber...

— O segredo está em um aphorismo que me parece da escola de Hanneman.

— O gracejo é inopportuno.

— Não ha gracejo; o aphorismo é muito sério; é este : « um amor infeliz cura-se com outro amor. »

— Oh!...

A baroneza retirou as mãos com que apertava as de Amalia de Villares.

— Eu não te receitei o meu remedio; apenas a instancias tuas confiei-te o segredo do especi-

fico que me curou do afflictivo amor que me atormentava.

A baroneza incredula, e com expressão physionomica de duvida ou de espanto, murmurou perguntando :

— Devéras, dona Villares, tu pudeste amar outro homem!

— Que te importa?...

— Dize tudo!...

— Pois bem; eu sou franca : a principio foi impeto de vingança...

— De vingança?...

— Sim! Villares me ultrajava com o seu desprezo, e eu pensava em vingar-me, fingindo desprezo tambem : namoraram-me, namorei...

— Por vingança...

— Esteril... não me curei assim; mas depois a começar pelo gozo da vaidade thurificada... cheguei sem querer á ternura que encanta o coração; amei, confesso-te que amei, e fiquei livre do amor que me torturava com a ingratidão do marido.

— Dona Villares!... é possivel? amar duas vezes, e aviltar-te assim?...

— Aviltar-me?... amar duas vezes?... *baro-*

neza de Amor, fizeram-te tão sábia, que te deixaram ignorante : contra a suspeita do aviltamento protesto e juro que nunca passei além do extremo limite da elasticidade do dever... namorar... amar platonicamente, sim... o erro, a fraqueza que infama, não!

— Mas amar duas vezes!...

— Tambem não incorri n'esse attentado de lesa-sensibilidade poetica...

— Então?... amaste ou não amaste outro homem?... explica-te!

— É que não foram dous! tem sido dez ou vinte amores e sempre uns a curar os outros!...

E Amalia de Villares rompeu de novo a rir.

XII

O CONTAGIO DO VICIO

O miasma que infecciona é imperceptivel; mas nem por isso menos fatal.

Amalia de Villares acabava de lançar no coração da esposa recatada o germen de uma paixão ruim.

De todas as idéas mais ou menos falsas, de todos os juizos e principios uns insensatos, outros immoraes, que a baroneza ouvira n'essa envenenada conversação, um unico irreflectidamente se firmára em seu animo: fôra o impeto da vingança, que determinára os primeiros amores platonicos de Amalia de Villares menosprezada por seu marido.

Em seus ciumes concentrados, mas despeda-

çadores, a casta senhora nem uma só vez imaginára a idéa da sinistra vingança castigadora da offensa com offensa igual. Amalia de Villares toldára o céo branco da alma da baroneza fazendo surgir n'elle esse ponto negro.

A digna esposa teve horror da idéa escandalosa e turva; a prova porém de que não a esquecêra, é que se horrorisava d'ella.

A baroneza era recatada e honestissima por indole e educação e por amor de si mesma: tinha consciencia de que lhe seria absolutamente impossivel tocar a ignominia da torpe vingança.

Mas quantos e diversos sentimentos a torturarem-lhe o coração e a desatinarem seu espirito!...

Ella amava o esposo com toda a violencia do odio, em que tomado de insania, se transporta embravecido o amor.

Ella abrazava-se em ciumes tanto mais crueis e terriveis, que ardiam abafados no seio.

Ella arquejava dolorosa vendo-se contrastada, humilhada em sua vaidade de formosa pelo esposo ingrato que infiel a menosprezava.

Ella se enraivecia considerando, que tendo sabido manter o respeito e a decencia na vida

domestica, a dignidade e o recato mais puro em face do publico e em todo o seu proceder, conservando, apezar das afflicções profundas e dissimuladas sua belleza e suas graças, o barão engolfado cada vez mais no paúl do vicio, nem voltava arrependido a cahir a seus pés, e nem sequer ensaiava algum meio de reconciliação.

Ella não confessaria a alguem, mas dentro em si reconhecia, que desejava perdoar ao marido transviado; que não podendo deixar de amal-o, amando-o embora com aquelle odio em que phrenetico se requinta o amor, depois de mais um anno de martyrio, perdidas as illusões, os sonhos poeticos da vida toda em risos e flôres, receberia menos acerba, e bem facil na indulgencia o barão, se elle viesse procural-a confuso, temeroso, mas almejante de ternura e felicidade.

E o barão solto e desenfreado nem adivinhava o seu amor em delirios de odio, nem calculava as proporções do incendio de seus ciumes, nem queimava leve incenso á sua vaidade, nem se arrependia, nem voltava a ella, nem parecia sensivel á sua belleza, nem se indiciava cubiçoso de enternecido perdão.

O barão de Amorotahy embriagado pela lascivia abandonava a esposa ás inspirações superexcitadas por sentimentos ardentes e em sua exaltação susceptiveis de excessos arriscados.

A baroneza assim tumultuada, e a soffrer torturas, vira sinistramente surgir no céo branco de sua alma o ponto negro da vingança.

E essa vida de angustias e de paixões violentas em convulsão intima e sonegada iá-se prolongando tremenda. O barão cada dia mais desenvolto abusava impiedoso da generosidade e da virtude da victima, e esta então estava vendo o sinistro ponto negro a crescer... a causar-lhe sempre horror; mas a crescer...

A idéa fixava-se; o que horrorisava era sómente a natureza da vingança que Amalia de Villares insinuára.

Um dia a baroneza concentrou-se; estudando o estado de sua alma e do seu coração, pôde reflectir, e teve medo : pareceu-lhe que a loucura a ameaçava...

Teve medo, medo de si!...

A mulher arremeda o infinito nas proporções, nos segredos, na immensidade do sentimento.

O medo operou singular, inesperada metamorphose.

A senhora vaidosa, a esposa do amor flammejante de odio, a baroneza emfim, não devendo, não podendo ir directamente esmolar os afagos de seu marido, conseguiu ao menos dominar seu orgulho, e com apuros de *toilettes* domesticas ostentadoras da graça de suas fórmas, com agrado mais suave no trato, e com os invites decentes de ternura de esposa, procurou tanto quanto lhe era licito, attrahir, chamar ás doçuras conjugaes o barão.

Faltou-lhe só fallar... pedir com a voz; e o barão, que já estava cégo e depravado, não soube vel-a a requestal-o.

Talvez que as prevenções da alheação de mais de um anno não tivessem deixado o barão apreciar os signaes da indulgencia da esposa offendida.

A baroneza quiz por força pensar assim; porque esse novo ultraje á sua vaidade, nos primeiros tormentos do desprezo, tinha tornado em densa nuvem o ponto negro.

E o medo tambem augmentára na mesma proporção.

E a baroneza que não sabia voltar-se para Deus, em desespero e temerosa de desatinos, via sua unica taboa de salvação no arrependimento e no amor do marido.

Então, — talvez já começasse a desvirtual-a a loucura que temia, — então ella desceu, abateu-se muito : a paixão, o medo, a esperança extrema, a ancia de naufraga desvendaram-lhe, ensinaram-lhe segredos de seducção cujos thesouros possuia, e de que casta ignorára o condão. Menos pudica, a misera esmerilhou fazendo surgir na memoria obrigadamente lasciva os dotes e os encantos que outr'ora mais transportavam o marido amante, e em noite maldita humilhando-se com sacrificio da dignidade tentou o ultimo recurso.

A baroneza tremula e como em delirio gastou uma hora a artificiar a sua *toilette* da noite; deu aos cabellos soltos, longos e bellos o perfume de que o barão mais gostava, tomou o mais fino e transparente dos seus vestidos de dormir, multiplicou instinctivos cuidados para na amplidão do vestido deixar adivinhadas e quasi manifestas as fórmas graciosas do corpo; e satisfeita da sua obra foi sentar-se em uma

ottomana na sala que separava os seus aposentos dos do barão, e por onde elle ao recolher-se necessariamente havia de passar.

A infeliz, solicitante, humilhada esposa teve ahi tempo de sobra para novos artificios : estudou nas projecções dos raios o melhor effeito da luz a derramar-se sobre ella, calculou o conveniente numero das velas, e dispôz com habilidade a situação dos candelabros : sentada em voluptuoso abandono na ottomana realizou quanto se poderia imaginar de mais provocadora seducção nas traições, e nas nuezas occasionaes do somno, e outra vez satisfeita da sua obra, fingiu-se adormecida.

Se a voluptuosidade tivesse anjo, a *baroneza de Amor* pareceria o anjo da voluptuosidade a dormir assim.

Era ao menos, como Venus adormecida, a incendiadora dos sentidos do homem que a contemplasse.

Era um prodigio de encantos, uns meio nús e a romper véos de gaze, outros a imaginaremse mais seductores ainda.

A pobre coitada esposa casta descêra ás provocações de bella amante immodesta.

Descêra e esperou demasiado; foi esse o seu primeiro castigo.

O barão chegou á casa quasi ao amanhecer: voltava de desordenada orgia e saciado e exhausto.

Entrando na sala viu a baroneza adormecida, e exposta das inconscientes incontinencias do somno ..

O homem voluptuoso approximou-se pé por pé, olhou, admirou a esposa... seus olhos brilharam com a flamma da lascivia — chegou-se mais... observou de perto... respirou ancioso... mas a noite de orgia o fatigára demais.

O barão voltou os olhos suspirando, foi muito de manso tomar uma vela e retirou-se cantarolando baixinho, como era seu costume, um motivo popular de opera franceza.

Quando o barão desappareceu, a baroneza que fingira dormir, ergueu-se furiosa, e em pé e escondendo e magoando com a mão cruel o innocente seio inexcedivel de belleza, murmurou terrivel, e convulsando-lhe os labios:

— Vingança!...

XIII

O COPO DE CRYSTAL

Recolhida a seu quarto, a infeliz superexcitada esposa debateu-se exasperada nas garras das paixões que em phrenesi a dilaceravam.

O ponto negro que se tornára em nuvem densa se estendêra em vasta e fatal pesada negridão de tempestade inundando todo o céo de sua alma, e como se fôra lugubre mortalha da consciencia e da razão.

— Vingança! repetia ella de momento a momento.

E depois, senão delirante, enfurecida e desatinada ao menos, a fallar a si mesma em tom baixo, e com a voz agitada por tremor nervoso, dizia :

— Extremo insulto! vingança extrema!... — o abysmo da infamia... que importa?!

E ria-se com o rir que obriga a compaixão e faz tremer... e continuava, dizendo:

— Abysmo... sim... arrasto-o porém a elle... roubou-me tudo... deixou-me só o seu nome... o seu nome com a honra que depende de mim!...

E riu-se ainda mais feiamente, fallando a morder as palavras:

— Seu nome!... manchal-o-hei!... ao abysmo!... sim!... quero descer. . quero o opprobrio!.., vingança!...

E tresvariada e como se fallasse a muitos ouvintes presentes, rompeu com as mãos o gaze que cobria seu peito, e revolvendo os olhos em flammas pela sala, perguntou em tom que seria grito, se o não suffocasse a dôr e o não cortasse um soluço:

— Quem... me... quer?...

E cahiu no leito estrebuxando em convulsão nervosa.

Quando depois de meia hora de terriveis contorsões e tremores o ataque abrandou, veio a reacção das lagrimas, afflictivo soffrimento

ainda a principio, mas depois valvula aberta aos excessos da paixão.

Mas a baroneza, conseguindo emfim estancar o pranto e em seguida levantar-se do leito, apenas tinha mudado de idéa no louco empenho da vingança.

Pallida, com o rosto contrahido e em mais de um ponto magoado, com os labios mordidos e tintos de sangue, abatida, e mal podendo andar, mas ainda com os olhos abrazados, silenciosa e profundamente triste a baroneza passo a passo chegou-se a um pequeno armario de mogno, abriu-o, tirou d'elle uma caixinha quadrada, dentro da qual escolheu um vidro, e levando-o na mão approximou-se da luz, e leu para si o letreiro que elle trazia.

Era *tintura de belladona*.

A victima do esposo adultero e desprezador louca ou delirante, ainda abraçára-se ao menos com a cruz da sua virtude; queria morrer honesta: era sacrilega, ultrajava a cruz com a tentação do suicidio; mas em impulso de demencia, e em desesperado almejo de vingança, preferia vingar-se suicidando-se casta

a vingar-se vivendo a deshonrar o marido com a sua calculada deshonra.

A baroneza tomou a luz, dirigiu-se para a sua sala de toucador, e chegando-se a este, tirou de mesa quasi contigua e enriquecida de cem diversos, mimosos, e admiraveis objectos de arte, de phantasia, e de elegante luxo um pequeno copo de crystal côr de fogo vivo a desmaiar para o pé e maravilhosamente lavrado, derramou n'elle a tintura de belladona, que a devia matar, e approximando uma cadeira, sentou-se e com os olhos fitos no lindo copo de crystal deixou-se ficar esperando.

Esperando o que?...

Esse copo de crystal de esmerado e custoso trabalho artistico tinha-lhe sido dado de presente pelo barão; era lindissimo, lembrava-lhe o tempo da vida aditada, céo branco sem nuvens, e então continha, encerrava a morte que a baroneza preangustiava a olhal-o fitamente e esperando...

Esperando o que?...

Ella não o dizia... talvez nem mesmo a si..... todas as suas faculdades, todo o seu animo estavam em desordem..... no meio da desordem

talvez ainda um raio moribundo de uma luzinha de esperança... quem sabe o que era, se ella mesma, a pobre martyr desatinada o não sabia!...

Ouvindo a pendula annunciar onze horas da manhã, a baroneza sempre de olhos fitos no copo de crystal tocou a campainha.

Acudiu immediatamente uma criada.

— Dize a meu marido, ao senhor barão, que passei mal a noite, acho-me ainda um pouco incommodada, e por isso almoçarei mais tarde no meu quarto.

A criada sahiu.

Quasi logo a baroneza ouviu signaes de que se servia o almoço.

Pouco depois reconheceu os passos do barão, que deixava a casa sem ao menos vir informar-se do estado e dos soffrimentos de sua esposa.

A baroneza gemeu dolorosamente, empunhou o copo de crystal, e levou-o até os labios.

Mais um minuto e ella ouviu o rodar da carruagem que levava o barão, talvez para o seio impuro, e para o gozo ignobil de impuras amantes.

— O senhor barão acaba de sahir : disse a criada, reapparecendo á porta da sala.

— E quem te recommendou este aviso? exclamou primeira vez arrebatada e inconveniente a esposa mil vezes offendida.

A criada fugiu.

E a baroneza em novo e violento transporte raivoso arrojou contra a parede o bello copo de crystal que se fez em migalhas, derramando no tapete da sala a tintura de belladona.

XIV

VINGANÇA-SUICIDIO

Á semelhança do cataclysma que muda a face da terra, ha profundos abalos moraes que transtornam o caracter natural do homem.

Desde o dia fatal em que a baroneza provára os martyrios successivos da improficuidade da tentativa desbriosa da seducção do esposo, do delirio impudico felizmente livre de testemunhas, da tentação do suicidio desfeita ainda por desesperada revolta contra o ultimo e impiedoso signal do mais immerecido desprezo, operou-se no animo e no proceder da misera senhora extraordinaria e lamentavel metamorphose.

Logo no primeiro baile a esposa infeliz, mas

venerada como symbolo de recato e de pudicicia, espantou os seus admiradores, que eram todos, indicando-se menos circumspecta nos modos, mais dispensadora de sorrisos equivocos, e afigurando-se susceptivel de galanteio.

A baroneza evidentemente se conteve pouco, e se manifestou bastante leviana; porque ao passear com um cavalheiro, que parecia fazer-lhe a côrte, encontrou em passeio semelhante Amalia de Villares, que bateu-lhe com o leque no hombro nú e alvejante, e disse-lhe sorrindo-se :

— *Baroneza de Amor !* tu vás tomando juizo !

E ella, já incasta, respondeu ; mas respondeu docemente, fallando ao seu cavalheiro :

— O que dona Villares quer dizer é que o senhor me está endoudecendo.

Era uma provocação.

A baroneza transformára-se de subito de recatada em immodesta. A virtude que fraqueja vai desmaiando gradualmente : só por impulsão de loucura a senhora honesta se ostenta de repente escandalosa.

O cavalheiro bello e rico joven de vinte e dous annos, estudante do quinto anno da escola de medicina, e adorador de todas as senhoras bonitas, prelibou a gloria da inesperada conquista.

A baroneza não podia fazer melhor escolha para desconceituar-se depressa : Felicio de Góes, o bello estudante, deixava sem reserva nem disfarce offender a todos os olhos a manifestação de um amor correspondido.

Em breve a baroneza foi por quasi todos declarada amante immodesta de Felicio de Góes.

Mas longos dias foram correndo sem que o estudante gozasse a felicidade que a diffamação já lhe attribuia : vivêra ainda assim docemente um seculo, se o não excitasse a conseguir completa dita a conjectura publica de que elle a tinha já merecido.

O joven estudante cultivava a poesia e lembrou-se de requerer em verso o que não se animava a pedir em prosa : escreveu um canto poetico, e foi lêl-o á baroneza.

O poeta reclamava de joelhos na terra doce premio de sua ternura, e a bella e compassiva

amada, levando-o em suas azas de anjo ao céo de amor, lhe concedia a indisivel gloria de um beijo dado em seu seio sem véo.

O canto poetico devia revoltar a baroneza; ella, porém, o ouviu até o fim, e depois respondeu sorrindo tristemente :

— O senhor errou! a sua poesia foi mal inspirada : para que me deu azas?... deu-m'as, e agora eu vòo e fujo : deixo-o no céo, a que me elevou, e volto para a terra, que é onde sómente sei amar. Adeus! o nosso amor acabou.

O Dr. Olympio veio quasi logo tomar o lisongeiro posto que o estudante perdêra, e, graças ás expansões publicas da baroneza, foi apontado como o segundo amante a que ella se rendêra.

Depois do Dr. Olympio o cavalheiro de... elegante diplomata e seductor de nomeada gozou, mas só durante poucas semanas, a fama de amante feliz da inconstante senhora.

Um collega e amigo do diplomata, notando a duração quasi ephemera d'este amor, perguntou-lhe gracejando :

— Cavalheiro! V. Ex. pediu, ou mandaram-lhe os passaportes?

O cavalheiro de... respondeu:

— Nem uma nem outra cousa: fui apenas victima de uma illusão de optica.

— Como?...

— Julguei que amava uma Venus de carne humana, e encontrei uma Venus de marmore.

Applaudiu-se a resposta generosa do diplomata; mas ninguem acreditou na rigidez marmorea da baroneza.

Por ultimo era o conselheiro Adeodato quem tomára o quarto lugar na serie dos amantes da escandalosa namoradeira que tanto nodoava sua condição de senhora casada.

Rara era a voz amiga que imaginava explicações e hypotheses para defender a baroneza: quasi todos a reputavam e a declaravam esposa infiel.

Este juizo condemnador era tão verosimilmente justo, como realmente falso.

A baroneza namorava provocadora e petulante, autorizando assim conjecturas ignominiosas; mas, inabalavel e fria, tinha sempre sarcasmo prompto e confundidora ironia á flôr

dos labios para despedir e repulsar os seus apregoados amantes quando estes ousavam pedir-lhe o favor, que geralmente já se dizia concedido.

Em todo caso a verdade era tristissima.

A baroneza que em delirio furente, adoptando a vingança do ultimo opprobrio, exclamára na solidão do seu aposento : — « quem me quer?... » e que logo depois arrependida preferira a vingança do suicidio que em seguida tambem rejeitára despedaçando o copo que continha o veneno, estava desastradamente realizando a um tempo as duas hediondas vinganças; porque do ultimo opprobrio era por quasi todos accusada, e não podia ser mais positivo e certo o seu suicidio moral.

A misera senhora tinha abandonado ao ciume o imperio da razão, ao despeito mais desabrido a fonte de luz da consciencia, e atirada á voragem, abysmava-se e simulava achar encantamentos no abysmo.

Não era muito que fosse mal julgada por todos, quem ao menos durante os primeiros mezes de seu phrenesi vingativo, não sabia comprehender o segredo intimo de seus pro-

prios sentimentos excessivamente alterados. A baroneza presumia-se arrebatada pela idéa temeraria e fatal, e pelo impulso exclusivo de manchar o nome do marido ingrato e ostentosamente adultero, de deshonral-o com a sua deshonra; mas cada hora, cada noite, cada dia ella sonhava com as revoltas do orgulho do barão, esperava e aspirava a tempestade no lar domestico, a erupção dos ciumes, ou ao menos da dignidade ultrajada do barão.

Porque esse sonho? porque essa esperança e essa aspiração?... ella não poderia dizêl-o na situação superexcitada de seu espirito.

Mas fatalidade, ou erro descommunal, o barão de Amorotahy nem tempesteava no lar domestico, nem rugia ciumento, e nem ao menos se indicava offendido em sua dignidade.

Esse enregelamento quasi incrivel do pundonor parecia á baroneza a expressão vivissima, extrema da indifferença e do desprezo, com que a aniquilava moralmente o homem que ella amára, e que (sem o comprehender então) ainda tanto amava.

Mais furiosa ainda, a misera e desatinada victima se precipitava, aggravando publica-

mente as falsas apparencias dos sacrificios do seu pudor.

Havia no procedimento e nos sentimentos da baroneza confusão de affectos, contradicções de idéas, absurdo de calculo; mas quem póde pedir logica, razão luminosa e guiadora em espirito volcanicamente apaixonado, e em phrenesi accendido pelos ciumes raivosos do coração, e pelos martyrios da maior vaidade em maior tormento de rebaixado desprezo?...

A esposa trahida, humilhada, desapreciada, largada livre por menospreço a seus desatinos, a compromettimentos, a mulher desvanecida de formosa ferida assim em seu desvanecimento, no abandono desprezador da indifferença mais aviltante, tresloucava em revolta descomedida.

A *baroneza de Amor* era mais delirante do que peccadora.

Todavia no phrenesi de horrivel e indecente vingança ella mantinha firme e indestructivel barreira, limite inexcedivel, que seus avidos amantes, sua propria consciencia, e Deus conheciam jámais ultrapassados.

Não era a natureza em gelo, não era o de-

sejo morto, a suppressão anomala da flamma instinctiva na idade das flammas, que continham a baroneza, e que lhe davam direito e fortaleza para não córar confundida e humilhada diante de homem algum.

Talvez ultimo e inextinguivel testemunho restante de sua tão louvada castidade, a baroneza conservava indelevel o instincto do pudor physico, e tambem em apuros de vaidade amava seu corpo venusto, idolatrava-se na belleza de suas fórmas, tinha como religião de seu corpo, e desenvolta em calculadas exhibições de galanteio infrene, resguardava invencivel o thesouro de seus encantos materiaes, e insomne velava por elle, como a Vestal pelo fogo sagrado.

Mas esse pudor physico experimentado em nobres repulsas pelos namorados que a esposa vingativa publicamente entretinha e animava, era a verdade inverosimil, que já não se imaginava possivel.

Os detractores da baroneza multiplicavam-se, a diffamação inventava scenas vergonhosas que nunca se tinham passado, e ella atrevidamente desprezadora tanto das justas censuras,

como das calumnias, deixava correr á revelia o processo da sua deshonra.

A sociedade em que a baroneza vivia, e da qual tinha sido o idolo, tolerava-a pelo prestigio do seu nome, e pela sua posição e riqueza; desforrava-se, porém, negando-lhe a antiga veneração.

Durante o seu proceder de esplendido recato a contrastar com a licenciosidade e com a vida opprobriosa do marido, os admiradores de sua virtude em respeito á gravidade do infortunio tinham esquecido o tratamento suave e lisongeiro do tempo da felicidade, e a chamavam simplesmente — *senhora baroneza.*

Mas a recatada tornára-se namoradeira audaciosa, tinha amantes, desmerecêra o respeito do infortunio, e todos voltaram a chamal-a não encantadamente, como d'antes, malignamente porém — *baroneza de Amor.*

A abreviatura do titulo de certo modo tornára-se alcunha de sentido equivoco.

E a *baroneza de Amor* insolita e radiosa, indicando-se feliz, cada vez se afundava mais na voragem.

Ella assoberbava tudo: talvez friamente re-

cebida pelas senhoras honestas, susceptiveis e com razão zelosas de suas intimas relações, ligou-se ás mais levianas, de reputação menos transparente, e tomou por amiga predilecta Amalia de Villares, o seu demonio proditor.

Nos curtos intervallos dos seus amores mais suspeitos de impudico fervor, e ainda mesmo durante o manifesto predominio d'elles, a *baroneza de Amor* era sempre a inconstante e facil namoradeira a entreter todos os galanteios, e a inflammar as mais atrevidas esperanças.

Não era mais uma senhora a comprometter-se; era misera mulher, já de todo compromettida e marcada com o ferrete da degradação moral.

Mas a sociedade que condemnava, e que entretanto continuava a conviver com a *baroneza de Amor* e que a festejava, essa sociedade que se chama alta e aristocratica e que poderá ser moralisada, evidentemente porém não sabe moralisar, estava tomada de espanto e ignorava um segredo de indisiveis tormentos.

Espantava-se da cegueira, ou da condescen-

dencia do barão de Amorotahy, que era ou o mais estupido ou o mais infame dos homens.

Ignorava o segredo dos soliloquios e das noites de afflictivas, de remordidas, de atrozes vigilias da *baroneza de Amor*.

O barão era realmente *quasi* infame.

A baroneza era tresloucada martyr.

Ninguem até então se atrevêra a levar de viva voz ao barão a luz, que se suppunha que elle queria simular não sentir, nem ver.

Ninguem, á excepção de uma respeitavel senhora, tinha ousado approximar-se da *baroneza de Amor* para fazêl-a ouvir observações e conselhos.

Dona Margarida, a irmã de Alberto Xavier, podia fallar á baroneza com a influencia de tia que por ella tinha amor quasi maternal, e com a autoridade do exemplo de esposa que fôra, e de viuva que nunca deixára de ser honestissima; era porém infelizmente em instrucção e pelo espirito muito inferior á sobrinha.

Vinte ou mais vezes ella exprobrou os erros e desatinos da sua querida Irene, e vinte ou mais vezes teve de calar-se não convencida, mas confundida por esta.

A baroneza facilmente demonstrava sempre á amorosa e um pouco rude e ingenua tia, que a esposa trahida e ultrajada não tinha nas leis e na sociedade recursos que a livrassem da inferioridade de direitos em relação ao marido, aliás deixado impune e campeando no vicio, e que portanto a revolta e a vingança se deviam desculpar na victima.

O sophisma immoral era sentido pela nobre viuva; mas a eloquencia exaltada da baroneza impunha triste silencio á senhora pouco intelligente.

Em ultimo e rigido combate D. Margarida exclamára:

— Oh, Irene! eu não sei discutir comtigo; os factos porém ahi estão fallando alto!...

— Que dizem elles?... perguntou a baroneza impaciente.

— Dizem que na tua vingança tu te suicidas, e que...

— Diga tudo!...

— E que dilacerando tua reputação, tu, oh! minha Irene, tu nem pensas que... olvidas o nome e a memoria de teu pai.

A baroneza córou e confrangeu-se dolorosamente; mas logo depois respondeu:

— É verdade; tem razão, minha tia.

E immediatamente perguntou:

— E desde quando é assim?...

— Ah!... desde quasi um anno!...

— Portanto, minha tia, bem o vê; já me acho demais desacreditada, e a regeneração é impossivel.

— Irene!...

— Agora é tarde! eu me despenhei; deixe-me no fundo do abysmo com a consolação da vingança.

— Infeliz, tu te manchas!...

— Sim; disse a baroneza, mostrando os dentes em um rir infernal; sim! eu sei que... me... deshonro... mas levo além de mim a deshonra... vingo-me!...

UNDA PARTE

O QUINTO AMANTE DA BARONEZA

I

DE BRANCO E AZUL

A *baroneza de Amor* esperava o Dr. Olympio que lhe devia apresentar o seu amigo capitão.

Evidentemente ella tinha apurado as falsas apparencias de simplicidade em elegante e custosa *toilette* domestica. De seu penteado cahiam a fugir do coque artificial e gracioso grossos caracóes de madeixas naturaes que beijando-lhe as espaduas, e descendo-lhe dos hombros para a frente das axillas, ostentavam a opulencia e a belleza de seus cabellos; trazia nas orelhas brincos de purissimas opalas, o pescoço garboso nú e sem enfeites, e o peito alvejante coberto por transparente camisinha

de filó bordado a ponto inglez e com lacinhos de fita azul. O vestido era branco, de cassa finissima e com guarnições de rendas iguaes ás da camisinha, uma fita azul de setim a indicar a delgadeza da cintura, ligeiros ornamentos do mesmo tecido e da mesma côr e nada mais.

N'esse refinamento de faceirice dissimulada na côr da modestia com adornos da côr do céo a *baroneza de Amor* ia mostrar-se encantadora.

Como todas as senhoras elegantes e vaidosas, ella possuia a arte de sentar-se de modo a avantajar em suas graças e a produzir agradavel effeito na attitude e nas inclinações de seu corpo.

A baroneza foi pousar em um d'esses pequenos e mimosos sophás de madeira branca, maravilha de trabalho, delicadeza, e gosto, como que inventados para receberem as fadas, cujo corpo aereo não pesa.

Descansando os pés em suave banquinho de almofada coberta de setim branco ella ensaiou doce reclinação sobre o fino braço do sophá de maneira a obrigar leve arregaço do vestido, que deixasse á vista metade de um

de seus pés, tanto quanto era preciso para fazêl-o apreciar pequenino e delgado na prisão de sua linda botina.

Dir-se-hia que a *baroneza de Amor* preparava-se para emprehender a conquista de novo amante no joven e arrojado militar, que na noite antecedente distinguira no theatro.

Não era porém assim.

Ella mal poderia presumir que o capitão fosse joven : a principio distinguira-o sómente pela sua deforme fealdade, e mais tarde commovêra-se agradecida e um pouco ufana do conjecturado influxo da sua belleza, vendo-o em volcanica ira ameaçar de face o miseravel que a estava atassalhando.

A baroneza sabia quem era o taful diffamador; já tinha notado e estava sentindo, embora não o ouvisse, as injurias e calumnias com que elle a abocanhava; quando o militar tão seu estranho, mas que parecia contemplal-a admirado, impôz silencio ao detractor, castigando-o com aquelle movimento que ainda não passando de ameaça, é logo extremo insulto susceptivel de ser pago com a vida do insultador.

Embora inconvenientes, ruidosos, compromettedores, o lance e audaciosa acção do militar lisonjearam muito a vaidosa senhora : era um desconhecido, que a defendel-a e a desaffrontal-a espontaneo se arriscára a todas as consequencias do maior ultraje.

Não pouco vivissima curiosidade, muito mais porém gratidão suave e explicavel pelo encantamento de sua vaidade levaram a baroneza a exigir do Dr. Olympio a immediata apresentação do seu tão feio mas corajoso e exaltado defensor.

A infeliz senhora profundamente agradecida ao generoso impeto d'aquelle cavalheiro, ufanosa de têl-o merecido, daria metade da sua vida pela estima d'esse homem nobre; e conscia de seus erros, e do seu descredito, tinha medo de não poder conseguil-o.

Ella tinha observado que o feio e deforme capitão a procurára com os olhos, e parecêra fortemente impressionado da sua belleza; fôra possivel que por desatinado capricho, e por calculo de escandalo chegasse desastrada a tomal-o por namorado e fazel-o passar, como outros, por seu amante ditoso; mas depois do

seu violento e em todo caso honorifico proceder, depois da ufanosa ameaça da bofetada, não: desde esse momento lisonjeiro e magnanimo aquelle militar tornára-se homem sagrado para o seu coração.

Em sua alma docemente commovida, a baroneza jámais conceberia a simples hypothese de confundir no numero dos imaginarios amantes instrumentos de sua vingança o guapo cavalheiro, que por ella estivera a ponto do mais arriscado compromettimento, se não fôra tão cobarde o homem que a insultára.

No capitão desvanecia-se de contemplar, de admirar o seu animoso e estrenuo paladino, e não podendo glorifical-o com amor digno d'elle e d'ella, com o amor puro que nem se esconde pelo opprobrio, nem se atormenta com os remorsos, almejava a sua estima, que aliás já era bem difficil de conquistar.

Mas a mulher quando deseja, sabe querer.

A baroneza confrangia-se, lembrando a notoriedade de sua vida innegavelmente desatinada e verosimilmente impudica; tinha a certeza de que o seu cavalheiro ouviria de cem

boccas a sentença de sua vergonhosa condemnação; mas nem por isso desanimou.

Ella comprehendeu que o bom exito do seu empenho dependia principalmente das primeiras impressões que o capitão recebesse em sua visita de apresentação.

Ensinada pelo instincto feminil, amestrada por dolorosa e incasta experiencia, a baroneza sabia que a mulher chega mais facilmente ao coração do homem sempre pela magia da belleza, menos porém pela ostentação do luxo e da riqueza, do que pela graça, pelo espirito, e pela modestia.

A baroneza reputava-se bella; tinha para si, que nenhuma outra senhora a excedia em graça; não admittia duvida sobre o encanto de seu espirito; reconhecia-se emfim consummada nas antigas simulações da modestia, em que soubera disfarçar sua desmedida e fatal vaidade.

Contando com todas essas vantagens que devia á natureza, á educação, e aos habitos da vida elegante, a baroneza preparára-se para *namorar* e para seduzir não o amor do coração, mas a estima da alma do seu generoso cavalheiro.

E não confiou sómente em seus dotes pessoaes; porque não podia esquecer que o calice e as folhas mimosas muito aproveitam ornamentado a flôr que se quer exhibir.

Ella sabia que na senhora intelligente e habil a arte da *toilette* auxilia o calculo ou a expressão leal do sentimento; porque ás vezes parece que na côr do vestido, na escolha dos adornos, nas exagerações ou nas continencias da moda se manifesta o caracter, se abre a alma e palpita o coração da mulher.

A baroneza estudou pois a *toilette* que mais poderia convir-lhe, exprimindo o sentimento mais opposto ás paixões e ao desregramento de que a accusavam, e ao mesmo tempo fazendo realçar sua belleza.

Foi por isso que ella tomou de preferencia o vestido branco enfeitado de azul : o vestido da côr da innocencia com adornos da côr do céo.

II

O RAMALHETE DE VIOLETAS

Ouvindo annunciar o Dr. Olympio e o capitão Brazilio, a *baroneza de Amor* estremeceu ligeiramente e, dominando-se logo, expandiu os labios com o mais gracioso sorriso, fitando na porta olhar tão desejoso, como suave.

Os dous amigos appareceram, e logo curvaram-se, cumprimentando.

A baroneza fez brando movimento com seu corpo esbelto; mas sem se levantar, disse docemente :

— Doutor ! não escapei de esperar; esperei : venham ambos depressa merecer o meu perdão !

E mostrou com os olhos as cadeiras mais proximas do sophá.

Os dous approximaram-se.

O capitão Avante tão destro a lançar-se em marche-marche pelos campos mais accidentados, e atravez de vallos e de todos os obstaculos, deslumbrado n'aquella sala pelas luzes, pelos espelhos, e pelos crystaes que as multiplicavam, e sentindo seus pés a embeberem-se em rico, macio e felpudo tapete, seguira um pouco desageitado e confuso o Dr. Olympio.

O capitão vinha de sobrecasaca militar e trazia o peito coberto de condecorações, de medalhas e de fitas : era ostentação explicavel em quem precisava que lhe excusassem o rosto horrivelmente deforme.

Gloriando-se de suas cicatrizes, nem por isso o bravo soldado desconhecia o quanto ellas o afeavam, e por isso, ao mesmo tempo que attenuava com o brilhantismo do peito a deformidade da face, desconfiava da má impressão que produzia e, irascivel, nunca tolerava o ridiculo n'esse ponto.

A baroneza fingiu não perceber o vexame do capitão, e bem que o Dr. Olympio chegasse a ella primeiro, deixou-o a ser o segundo na graça de beijar-lhe a mão.

O doutor quiz cumprir o seu dever de apresentador.

— V. Ex., disse elle á baroneza, é a bella fada que lê nos corações e, por sêl-o, ordenou-me esta manhã a doce honra, que hontem á noite eu tinha promettido vir procurar merecer....

— Ah!... é possivel?... perguntou ella alegremente.

Em vez de responder o Dr. Olympio acrescentou :

— Dou-me por feliz tendo a satisfação de apresentar a V. Ex.....

A baroneza o interrompeu dizendo :

— Doutor!... que pretenção!... o seu amigo já hontem me foi apresentado.

E ella sorriu-se encantadoramente.

Olympio enganou-se, suppondo-se mystificado, e dirigindo-se ao amigo, perguntou :

— Capitão!... como é isto?... apresentado hontem?...

O capitão sorriu-se tambem, e respondeu galantemente :

— Já não é licito duvidal-o.

— E posso eu saber, minha senhora, quem

teve a honra de o apresentar a V. Ex.?...

A baroneza córou de leve e disse commovida :

— A gratidão.

O Dr. Olympio comprehendeu a allusão delicada e guardou silencio; o capitão ainda mais perturbado do que ao entrar na sala, apenas pôde murmurar :

— Ah, minha senhora!... eu não sei.....

A baroneza em franca expansão de nobre sentimento procurou a mão crestada e rude do capitão, e apertando-a com ardor entre as suas tão brancas e assetinadas, disse :

— Obrigada, meu generoso cavalheiro!... obrigada!...

O capitão estremecêra ao contacto e ao aperto das mãos pequeninas e suaves, e quando retirava a sua, sentindo n'ella a impressão de uma lagrima cahida, exclamou sem reflectir no que dizia :

— Doutor! lá na guerra era menos difficil!...

Olympio sorriu-se.

A baroneza dominára a commoção, e proseguiu dizendo :

— Adiemos a apreciação do que hontem

se passou no theatro; adiemol-a sómente; porque é dever meu voltar a ella..... hoje não.

— Nem amanhã..... nem em outro qualquer dia, respondeu o capitão; protesto, minha senhora, que hei de ser indisciplinado, negando-me á lembrança de quanto puder magoal-a.

O assumpto era extremamente melindroso e o joven militar, querendo ser obsequioso, fôra pouco habil e feliz, deixando transpirar a idéa de magoar.

A baroneza tornou a córar e disse, fitando no rosto do capitão um olhar cheio de melancolia e de languor :

— Hontem expôz-se por mim sem me conhecer : o que então fez, bem o sei, fal-o-hia por outra qualquer senhora..... no triste caso.....

— Nem tanto!... perdôe-me V. Ex.

— Pois se nem tanto, ainda muito mais empenha-me um dever, e, confesso-o, impelle-me um interesse, que satisfarei forçosamente.

Até ahi grave e triste no seu fallar a baroneza, como obrigando mudança de conversação, mostrou-se de repente risonha, expansiva, e graciosa.

— Que inconsequencia, doutor!... exclamou

ella; disse-lhe ha pouco que o seu..... que o nosso amigo me fôra apresentado hontem, e ainda não lhe sei o nome!... é verdade que o ouvi annunciar..... mas..... quando entraram, eu não tinha ouvidos, tinha sómente olhos e coração.....

— Brazilio de Amoreira; disse o capitão curvando-se respeitosamente.

— Salva a alcunha, que fez esquecerem-lhe o nome; disse o doutor Olympio.

A baroneza hesitou, receando uma zombaria que, ainda innocente e permittida á amizade, seria de máo gosto na occasião.

— Doutor! murmurára o capitão.

— Senhora baroneza, em que pese á prioridade da munificente gratidão de V. Ex., tenho a honra de apresentar aos pés de V. Ex. o meu amigo o senhor capitão *Ávante*.

— Capitão Ávante!...

— Em cinco annos de guerra tremenda cem mil soldados brazileiros em accôrdo unanime deram, conservaram e perpetuaram a gloriosa alcunha de *Ávante* ao bravo dos bravos que se chamava Brazilio de Amoreira.

— Ah!... exclamou a baroneza; eu tambem

o chamarei capitão *Avante!*... bella, esplendida e bem merecida alcunha : sei porque.

— Sabe-o já?...

— Desde hontem á noite, e ainda antes do suave captiveiro da gratidão.

— Oh!... devéras?...

A baroneza, com a instinctiva sagacidade feminil, aproveitou o ensejo para destruir a natural desconfiança que o capitão devia ter da impressão desagradavel que determinava a deformidade de seu rosto, e disse atrevidamente :

— Eu já o tinha distinguido.

— Em todo caso agradeço-o, minha senhora; respondeu o capitão, fingindo sorrir.

— Sim, insistiu a habil senhora ; e era forçoso distinguil-o, porque nas cicatrizes de sua face desfigurada resplendiam a bravura e a gloria, dando-lhe em troco da boniteza perdida, o prestigio e o fulgor da heroicidade.

E acrescentou com emphase natural ou fingida :

— Se eu fosse homem e ainda mais, soldado, quizera trazer da guerra esse rosto, com tanto que eu trouxesse tambem esse peito.

E apontou para a enchente de condecorações.

O capitão quiz fallar; mas a baroneza não lh'o permittiu.

— Que iria dizer-me?... não o quero ouvir amesquinhando-se por modestia. Consinta que lhe imponha silencio. Doutor! a palavra lhe cabe agora : foi sem duvida na guerra companheiro do capitão Ávante ; peço-lhe que sem piedade o confunda, referindo-me algumas de suas proezas.

— V. Ex. quer expôr-me a accusal-o de loucura?... perguntou, rindo-se de novo o Dr. Olympio.

— Ainda assim.

O doutor começou a narrar os feitos gloriosos do seu amigo.

A baroneza naturalmente estimaria ouvir a relação das façanhas do *seu cavalheiro;* pedira-a porém como pretexto e de proposito para, simulando-se toda attenta ao que diria o Dr. Olympio, abandonar-se á contemplação livre, demorada, e ampla do capitão Ávante. Seu pensamento, seu empenho era ainda o mesmo : vendo de perto o capitão, reprimira, abafára perfeitamente, mas em verdade sentira sen-

sação quasi de repugnancia produzida pela horrivel deformação de seu rosto : nunca poderia amar esse homem; firme porém anhelava ganhar-lhe a estima, e planejava adiantar a conquista, accendendo sympathia com a flamma de seus encantos.

Tactica já consummada, ella desenvolveu os recursos, os segredos da arte de agradar e de enlevar os sentidos, como se tentasse a dominação de um namorado.

O capitão Ávante desde a noite antecedente já em doce pendôr amoroso para a baroneza, e então em pouco menos de meia hora captivo de expansões generosas, e do apuramento de delicadeza na conversação mantida em tom o mais amigo e franco, de todo foi eclipsado, contemplando até a embriaguez do coração a elegante e gentil senhora, que se abandonava á contemplação.

Elle abrazou-se no radiar offuscante dos bellos olhos, envenenou-se na magia dos risos, abysmou-se perdido no offego do peito branco e transparente que a baroneza deixava admirar commovida quando o Dr. Olympio descrevia mortifero e horroroso combate : depois elle a

observava ainda attenta e mais tranquilla inclinar-se, reclinar-se, accommodar-se dando ao corpo esbelto e maravilhosamente bem talhado, ondulações graciosas, como as da serpente que socegada se desliza, e atraiçoando n'essas ondulações, n'esses movimentos, n'essas posições apparentemente incalculadas, casuaes, e casualmente traiçoeiras a graça, a opulencia de encantos, a natureza dadivosa, e o condão das fórmas mais felizes do corpo da mulher mais allucinadora.

A baroneza ostentava habil a exposição de contraste sublime: a exposição da innocencia voluptuosa.

Um anno antes ella não teria ousado insinuar-se d'esse modo.

Quando o Dr. Olympio terminou a historia das temeridades marciaes do capitão Avante, este já estava endoidecido pela *baroneza de Amor*.

A allucinadora certificou-se do effeito que produzíra.

Pouco importa o que mais se conversou, o que mais se passou n'essa noite de apresentação do capitão Ávante.

Quando os dous amigos se levantaram para retirar-se, a baroneza disse :

— Capitão Ávante! tenha-me por fiel e boa amiga : recebel-o-hei em minha casa sempre com o maior prazer; peço-lhe porém, e se me dá o direito de exigir, exijo que me outorgue o favor de uma conferencia a sós.

— Oh, minha senhora!... e quando?... só a V. Ex. cabe marcar o prazo da honra e da felicidade, que me auspicia.

A baroneza ergueu-se, e ostentando toda a graça do seu corpo gentil, foi a um dos aparadores, tirou de rico vaso de Sèvres cheio de flôres naturaes recentemente colhidas pequeno raminho de violetas ainda rescendentes, e levando-o e dando-o ao capitão Ávante, disse-lhe :

— Logo que estas violetas murcharem, venha á mesma hora que hoje pedir-me ramalhete novo.

III

ÁVANTE!

— Doutor! a noite é bella e fresca : não achas melhor que marchemos a pé?...

O Dr. Olympio fez parar o carro em que com o capitão Ávante voltava da casa da *baroneza de Amor*, e despedindo o cocheiro, voltou-se para o amigo e disse-lhe :

— Sim; marchemos a pé, *como lá na guerra;* não é isso?...

— Não; lá na guerra eu nunca tive medo.

— E aqui... agora...

— Começo a tel-o, doutor!

— Porque?...

Em vez de responder o capitão perguntou :

— Que te pareceu a baroneza?...

O Dr. Olympio sorriu-se e disse :

— É a mim que cabe fazer-te essa pergunta : capitão! que te pareceu a baroneza?...

Os dous amigos caminhavam então pelo cáes da Gloria, e o capitão, guardando silencio, afigurava-se respirar com avidez as frescas auras que vinham do mar, e embeber os olhos e os sentidos no panorama grandioso que ao clarão de brilhante lua se mostrava menos distincto, porém mais romanesco.

De subito o capitão parou, e denunciando-se preoccupado de impressões e de sentimento bem differentes, disse ao companheiro :

— Doutor! nossa amizade começou no campo de uma batalha, e estreitou-se logo no hospital de sangue : lembra-te?...

— Muito!

— Pois amizade nascida em face da morte deve manter-se pura e santa em toda a nossa vida.

— Mas a que vem isto?...

— Doutor!... tu ainda amas a baroneza?... sê franco!

Olympio respondeu com seriedade e quasi indicando impaciencia :

— Já hontem á noite eu te asseverei que não.

— Basta, disse o capitão : estou livre ; se eu bradar — ávante ! não te serei desleal.

O Dr. Olympio commoveu-se; porque conhecia bem o caracter e o coração do amigo que sómente dizia metade do que era capaz de fazer. Do que acabava de ouvir-lhe teve a certeza de que o capitão preferiria rebentar a cabeça com um tiro de rewolver a apresentar-se seu rival.

Mas que podia esperar o tão cruelmente desfigurado joven official, em cujo rosto não ficára nem o mais leve indicio do verdor, do matiz e da belleza de seus vinte e tres annos?...

O capitão tornou quasi logo a fallar, dizendo :

— Franqueza e lealdade de amigo até o fim : que devo pensar da baroneza? tu a conheces desde muito : ajuiza.

— Capitão, tu estás perdido!...

— Porque?

— É simples : porque já perdeste a cabeça.

— Como?...

— A *baroneza de Amor* era uma charada que querias decifrar, e voltas de sua casa com a

alma incapaz de reflectir e com o coração captivo da charada que não decifraste.

— Vel-o-hemos depois: agora quero que me respondas: que pensas da baroneza em relação a mim?

— Capitão, eu devo dizer-te a verdade. A principio applaudi a baroneza, julgando-a toda radiosa de gratidão pelo acto imprudente que em sua defeza commetteste.

— E depois?...

— Mas depois eu vi, e não me engano, a baroneza empregou todos os recursos, toda a arte de seducção dissimulada, mas sagaz e consummadissima para te prender na rêde de seus encantos...

— Supponhamol-o... e então?...

O Dr. Olympio hesitou.

— Exijo que digas tudo!

— Capitão Àvante! tu és o mais bravo e o mais nobre dos homens generosos até o extremo, que se desvirtua por temeridade, e por dedicação immerecida...

— Supponhamol-o ainda... mas; tu ias dizer *mas*...

— Sim; mas a guerra te afeiou, te deformou como sabes...

— De accôrdo : é evidente; já a baroneza tinha-me distinguido por isso; tu a ouviste confessal-o.

— Não creio pois que lhe inspirasses amor. Capitão!... ella não podia enamorar-se de ti ella não te ama.

— Doutor! quantos homens feios têm sido apaixonadamente amados?...

— Oh! meu Ávante, Deus me livre de contrariar a esperança que depositas nas excepções da sabedoria e do enthusiasmo, e nas extravagancias dos caprichos da mulher; eu porém calculo e reflicto sobre a regra geral.

— Mas porque então a baroneza procurou prender-me na rêde dos seus encantos?...

— Capitão, a baroneza não ama o conselheiro Adeodato, e sem duvida já se acha d'elle muito aborrecida...

— Que queres dizer?...

— Tu te fizeste distinguir, e obrigaste a fallar de ti pelo teu insolito arremeço hontem no theatro, tu és distincto pelas noticias que vão correr das tuas temerarias proezas na guerra,

tu te distingues ainda pela desfiguração do teu rosto...

— Portanto...

— És um homem que se procurará ver...

— Portanto emfim?...

— A *baroneza de Amor* te destina a ser esperançoso e mystificado successor do conselheiro Adeodato.

— Doutor!...

— Exigiste a verdade, e eu a disse...

— Mas acabas de accusar de indignidade á baroneza.

— Protesto que não; sou d'ella amigo: accuso-a sómente do triste e inexoravel systema adoptado.

— Sempre a charada!...

— Que não decifraste.

— Mas charada que hei de em breve decifrar; disse o capitão, levando a mão ao peito.

— E quando, meu Âvante?...

— Quando tiverem murchado estas violetas, que guardarei para sempre.

— Estarão murchas amanhã, capitão!...

— Em tal caso irei, eu só, amanhã á noite

pedir á *baroneza de Amor* outro ramalhete de violetas novas.

— E pensas que, por não vêl-os, as violetas não têm espinhos?...

O capitão riu-se, e respondeu :

— Doutor! lembraste-me tantas vezes a monstruosa desfiguração de meu rosto, que agora tenho o direito de dizer que não devo arrecear-me de arranhões de espinhos e de cicatrizes de arranhões.

— Capitão! esses espinhos ferem o coração, cravam-se n'elle!...

— Melhor!... perigo novo, empenho romanesco, batalha arriscada, e terrivelmente apprehensiva!... doutor!... estou no meu elemento : é como lá na guerra : *ávante!... ávante!...*

IV

NÃO

No dia seguinte o capitão Ávante vendo que as suas violetas estavam murchas, foi pedir o ramalhete novo á *baroneza de Amor*.

O prazo da conferencia exigida, marcado por flôres, accendia a esperança no coração do inexperiente mancebo, que levou o animo resoluto a não perder por timido, e a conseguir por arrojado a doce conquista que almejava.

O capitão encontrou a baroneza só, na mesma sala onde o recebêra na noite anterior, e sem duvida a esperal-o.

A elegante senhora se mostrava com *toilette* que, em vez das suaves côres do da vespera, impunha certa gravidade pela côr de havana

com enfeites pretos; trocára a fina cassa por pesada seda, e sem que por isso denunciasse menos a gentileza de suas fórmas, como que se indiciava mais séria, e talvez um pouco triste.

Ella offereceu a mão ao capitão Ávante que curvou-se e quasi ajoelhado beijou-a.

— Eu contava com a sua obsequiosa visita, capitão! sabia que as violetas deviam amanhecer murchas.

— E murcharam com effeito! disse o Ávante, mostrando as flôres que trazia, e que outra vez guardou sobre o coração.

A baroneza fingiu não attender a essa indicação de ternura, e olhando melancolica e magoada para o capitão, começou fallando em voz levemente tremula :

— Cavalheiro! pedi-lhe uma conferencia a sós; deu-m'a; foi novo e grande favor; encetemol-a já.

O capitão curvou-se outra vez em signal de obediencia, que aliás contrariava muito suas disposições de volcanica erupção amorosa.

A baroneza disse logo :

— Ante-hontem á noite no theatro sem me conhecer e talvez já prevenido contra mim pelo

que ouvia, e ainda mais pelo que certamente observava no meu proceder, o capitão escutando algum grosseiro e atroz insulto que feria minha honra, levantou-se electrico, e estendendo braço vingador com a mão espalmada, ameaçou publicamente esbofetear o miseravel detractor.

A baroneza se exaltára, lembrando-se injuriada, e interrompeu-se para respirar.

O capitão aproveitou o ensejo para dizer :

— Protesto, minha senhora, contra uma unica idéa de V. Ex. : não me accuse de prevenções desfavoraveis a V. Ex. ! ainda nem um instante as pude conceber : castigue-me, se quizer, condemne-me, e puna-me por sentimento bem diverso, e de que sómente sua formosura tem culpa !...

A baroneza afigurando-se muito e dolorosamente preoccupada do assumpto que absorvia todas as suas faculdades, pareceu alheia ao manifesto *avanço* do capitão, e continuou dizendo :

— Esqueçamos aquelle desgraçado : a chave da riqueza abre ás vezes as portas da boa sociedade a homens que não foram educados para ella ; eu não quiz abater-me a olhar para um

d'esses brutos com carga de ouro, e elle se vinga atassalhando-me : desprezemol-o.

— Conforme; disse o capitão.

A baroneza proseguiu :

— Mas na ameaça de uma bofetada, fiquei-lhe devendo a sua mais generosa exposição a desforço tão illimitado que poderia ir até mesmo á morte.

— Quem ultraja uma senhora é incapaz de bater-se com um homem.

— Seja assim; certo é porém que eu, que desconhecida mereci tanto, com razão me arreceio de desmerecer muito por mal julgada depois que o capitão sabe quem sou.

— Desmerecer!... exclamou o Avante, querendo embalde avançar.

— Desmerecer, sim, capitão!... estou fallando com dolorosa franqueza; tenho interesse em fazêl-o; seja franco até o rigor tambem commigo : diga! ante-hontem mesmo que juizo fez de mim?

— Um unico, disse o capitão; julguei, que V. Ex. era a senhora mais bella e encantadora ue tenho visto em minha vida!

A baroneza córou, simulando modesta confusão, e respondeu logo depois :

— Tambem uma cortezã póde ser muito formosa : não é d'isso que me preoccupo.

— V. Ex. quiz ouvir o meu juizo : no theatro não pude fazer outro.

— Porque procura inutilmente illudir-me?... no theatro ouviu as informações perversas que o meu desprezivel inimigo dava ao companheiro, que me era estranho; no theatro chegaram-lhe aos ouvidos murmurações contra o meu comportamento : no theatro emfim viu-me, observou-me, recebendo e animando a suspeitosa côrte, digo a palavra, o namoro do conselheiro Adeodato. Nega-o?...

— Impossivel... tudo isso é verdade, minha senhora.

— E então?... eis-ahi!... que juizo fez de mim?..:

— Juizo?... um unico : aquelle que já tive a honra de dizer a V. Ex.

A baroneza presentiu e prelibou o que ia ouvir, e que, thurificando-a, não contrariava o empenho que tomára, e por isso sem hesitar perguntou :

— Que sentimento lhe inspirei?... diga-o! não foi o desprezo?...

— O desprezo!...

— Ah!... perdão! o capitão é muito nobre: mereci-lhe piedade.

A baroneza pareceu triste.

Era opportuno o ensejo : o capitão bradou dentro de si — ávante! — e exaltando-se, disse :

— V. Ex. permitte, quer que eu lhe revele o sentimento que me inspirou?...

— Não foi então a piedade?...

— Oh!... foi o amor!... foi a paixão mais ardente!...

E aberto o dique represador de fervoroso affecto, o capitão Ávante, arrebatado por sua natureza vehemente, ardeu na erupção das flammas que continha no coração, e impetuoso e sem consciencia, atrevido e abusivo tomou, apertou, beijou tres vezes as mãos mimosas da mulher que adorava.

A baroneza serena porque não amava, vaidosa por sentir-se tão amada, complacente para melhor apreciar e gozar as expansões d'aquelle amor que não era fingido, que rompia puro,

anhelante, transportado e sublime de um coração virgem, um pouco selvagem, e esplendidamente leal, contemplou com extasis o flammigero mancebo curvo diante d'ella, escutou sua apaixonada declaração, concedeu aos seus fervidos beijos suas mãos de branco setim, e se aditou deliciosamente afigurando-se purificada por aquella adoração, que não via seus erros, que a abstrahia de todo o seu passado, e que pelo condão da sua belleza lhe dava altar condigno da innocencia.

Quando a erupção parou, a baroneza recolheu as mãos tão beijadas; e commovida, mas circumspecta disse suavemente :

— Meu amigo! creio no seu amor, como na luz do sol, e desvaneço-me de ter sido amada por cavalheiro tão nobre e generoso; quer porém saber porque sendo casada escutei até o fim declaração tão vehemente, e só interrompida por beijos que me abrazavam as mãos indiciando condescendencia que repugna ao dever?...

— Porque?...

— Porque assim lhe arrancava a triste confissão que teimára em negar-me.

— Como?...

— Capitão!... se pelo que ouviu e observou no theatro não tivesse admittido conceito pouco lisongeiro á minha honra, hesitaria muito antes de proceder como acaba de fazêl-o.

— Não! exclamou o cavalheiro; não!... é sómente verdade, que eu não sei hesitar, e que eu a amo!

Mas immediatamente entrando em si murmurou temeroso:

— Oh, minha senhora!... é possivel que eu chegasse a offendel-a!...

A baroneza respondeu sorrindo:

— Tranquillise-se; não estou offendida; olhe: deposito confiança tão absoluta na sua lealdade e na pureza dos seus sentimentos, que ouso dar-lhe a prova mais arriscada para mim.

— E qual?...

— O capitão ama-me, ha poucos momentos o declarou, solicitando fervorosamente a minha ternura; pois bem: n'esta mesma noite, quando eu julgar opportuno, o autorizarei a proferir a sentença das suas aspirações.

— Eu?!!! ah, minha senhora, V. Ex. me atordôa com a esperança mais deslumbradora!...

A baroneza aprendêra em um anno de tresloucadas vinganças insolitas ousadias, a que ás vezes nem faltava a immodestia do pensamento.

Ella atreveu-se a dizer :

— Sim ! e eu não confio cega, confio com seguro conhecimento na magnanimidade do seu caracter, *Cavalheiro!* a *baroneza de Amor* que não póde ser sua esposa, será sua amante, se chegado o momento que ella marcar para a sentença o *cavalheiro* lhe disser : « seja-o! »

E fallando assim, accentuára por duas vezes a palavra *cavalheiro* de modo tal, que o capitão Ávante presentiu condensar-se uma nuvem no bello céo da sua esperança, e tornar-se illusorio o doce arbitrio que lhe fôra dado.

Entretanto elle esperava ancioso.

— Capitão! proseguiu a baroneza; vai ter-me por escrava de seu arbitrio : agora ouça-me ainda livre, expansiva, e interesseira. Não me interrompa : é mais do que favor, é dever seu. Ante-hontem sahiu do theatro com a convicção de que eu era, apezar de senhora casada, audaciosa namoradeira, e talvez com a suspeita...

— Tenho a honra de protestar a despeito da ordem em contrario...

— Amanhã e nos dias seguintes nos theatros, nos bailes, em toda parte, onde me mostrar, ha de ouvir de mil bocas, que peior do que namoradeira, sou esposa adultera, e, ainda mais, escandalosa pela pluralidade de meus amantes!...

— Ninguem ousará dizêl-o diante de mim!...

A baroneza fallára tremula e com o rosto abysmado na vermelhidão do fogo da vergonha; dolorosa e exaltada disse logo com ardor:

— Capitão!... é verdade que tenho-me ostentado e que me hei de ostentar namoradeira infrene e escandalosa!... é verdade que sou culpada de indignas suspeitas; é falso porém, juro que é falso, que eu me abaixasse jámais ás ignominias da esposa adultera!...

— Eu a creio! eu o sei, minha senhora!...

— Oh!... o senhor não sabe nada!... não póde saber, como a minha alma se endemoninhou pela vingança, e como é santo o meu corpo pela estima propria e por maldito sentimento invencivel!... eu sou a mais desgraçada das victimas; porque tenho dous algozes... *elle* e eu!...

— Um só: é *elle;* disse o capitão.

— Pois bem; escute: na minha vida horri-

vel, mas já agora inexoravel de calculado descredito de mim mesma, e de occulto e purissimo zelo de continencia pudica, ha dous segredos, que até hoje guardei enraivada. De um, o da vingança e da pureza de meu corpo pela estima propria, tenho confidente em honesta senhora, minha tia e quasi mãi : do outro, do sentimento maldito que mantém com igual força a minha continencia, só o meu galhardo cavalheiro receberá a confissão; porque desejo, aspiro, ardentemente anhelo que elle conheça, aprecie e julgue bem esclarecido a infeliz que é mais lamentavel do que criminosa.

— Ouvil-a-hei, minha senhora, para adoral-a ainda mais na relação dos seus martyrios; mas não preciso ouvil-a para adoral-a na innocencia que se lê em seus olhos.

A baroneza pouco attenta ás palavras do capitão Ávante, e muito preoccupada do que determinára informal-o em completa e illimitada expansão, tornou dizendo com esforço ancioso, e nervosa excitação, que lhe deram eloquencia e luz de verdade :

— Capitão! attenda-me : eu vou contar-lhe a historia da bemaventurança do céo e dos tor-

mentos do inferno, uma e outros experimentados na terra.

Começou ella então, como exaltada penitente, a confissão fiel e ampla de sua dita e dos seus infortunios : descreveu com a magia da saudade os enlevos do seu primeiro amor, sua inexcedivel felicidade de noiva idolatrada até os lugubres marcos terminadores do que chamava bemaventurança e que eram as sepulturas de sua mãi e de seu pai.

Em seguida exhibiu os tormentos do inferno na exposição da perfidia do esposo, e da vehemencia dos seus ciumes : não esqueceu, não occultou nem factos, nem circumstancias, que a fizessem córar; com os olhos no chão revelou seu abatimento a requestar o marido infiel, sua baixeza a tentar provocal-o, esperando-o mal vestida e em fingido somno voluptuoso, seu desespero immediato inspirando-lhe phrenetico a ignominia por vingança e logo a vingança pelo suicidio.

Finalmente confrangendo-se, mas sem dissimular em ponto algum a verdade, referiu o systema de vingança que adoptára, seu consequente descomedimento na manifestação pu-

blica de falsos amores, e o calculado abandono de seu credito á diffamação : nomeou um por um os amantes que lhe attribuiam, e confessando-se incasta, banhou-se em lagrimas e por entre soluços repetiu o juramento, que resalvava seu corpo.

O capitão escutára mudo, commovido e apaixonado a baroneza, prestando inteira fé a todas as suas palavras; comprehendeu a violencia das torturas que lhe tinham despedaçado o coração; egoista, pois que todo o amante o é, calculou em seu proveito com o desprezo e com a crueldade do esposo algoz, e vendo emfim a linda victima desfazendo-se em pranto e em soluços, esperou alguns momentos que se embrandecesse a afflicção e depois disse :

— Minha senhora, podem haver homens que por não têl-a ouvido condemnem V. Ex.; ha porém outros que ainda antes de ouvil-a dariam gostosos a vida em defeza da sua innocencia; e sobre todos e tudo ha Deus que...

De face erguida a baroneza interrompeu o capitão, dizendo irosa :

— Não! Deus não me perdôa; porque eu sou incasta sob o ponto de vista moral, e porque

não me arrependo de têl-o sido, e hei de sêl-o ainda!...

O câpitão fez um movimento de desagradavel impressão.

— Pois que!... perguntou a estupenda senhora; acha que já me vinguei bastante?... oh, não!... falta-me o gozo da vingança... o gozo!... falta-me a furia do demonio que me enfureceu!...

A baroneza desnorteava-se em colerica e involuntaria reacção do animo depois da dolorosa confissão que fizera, e das lagrimas de vergonha que derramára a fios; mas após a explosão, socegou; e tendo por breves instantes reflectido, coordenando suas idéas, disse :

— Capitão! contei-lhe a minha historia, confiei-lhe os meus mais intimos segredos, para que me avaliasse e me julgasse, por mais esclarecido, melhor, ou menos severo do que os outros homens. Eu lhe declarei, que era n'isto levada por vivo interesse : o meu interesse é merecer a gloria da sua estima.

— Senhora baroneza! respondeu com ardor o mancebo; V. Ex. me confunde!... desejar que a estime é condemnar-me por limite suavissimo e ainda assim cruel a não amal-a

apaixonadamente, e isso é impossivel, minha senhora!...

A baroneza contava com a reincidencia da fervorosa declaração de amor, e talvez que em sua vaidade nem perdoasse o esquecimento ainda determinado pelo respeito.

— Ah! disse ella, o seu amor, capitão!... é verdade; chegamos ao momento opportuno, em que lhe cabe a autoridade de arbitro, e a mim a condição de escrava submissa.

E acrescentou imperturbavel :

— É o *cavalheiro* que ha de lavrar a sentença.

O capitão Avante estremeceu.

A baroneza continuou a fallar.

— Em todas as confidencias que acabou de ouvir o capitão tem uma nobre socia, a senhora que já lhe indiquei, a irmã de meu pai, tia que amo como se fosse minha mãi; a ella porém escondi um segredo que me domina, que me tyranniza, que me desespera, que me avilta, que é meu senhor indigno, e de que sou possessa a pezar meu!... esse segredo, capitão, o segredo da minha incrivel e vergonhosa fraqueza, eu lh'o communico...

Mas a nobre senhora hesitava...

— Falle! diga!... sou homem de honra; disse o capitão Ávante com ardor.

A baroneza fitou no rosto do apaixonado mancebo o olhar mais puro e de fogo do céo, e começou em voz commovente que foi acabar em tom sublime arrojado pelo coração martyr :

— Capitão! eu sou casada com o barão de Amorotahy!...

— Bem o sei!... e elle é o seu algoz!...

— Sim, capitão!... eu sou victima de meu marido!... eu detesto, eu aborreço meu marido!...

— Portanto...

— Oh!... não é portanto; mas é verdade!... *cavalheiro*, eis agora o meu incrivel e vergonhoso segredo!...

— Qual?... emfim?...

— Eu amo perdidamente, eu amo sempre, eu amo com a paixão do primeiro dia o barão de Amorotahy!...

O capitão Ávante turbou-se e se apoiou no encosto da cadeira, como ferido por golpe profundo.

A baroneza tomou-lhe uma das mãos, apertou-a, e disse :

— *Cavalheiro!* dei-lhe toda a minha confiança ; fil-o arbitro, fiz-me escrava : é tempo de sentenciar!...

O capitão fechára os olhos para não ver a baroneza.

— *Cavalheiro!* insistiu esta, perguntando com accendimento dos mais nobres e generosos affectos ; posso, devo corresponder ao seu amor?...

O capitão entreabriu os olhos, e respondeu com a voz guttural e lugubre do homem que se mata :

— Não.

V

O DEMONIO DO RISO

A baroneza acabava apenas de ouvir a sentença magnanima do cavalheiro, quando um criado annunciou da porta :

— S. Ex. a senhora dona Amalia de Villares.

O capitão, ainda muito abalado, não viu um gesto de contrariedade que escapou á baroneza; esta porém immediatamente risonha e agradavel adiantou-se a receber a amiga.

Amalia de Villares entrou jubilosa e ligeira, exclamando :

— *Baroneza de Amor*, venho tomar-te contas!...

E começou por tomar-lhe primeiro o abraço e o beijo de convenção.

O capitão esperava em pé.

A baroneza, trazendo Amalia para o sophá, satisfez em seguida o dever de apresentação obrigada pela cortezia; limitando-se porém a dizer os nomes da senhora e do cavalheiro apenas recommendados pela ceremoniosa indicação da sua amizade.

Amalia e o capitão cumprimentaram-se; este com simples signal de respeito; aquella com subito movimento de curiosidade ao ouvir-lhe o nome precedido da menção do posto militar.

Acompanhado sempre das prevenções da sua fealdade, o capitão mal dissimulou talvez o enfado que lhe causava o curioso olhar d'aquella senhora.

A baroneza já lia, como em livro aberto, na alma do expansivo e ingenuo Ávante, e não lhe deu tempo para o vexame.

— Dona Villares! disse ella; vens brigar commigo, porque hontem não fui lembrar-te que te envelheceste mais um anno: perdôa-me! tive dever sagrado a cumprir, e cumpri-o.

— Sim; um pouco: vinha sobretudo fazer-te inveja, ostentando meu incrivel e esplendido triumpho!

— Qual?...

— *Baroneza de Amor!* saúda-me! meu marido esteve presente ao meu baile de principio ao fim!

— Dona Villares!... disse a baroneza, mostrando com os olhos o capitão.

E dirigindo-se a este, acrescentou, inventando uma desculpa da inconveniencia:

— Ella vive sempre a gracejar.

Amalia não se perturbou, e disse immediatamente:

— Senhor capitão, a *baroneza de Amor* falla sempre com figuras de eloquencia: o que ella acabou de dizer significa, que eu vivo sempre dizendo verdades a rir.

— Ainda bem para a felicidade que V. Ex. merece; respondeu o capitão.

— A proposito de felicidades, *baroneza de Amor!* eu vinha pedir-te precioso favor, que sem duvida me poderás conceder.

— De que se trata?... sabes, que dispões de mim.

— Ante-hontem estive no theatro de S. Pedro, e não pude ir abraçar-te; porque um dever

sagrado — não é assim que se diz?... — prendeu-me toda noite no meu camarote.

— Vingativa!...

— Mas, *baroneza de Amor*, como abençoei e applaudi a tua felicidade!

A baroneza mostrou-se levemente confusa.

— Oh! não é segredo, foi publico; hontem em nossa casa conversámos muito sobre o facto: mereceste, como as bellas princezas da meia idade, que um paladim desconhecido, tomando a tua defeza, ferisse com ameaça tremenda a face do aleivoso que de longe te offendia.

— É verdade; e glorio-me do cavalheiro; disse a baroneza.

— Mas é impossivel que não te empenhasses já em conhecêl-o!

— A meu pedido elle se dignou ser-me apresentado hontem á noite.

— Ah! realmente não devias ir ao meu baile!... pretendes porém ser zelosa avarenta de tão rico thesouro?... eu vinha dizer-te que ardo por ver e admirar esse garlhardo cavalheiro.

A baroneza fitou curioso olhar no rosto de

dona Villares, porque já tinha adivinhado que esta reconhecêra o militar que no theatro se fizera notar por seu generoso, mas imprudente commettimento.

— Minha senhora, disse o capitão, quasi sempre é melhor guardar as illusões creadas pela imaginação, ou por sentimento delicado.

— N'este caso não ha desillusões possiveis; respondeu dona Amalia.

E voltando-se para a baroneza, acrescentou :

— Peço-te que me apresentes aqui ou em minha casa o teu denodado paladim.

A baroneza fitou de novo dona Villares, e logo estendendo o braço com gracioso movimento para o joven e feio militar, disse em tom sério, mas accentuado de ufania :

— O meu nobre cavalheiro aqui está! é o senhor capitão Brazilio de Amoreira.

— Oh!... perdão! balbuciou dona Villares, indicando-se surprehendida.

— O capitão curvou-se respeitoso e modesto.

A baroneza tornou dizendo com ironia subtil, ou habilissima reserva.

— Dona Villares, não posso ter a honra de apresentar-te o senhor capitão Brazilio; porque

adiantada sem o pensar já te apresentaste a elle.

Ou não entendendo, ou fingindo não entender o pensamento disfarçado da baroneza, dona Amalia disse ao capitão :

— Não me arrependo de minhas expansões; pois que o senhor capitão merece a gratidão de todas as senhoras : bemdigo da coincidencia do encontro inesperado, e com o maior prazer lhe offereço minha pobre, mas sincera amizade.

E offereceu a mão, da qual arrancára a luva, ao capitão que lh'a beijou deferente e agradecido.

— A noite lhe é propicia; pois que lhe deu bella e jubilosa amiga, observou com doce agrado, ou com disfarçado zêlo a baroneza, dirigindo-se ao seu desenganado aspirante de amor.

— Aos pés e aos olhos de V. Ex. eu tenho o condão da felicidade; respondeu o Ávante.

Dona Villares interveio, exclamando :

— Mas eu me sinto embaraçada por confusão de nomes!... acabo de saudar o capitão Brazilio, e entretanto só me fallaram do capitão Ávante!...

A baroneza acudiu immediatamente, acidulando a ironia :

— Ah, dona Villares!... nem me deixaste a consolação de apresentar-te o meu cavalheiro com a sua alcunha gloriosa!...

O capitão, alheio áquellas susceptibilidades, áquelles espinhos de flôres, disse innocentemente :

— O meu nome é Brazilio de Amoreira ; mas com effeito poucos o sabem, porque... o trocaram todos por *Ávante*... lá na guerra.

— Bella alcunha!...

— Qual!... lá na guerra os soldados zombam dos perigos e riem-se nas privações, divertindo-se por todos os modos, e até alcunhando-se uns aos outros... eu me empenhei em ser digno da patria, todos os brazileiros o foram : chamaram-me *Ávante*, não sei porque... foi por gracejo; é que eu tinha o costume de gritar — ávante! *quando brigava :* era costume; mas quando eu gritava, nunca me via só... eu era como os outros soldados brazileiros.

A conversação levada para as recordações de guerra do Paraguay, e para a narração de alguns dos mais heroicos feitos dos nossos

guerreiros impavidos e benemeritos, arrefeceu emfim, e o capitão Ávante, o enthusiasta informador, que glorificára nomes gloriosos, e nomes ignorados sem uma unica vez lembrar o seu, aproveitou o primeiro momento de transição de assumpto para levantar-se, despedir-se e sahir.

As duas elegantes senhoras, que se diziam amigas, ficaram sós e em plena liberdade.

— Dona Villares, disse a baroneza; tu sabias bem que o meu cavalheiro do theatro era o militar, que encontraste aqui.

— Não sabia; mas adivinhei-o logo; confesso-o.

— E porque fingiste não conhecêl-o?...

— Por gosto de artificio, e nada mais : o teu cavalheiro é feio como noite de tempestade.

A baroneza não retorquiu.

— Mas pergunta por pergunta, disse por sua vez dona Villares; sê franca, minha linda *baroneza de Amor;* o conselheiro Adeodato está condemnado a ser sol no occaso substituido pelo sol nascente capitão Ávante?...

— Louca!

— Chamar-me louca não é responder.

— Para que me lembraste o conselheiro Adeodato?...

— Ah! agora sim; quasi que já respondeste.

— Oh, não! exclámou a baroneza; juro que não amo o capitão.

— Acredito; mas tambem estou certa de que não amas o conselheiro.

— Dona Villares!

— Eu te julgo por mim: cansada de chorar as infidelidades de teu marido, tu te divertes.

— Não; eu me vingo; disse a baroneza com força.

— É o mesmo para o caso; por distracção ou por vingança pódes entreter a côrte amorosa do capitão, como...

A baroneza interrompeu dona Villares, dizendo-lhe magoada:

— Eu te perdôo; porque acabaste de dizer que me julgas por ti; fica porém sabendo que eu nunca me aviltaria ao ponto de mystificar com falsos amores o homem, a quem devo aquelle tão ousado impeto em minha defeza.

— Tens razão; respondeu a leviana, tornando-se commovida e séria; isso é digno de ti; é bello e delicado.

A baroneza olhou-a com desconfiança.

— Estás enfadada commigo?... perguntou dona Amalia.

— Não; quizera porém que me dispensasses uma graça...

— Qual?...

— Deves suppôr que tenho consciencia de meus erros e dos desvarios, em que me excedo, expondo-me a murmurações bem merecidas: é pelo menos dever de caridade, se não é tambem dever de trato benevolente não vir lembrar-m'os e rir d'elles, rindo portanto de minha desgraça, rindo de mim.

— Magoei-te?... offendi-te?... exclamou dona Villares, apertando as mãos da baroneza; oh!... minha amiga!... eu faço mal sem querer!... desculpa a estonteada!

— Está tudo esquecido; disse a baroneza com voz meiga, tendo sentido duas lagrimas cahidas em suas mãos.

— Mas eu vou deixar-te, levando um remorso no coração!...

A baroneza, quasi arrependida na manifestação do seu desgosto, abraçou dona Villares, beijou-lhe a face, e fallou-lhe docemente:

— Minha linda e impertinente leviana! a tristeza não vai bem no teu rosto! tu nasceste para rir! eu já esqueci tudo e te amo.

Dona Villares riu-se alegre.

A *baroneza de Amor* estava longe de conhecer Amalia de Villares em toda a malignidade de seu caracter; conhecia-a porém bastante para não têl-a em estima, nem distinguil-a com a sua confiança: todavia deixava-se attrahir pelo seu espirito brincão e por seu genio prazenteiro, sendo certo que as relações que entretinha com ella, cuja moralidade era equivoca, não pouco a prejudicavam aggravadas pela semelhança do suspeitoso ou condemnado procedimento.

— Tu nasceste para rir! disse a baroneza; tu serias o anjo, se não fosses o demonio do riso!

Dona Villares indiscreta e precipitada respondeu logo:

— Sendo assim, quero rir muito, fica-o sabendo.

— Como?

— Não tendo que respeitar delicado sentimento de gratidão...

— Ah! queres fazer a conquista do capitão?

— Isso mesmo; mas, pelo contrario, quero ver se consigo que elle me conquiste o amor.

— Feio como noite de tempestade?...

— O amor do bonito já é tão trivial!... e além d'isso o capitão é tambem evidentemente distincto por endiabrado, e portanto é impossivel que não me distingam, se eu fôr amada por elle. Que dizes?...

— Digo-te o nome do capitão : — Ávante!...

— Não pões embargos?...

— Basta que me deixes a sua amizade.

E a baroneza acrescentou sorrindo; mas de leve contrariada sem atinar porque :

— Boa viagem, Villares!

— Se devéras o desejas, sopra-me d'aqui auras propicias...

— Menos isso! disse a baroneza gravemente; eu sei que tenho procedido mal; ainda porém não aconselhei o mal a pessoa alguma.

— Oh!... julgas então, que é um mal o amarem-me?

— Sim; porque tu és senhora casada.

— *Baroneza de Amor!* exclamou dona Vil-

lares; não te magões outra vez; mas dize-me: qual de nós é mais douda?

— Tu, dona Villares; porque eu ainda tenho consciencia.

— Por fim de contas sempre de accôrdo!... é verdade: privei-me da consciencia, mandando-a passear com o meu bello marido pelo paraizo de Mahomet.

VI

SEM CORAÇÃO

Não havia ponto algum de semelhança no caracter e nos sentimentos da baroneza e de Amalia de Villares : os murmuradores as apertavam ligadas pelo mesmo laço de reprovação; porque ambas pareciam amigas intimas, e porque em seu procedimento se afiguravam em emulação de namoradeiras; mas na realidade uma era o mais vivo contraste da outra.

A amizade intima que se notava entre ellas provinha do desastrado empenho da baroneza em comprometter-se por meio tambem d'essa ligação inconveniente ; esta porém era tão falsa como a supposta felicidade dos amantes da vaidosa, ciumenta, e revoltada esposa.

Em seu procedimento a baroneza era douda martyr que os homens poderiam apedrejar na terra, mas que havia de receber o perdão de Deus no céo.

Amalia de Villares ao contrario, se em algum tempo fòra esposa casta, aceitára o infortunio que lhe impuzera o desprezo do marido, como boa explicação para deixar de sêl-o, para dar expansão a seu genio inconsiderado, isento de escrupulos, e ao seu gosto pelo galanteio ainda o mais compromettedor.

Uma soffria profunda e occultamente, porque offendia o dever.

A outra ria-se do dever.

Uma reconhecia o mal no seu procedimento, porque tinha consciencia.

A outra mandára a sua consciencia passear com o marido que a desprezára.

Em uma palavra a baroneza era martyr e Amalia de Villares era má.

A indiscrição com que entrando na sala da baroneza, e em face de um cavalheiro que a não conhecia, dona Villares fallára do seu baile, ridiculisando a presença do marido, a immodestia com que, tendo reconhecido o capi-

tão Ávante, provocára a sua apresentação, e depois da retirada d'este, a conversação em que excedêra-se ostentando o olvido das noções do dever, apresentam em transparencia graves senões do seu caracter.

A baroneza sabia que Amalia de Villares era pouco mais ou menos o que mostrava ser, demonio do riso, que ria de si propria e de todos, da sociedade, e tanto do vicio como da virtude.

Tendo-a n'essa conta, ella recebeu como verdadeira e positiva a declaração do seu proposito de procurar conseguir *que o capitão Ávante fizesse a conquista do seu amor*, o que claramente significava que Amalia ia esforçar-se por *conquistar* o feio mancebo.

Semelhante conquista se pronunciava bem facil; porque o capitão Ávante solteiro, recem-chegado á capital, sem ligações amorosas n'ella, joven e ardente, nem pensaria em esquivar-se ás seducções de dona Villares que era linda, realçava a lindeza com o espirito subtil e epigrammatico, e não tinha o zelo severo das reservas do honor que desanima a esperança atrevida.

A baroneza ficára desagradavelmente pre-

occupada do projecto inconfessavel, mas sem dissimulação declarado : não amava, não podia amar o capitão Ávante ; por modo algum porém lhe podia ser indifferente vêl-o sujeito á influencia menos digna, menos innocente de Amalia de Villares.

Ella tomára o seu cavalheiro em grande e justissima estima : em duas visitas, aliás pouco demoradas, estudára-o em suas palavras, em seus modos, em seus sentimentos, em suas qualidades e em seus defeitos moraes, e com a luz instinctiva e quasi sempre infallivel, que sahe do animo, e atravessa o coração da mulher intelligente e sensivel, reconheceu que o capitão Ávante trazia em natureza de fogo virtudes magnificas, enthusiasmo, ardor até o sacrificio em impetos de generosidade, fraqueza pela exageração da credulidade, perigo imminente pelo arrebatamento das illusões, e pela exaltação da sensibilidade ; julgou-o acertadamente nobre, dedicado, imprudente e desastrado, um homem emfim que dominado por uma mulher seria anjo ou demonio, conforme ella fosse inspiradora do bem, ou impulsora do mal.

O capitão Avante apaixonado por Amalia de

Villares tinha tudo a perder pelo contagio da corrupção moral.

E além d'esses cuidados da estima é mais que provavel, porque é natural, outro sentimento influia no espirito da baroneza.

Ainda que não corresponda, que não lhe seja possivel corresponder ao amor de um cavalheiro distincto, a senhora que mereceu esse culto que lhe é sempre lisonjeiro, não póde sem certa indisivel magoa vel-o voltado em thurificação para outra : ha n'isso irrecusavel exigencia de improficuo sacrificio de amor não attendido, tyrannico sentimento de egoismo, insolito querer de vaidade; mas em todo caso por natureza criada pela educação que desde o berço recebe, a mulher que é amada, embora não ame, doe-se, vendo o homem que amou-a aditar-se com o amor de outra mulher.

Mas a baroneza tinha honorifica e esplendidamente apagado todas as esperanças que o capitão Ávante concebêra, declarando-lhe a sua paixão : não lhe era licito, não convinha ao seu brio nem contrariar os designios de Amalia de Villares, nem fallar d'elles ao capitão Ávante.

Apprehensiva, mas obrigada a conter-se em

prudente reserva por circumspecção, cuidadosa e interessada por duplice sentimento, um confessavel, a amizade, outro inconfessavel, o estremecimento vaidoso do egoismo de mulher amada, embora não amante, a baroneza submetteu-se ás exigencias das suas delicadas relações com o capitão, esperando discretamente os resultados das tentativas de Amalia de Villares.

Esta pelo menos tinha o triste merecimento da franqueza nas impulsões de sua indole e nos excessos da leviandade. Dissera com effeito a verdade, confessando que desejava ser amada pelo capitão Ávante para singularisar-se e distinguir-se com os reflexos do genio endiabrado, que lhe suppunha.

Certo é que a ameaça da bofetada no theatro fizera com que muitos perguntassem quem era o arrebatado e desordeiro militar, e achando-se presentes ao espectaculo dramatico diversos officiaes que tinham guerreado no Paraguay, não faltaram as informações, e espalhára-se a fama das proezas do Ávante.

Mas dona Villares, que já sabia como estava deformado o rosto do capitão, e que o declarára

feio como noite de tempestade, sem apaixonar-se, sem sentir por elle nem mesmo simples inclinação, recebeu comtudo impressões muito favoraveis e com as quaes estava longe de contar, observando na casa da baroneza o joven que para ella tinha o merito de ser endiabrado.

O capitão Avante além do condão da bravura, que sempre recommenda o homem ás senhoras, era de estatura pouco acima da regular, muito bem feito e garboso : em sua conversação ganhava pela modestia quanto perdia em seus modos nos primeiros momentos de communicação com pessoas apenas conhecidas, tomado do vexame que lhe impunha a lembrança de sua face afeiada pelas cicatrizes.

Amalia de Villares gostára do garbo varonil e da bella figura do capitão, cuja conquista ainda mesmo sem esses dotes, premeditára por caprichosa phantasia.

Certificada de que não tinha na baroneza uma rival a temer, como suspeitára, preparou-se para entrar em acção, calculando com a immediata visita a que o cavalheiro não podia faltar depois da apresentação um pouco romanesca que ella fizera de si mesma.

E o cavalheiro não faltou; mas pôz em anciedade Amalia de Villares, fazendo-a esperar alguns dias.

O capitão Ávante sahira da casa da baroneza na noite das amplas confidencias afflictivamente contrariado pela desdita do seu amor; mas absolutamente captivo da martyr, que lhe abrira sua alma e seu coração.

Elle sahira levando comsigo não um remorso, mas generoso arrependimento : impetuoso rompêra em arrebatada declaração amorosa, e a baroneza lhe dissera depois : « se não tivesse admittido conceito pouco lisongeiro á minha honra, hesitaria muito antes de proceder, como acaba de fazel-o. »

O capitão reconhecia que a baroneza tivera razão de pensar assim.

Sua declaração de amor devia ter parecido um insulto.

Peior que tudo, duas noites antes elle praticára acto espontaneo e incalculado, que no emtanto excitára a gratidão mais viva da baroneza.

Duas noites depois do acto sem merito elle se afigurava ir pedir por premio o que o homem

generoso nunca ousaria implorar á senhora que se reconhecia agradecida.

O capitão Ávante em sua consciencia tinha a tranquilla segurança de que, confessando o seu amor, cedera sómente á impulsão do animo exaltado, ingenuo, e infelizmente indomavel; mas arrependia-se do que ousára, reflectindo que todas as apparencias davam fundamento ao juizo da baroneza e o condemnavam por tentador de abuso de serviço prestado.

Elle, o homem de caracter nobre e abnegado, se mostrára interesseiro, e egoista!...

Exagerando a importancia d'essas considerações, o capitão pensava que lhe cumpria compensar o acto que pudera presumir-se abusivo, dedicando-se illimitada e desinteressadamente á baroneza.

Em susceptibilidade tão apurada dissimulava-se apenas o fogo do amor: o « não » que elle fôra dignamente obrigado a pronunciar, sacrificando seus proprios e vehementes anhelos, é a confissão da ternura desmerecida, mas conservada ao ingrato e infiel esposo pela baroneza tinham imposto ao apaixonado mancebo o dever de sopitar suas flammas; não estava po-

rém em sua natureza cobrir de apparente gelo o volcão : indispensavel era-lhe uma valvula ; na dedicação desinteressada podia desafogar-se a ternura.

O capitão Ávante fôra pouco expansivo com o Dr. Olympio.

Este vendo-o chegar silencioso e pensativo perguntou-lhe :

— Decifraste a charada?...

— Decifraram-m'a.

— Qual é o nome?...

— Martyr.

— E avançaste, capitão?...

— Sim ; mas tive de recuar.

— Pela primeira vez!... ah!... a *baroneza de Amor* é prodigiosa.

— É.

— E acreditas n'ella?...

— Como em minha mãi.

O capitão recolhêra-se provavelmente para não dormir.

No outro dia ao almoço o Ávante referiu ao Dr. Olympio o que se passára com Amalia de Villares na casa da baroneza, e depois consultou-o.

— Entendes que fiquei em divida de uma visita a essa senhora?...

— A cortezia te obriga; e a belleza de dona Villares te convida a apressar a visita.

— Irei.

— Quando?...

— Conheces dona Amalia?...

— Sou seu medico desde alguns mezes; mas ainda não pude cural-a; porque ella nunca esteve doente.

— Não comprehendo...

— Dona Villares tem dias de excepção, em que pretende achar-se gravemente affectada de não sei que molestia do coração : sou chamado, examino-a, receito á força; mas juro-lhe sempre que é impossivel que ella soffra do coração : á primeira vez que lh'o jurei, perguntou-me : « porque? » e eu lhe respondi : « porque a senhora não tem coração. »

— Offendeste-a, doutor!... e dona Amalia que te disse?...

— Desatou a rir, e depois observou alegremente : « mas, doutor, que logica é essa?... eu lhe asseguro tambem, que as vezes soffro dôres de cabeça! »

— Ah! disse o capitão; quizeste dar-me informações... obrigado; o essencial porém é que sejas de sua intimidade.

Quatro ou cinco dias depois effectuou-se a visita um pouco retardada.

Amalia de Villares, prevenida, esgotára todos os recursos do toucador para dar mais realce a seus naturaes encantos; não precisava fazêl-o, porque era realmente linda.

Elle tinha premeditado constranger as demasias de seu genio brincão e inconsiderado, affectando sensibilidade, e se houvesse, como esperava, ensejo propicio, doçura e enleio em tentativa de alliciar o capitão Ávante; dentro em pouco porém, vendo entrar com elle o Dr. Olympio, que não poderia ser illudido, e seria capaz de desilludir o amigo, mudou promptamente de plano.

De má vontade embora, dona Villares recebeu com igual amabilidade os dous cavalheiros.

Apenas sentou-se, o capitão disse :

— Minha senhora, eu contava com a munificente bondade de V. Ex.; quasi porém desconhecido ao vir prostrar-me aos pés de V. Ex.

apadrinhei-me com um amigo commum, que póde responder pela minha lealdade.

Dona Villares já tinha tomado o instinctivo conselho de seu genio inconsiderado : em vez de responder ao capitão, voltou-se para o Dr. Olympio, e fingindo gracioso enfado, apostrophou-o, dizendo :

— Que veio hoje fazer aqui, senhor intruso?... amigo obsequiador, ter-me-hia trazido o Sr. capitão na noite da festa de meus annos ; apresentador ceremonioso, certamente sabia que eu dispensava o seu favor, porque já tinha sem o pensar me apresentado a este nobre cavalheiro : que veiu fazer hoje aqui?...

E fallando ao capitão, e accusando o Dr. Olympio que a ouvia sorrindo, continuou com encolerisada graça :

— Quer sabel-o?... elle é meu medico, e bem que se presuma de atilado observador, ainda não conseguiu achar o meu coração apezar das palpitações que me atormentam, e veio hoje inopportuno e abelhudo verificar se de facto tenho ou não tenho coração estudando as impressões que devo experimentar, ao receber a visita de cavalheiro de tanto primor.

Amalia de Villares, fallando assim, dava o tom á conversação que devia seguir-se, estando presente o Dr. Olympio.

O capitão Ávante, cortez e intelligente, sujeitou-se á norma imposta pela senhora que estava no direito de estabelecel-a; foi agradavel, por vezes mostrou-se feliz na troca de espirituosos gracejos; mas conservou-se sempre, e a despeito dos envites de dona Villares, nas raias do mais cuidadoso respeito.

Aproveitando ao menos o Dr. Olympio que não guardava as mesmas reservas, dona Villares pôz em acção todos os recursos do seu espirito em vivo combate de ironias e de epigrammas, em que não foi rara a manifestação da sua leviandade.

Uma vez, interrompendo o seu continuo gracejar, ella perguntou ao capitão :

— Tem visto a *baroneza de Amor?...*

— Não, minha senhora.

— Devéras?... não tornou a vêl-a depois d'aquella noite, que passou.. ha um seculo, creio eu?

— É verdade; e agradeço a V. Ex. essa medida do tempo, bem que me venha n'ella a mais justa reprehensão.

Amalia de Villares sorriu-se encantadamente, e depois disse :

— Isso é máo; mas consola-me : a humanidade é assim...

E voltando-se para o Dr. Olympio, perguntou :

— Doutor ! tem na sua sciencia algum especifico poderoso contra a ingratidão?...

— Tenho-o, e infallivel.

— Pois eu lhe peço que o applique ao seu amigo.

— Ah, minha senhora ! o meu especifico mata a ingratidão; mas tambem obriga a amar.

— Tem duas virtudes preciosas; tanto melhor : applique-o ao seu amigo !

— Nunca o appliquei por duas razões muito consideraveis.

— Quaes?...

— Em primeiro lugar jurei não receitar para pessoa alguma esse milagroso philtro que é infallivel em todos, mas sem acção alguma em V. Ex.

— Oh!...

— E, segunda razão; tenho ciumes do meu

especifico que mata a ingratidão; mas obriga a amar.

— E que especifico é esse, que nada póde em mim, e tudo póde nos outros?... revele o segredo!...

— Ah, dona Amalia de Villares! o especifico é aquelle seu riso cheio de magias, riso metade de anjo, que beatifica, metade de demonio, que abraza em violentas flammas.

— Crê nisso, doutor?...

— Se o creio!... quizera poder condemnal-a a não rir... senão...

Dona Villares não deixou o Dr. Olympio completar o seu pensamento; voltou-se toda para o capitão Ávante, e derramando os amavios do riso feiticeiro, allucinador, cujo condão possuia, disse-lhe com doçura:

— Já ouviu lisonja tão insensata?...

O capitão Ávante obrigado a responder á pergunta claramente provocadora de falsa ou real confissão de rendimento ao encanto de seu riso captivador, fechou os olhos e murmurou com galanteria balda de qualquer indicação compromettedora:

— O especifico é perigoso; mas tem um an-

tidoto na cegueira : eu cerro os olhos para não vêr.

A isenção disfarçava-se na suavidade da cortezia.

Amalia de Villares quasi que se mostrou resentida, recebendo do capitão menos do que evidentemente lhe pedira.

Ella porém sabia alimentar a paciencia, e teimar no artificio : que uma é condição essencial da pertinacia, e outro alma do calculo que se desenvolve para se chegar ao fim, que se determinou em empenho tomado.

Amalia de Villares teve ainda sorrisos e expansões de contentamento.

Quando os dous cavalheiros se despediam para retirar-se, ella disse menos modestamente ao seu medico :

— Doutor! tenho medo de importunal-o demasiadamente...

— E eu ao contrario almejo sempre ser chamado para vel-a doente, como tem estado até hoje...

— E se eu o chamar amanhã?...

— Por causa das palpitações, dona Villares?...

— Supponhamol-o...

— Eu hei de correr ao seu chamado; mas tratarei de procurar-lhe o coração ao lado direito do seu bello peito.

Era d'esse lado que estivera sentado o capitão Ávante.

— E se não o encontrar mais ahi?... perguntou a inconsiderada senhora, rindo-se e com os olhos embebidos no mancebo, a quem namorava.

— Em caso tão grave, respondeu o doutor no mesmo tom de zombaria; recorrerei á policia denunciando, como ladrão sacrilego, o meu perverso amigo capitão Ávante.

VII

AMANTE TORNADO AMIGO

— Porque me esqueceu durante quinze dias?... perguntou a baroneza ao capitão Ávante, que emfim voltára á sua casa.

— Eu não a esqueci, lembrei-a, senhora baroneza.

— Ao menos porém mostrou não desejar vêr-me.

— Se o desejei! disse o capitão com ingenuo sentimento.

E logo acrescentou:

— Depois de havel-a offendido, embora sem intenção, é indispensavel que eu me castigue.

— Em que me offendeu?... capitão! nós temos chegado a tal ponto de confiança, que

em mutua franqueza devemos deixar de lado todas as reservas.

O mancebo guardou melancolico silencio, pensando talvez na reserva do sentimento que lhe enchia o coração.

A baroneza continuou dizendo :

— Em que me offendeu ?... confessou-me o seu amor, o que em verdade me offenderia, se eu não tivesse autorizado pelo meu procedimento dez ou mais confissões de affecto semelhante.

— É isso, murmurou o capitão ; crê que a julguei, como outros...

— Oh, não! quero dizer que não me considerei offendida e, que me houvesse offendido, que poderia eu exigir mais além d'aquella sentença com que nos engrandeceu a ambos depois de ouvir minha defeza ?...

— V. Ex. tinha o direito de perdoar-me.

— Pois bem ; vou tranquillizal-o completamente. Não ha senhora, que não saiba impedir a tempo uma declaração de amor. Até o dia em que me arrojei nos despenhos de minha vingança, foram não poucas as declarações que evitei com uma palavra ou com um simples

gesto, que annullaram as tentativas, sem que eu indicasse tel-as percebido.

O capitão olhou curioso para a baroneza.

— Antes que o manifestasse, fallando, eu tinha já sentido que era amada pelo capitão, e não quiz impedir, confesso-o, cheguei a facilitar a declaração que me fez.

— Ah! porque, minha senhora, se me esperava o mais cruel, embora nobre e justo desengano?...

— Porque me convinha; porque me era preciso que nossas relações firmadas no pleno conhecimento do intimo de nossos corações fossem nitidas, fortes pela confiança, e não incompletas pela minha hypocrisia a fingir ignorar, e pelo seu ardente almejo de me revelar o seu amor. Fil-o reconhecer que não podia amal-o: achei no capitão o cavalheiro com que contava. Já vê que não me offendeu.

— Obrigado, minha senhora; agora sim, V. Ex. sem libertar-me do arrependimento da ousadia, ao menos livrou-me da tormentosa supposição da offensa.

A baroneza sorriu-se e perguntou com a mais doce amabilidade:

— E não reincidirá outra vez no delicto de passar quinze dias sem vir apertar-me a mão de amiga?...

O capitão Ávante respondeu em tom sério, mas commovido:

— Minha senhora, V. Ex. decretou franqueza ampla, a que devo obedecer. Eu não posso e não hei de frequentar assiduamente a casa de V. Ex.

— Oh! e porque?... diga-o!

— No amor ha egoismo que nem mede os sacrificios que exige: amante apaixonado, é quasi certo que, esperançoso e attendido, eu maldiria das horas que perdesse longe dos pés de V. Ex.!...

A baroneza duvidou pela primeira vez dos sentimentos generosos do capitão, e fitou-o perplexa.

— Mas a esperança morreu, minha senhora; eu admiro e honro aquelle amor santo e martyr que levantou o impossivel diante do meu fatalmente esmagado. Senhora baroneza; isto que vou dizer, não é offensa, é franqueza! eu amo-a sempre!... mas não podendo ser amado, quero ser amigo dedicadissimo.

— Capitão!... disse a baroneza, apertando com ardor a mão do joven militar.

— Em toda parte e com espontaneo impulso, e ainda mais a um reclamo, a um aviso de V. Ex., serei prompto a defendel-a, furioso a vingal-a : disponha de mim, mande, exponha, ou exija o sacrificio de minha vida, e verá como comprehendo a dedicação.

A baroneza inundou o rosto feio do capitão com um olhar radiante de todas as flammas da gratidão mais profunda e do enlevo mais delicioso.

— Eu o reconheço!... disse ella.

— Mas, senhora baroneza, a minha assiduidade n'esta casa não póde convir a V. Ex.

— Qual a razão?...

— Porque, apezar da minha fealdade, eu tambem chegaria a servir á calumnia, que não poupa V. Ex.

A baroneza fez um gesto de desprezo ; depois sorriu-se e perguntou :

— Tem ouvido fallar muito mal de mim?

— Não tenho ouvido; sei porém que fallam.

— Então que importa mais uma gotta d'agua no oceano?...

— Sendo eu a gotta d'agua, isso me importa muito, minha senhora.

A baroneza respondeu triste :

— Tem razão : zele a pureza do seu nome.

— Não se trata de meu nome, nem de minha pessoa : quero sómente zelar o credito de V. Ex.

— Zelar o que atirei á diffamação?... oh! depois que permitti que me dessem quatro amantes, e que o quarto fosse o conselheiro Adeodato com sessenta ou mais annos de idade, que é que póde salvar-me no meu naufragio?...

— Procuro livral-a de um cachopo de mais.

— Privando-me de um amigo?...

O capitão respondeu com voz firme :

— Negando aos calumniadores o quinto amante da *baroneza de Amor*.

A baroneza outra vez duvidosa, quasi apprehensiva, observou por alguns momentos a physionomia do capitão ; vendo porém que muito pouco podia ler n'aquelle espelho d'alma estragado por cicatrizes e gilvazes, disse em tom de firmeza igual :

— Capitão ! pela ultima vez appello para a lealdade dos seus sentimentos; pela ultima vez

repito que entre nós a franqueza absoluta é dever...

O capitão esperou a pergunta que lhe ia ser feita, e a baroneza fel-a, cravando n'elle penetrante e imperioso olhar :

— Concebeu o plano trivial, o recurso da esquivança para obrigar-me a attender, a render-me ao seu amor?...

O capitão respondeu com tristeza profunda, e com voz abalada :

— Se eu a offendi com a declaração do meu apaixonado affecto, V. Ex. vingou-se bem cruelmente agora !...

A baroneza acudiu, dizendo :

— Não avancei juizo algum ; estimo-o ; honro-o ; mas sei que ama-me : quero que me responda !

— Se V. Ex. se achasse viuva amanhã, eu viria pedir-lhe o seu amor, minha senhora.

— E hoje?

O capitão hesitou um instante, e respondeu :

— Hoje, se V. Ex. me offerecesse o seu amor, eu não poderia aceital-o.

A baroneza córou.

O capitão suavisou a aspereza da resposta, explicando-a :

— Porque V. Ex. ama seu marido, e eu adoro-a muito, e não me submetteria á hypothese de um rival no seu coração.

— Obrigada! disse a baroneza.

— V. Ex. tinha declarado, que entre nós a franqueza absoluta é dever. Póde contar com o amigo, ainda que alguma vez elle chegue a afigurar-se demasiado rude.

— Oh ! pois bem : porque então me nega sua menos rara presença aqui ?... é o receio de passar por meu quinto amante ?... capitão, desde que eu o tratar, como o trato condignamente, e não tomar, como jámais o tomaria, por ludibriado instrumento de minha vingança, desde que em publico nossas relações forem, como o são de facto, innocentes e honorificas, que temor é esse da calumnia ?... teme-a por mim ?... eu a desprezo, e d'ella me aproveito ; teme-a por si ?... sejamos o que somos um para o outro, e sendo-o, e não dando alimento a suspeitas verosimeis, e mostrando-nos amigos sérios e honestos, deixe que a calumnia lhe dê

por amante uma senhora, que já não tem credito a perder.

— Mas que tem credito a regenerar; disse o capitão.

— Isso é sonho generoso, meu amigo : n'este mundo póde haver piedade; não ha porém regeneração para a mulher, que se degrada; ainda sob falsas apparencias o descredito da mulher é como o inferno de Dante : *lasciate ogni speranza !....*

— E então?..... o capitão ia dirigir uma pergunta; mas interrompeu-se, hesitante.

— Comprehendo bem o que pretendia perguntar-me, disse a baroneza ; não posso porém responder-lhe : a resposta pertence exclusivamente a meu marido.

O capitão não retorquiu.

A baroneza com a insistencia da teima feminil, voltou ao seu empenho exigente.

— Capitão, venha ver-me assiduamente, e não se arreceie do labéo, ou da suspeita de meu amante : fica por minha conta livral-o d'esse perigo; despenhei-me, e ainda me despenho, e sem comprommettel-o, hei de fazer que me dêem

quinto, sexto, e mais amantes, como os quatro primeiros.

— Perdão, senhora baroneza! V. Ex. não o ha de fazer.

— Porque?...

— Porque V. Ex. tem um amigo fiel e sincero que não hesita em dizer-lhe : « basta! »

A baroneza estremeceu, como criminosa que vê erguer-se o vulto de severo juiz; mas em breves momentos socegada respondeu :

— É muito tarde... ou muito cedo.

O capitão tornou dizendo suavemente :

— Nunca é cedo nem tarde para o bem.

— Capitão!...

— Senhora baroneza; ha quinze dias que V. Ex. revelou-me todos os segredos do seu martyrio e da sua vingança no empenho, disse-o, de merecer a minha estima.

— E então?...

— Mereceu-a toda : sabe porque?...

— Diga-o.

— Porque a julguei e julgo-a inculpavel na vingança pelo desvario, e adoravel no martyrio pelo amor que conservou.

A baroneza, quasi colerica, observou sorrindo com ironia pungente :

— E entretanto o capitão tentou transviar a santa martyr ao impulso do amor que me declarou !...

— É verdade ; mas eu então só a tinha visto e ainda não a tinha ouvido : a paixão amorosa é arrebatada e egoista ; amei-a, confessei que a amava pelos olhos e pelo coração ; mas desde que V. Ex. fallou, estimei-a, adoro-a pelos meus ouvidos e pela minh'alma.

A baroneza sentiu-se rebatida e revolta contra o desobediente : querendo esquivar-se á insistencia do amigo severo, disse, provocando o fervor de outro sentimento :

— Foi-lhe bem facil sujeitar o amor á razão !

— Facil ?... supponha-o embora : não me defendo ; porque a defeza fôra reincidencia em culposa ousadia. O facto é este : V. Ex. fez-me lavrar a sentença justissima que fulminou o meu amor, e honrou-me, pedindo e encarecendo a minha estima. Eu não podia estimal-a sómente, adoro-a estimada, e quero que minha amizade seja culto dedicado a um anjo. Não

posso ser amado, desejo e peço que me tome devoto assim.

O capitão Ávante era a tentação do bem e da virtude.

A baroneza desceu da colera, e subiu á sensibilidade; mas a resistir ainda, dulcificou a voz e disse :

— Ha em mim um empenho inexoravel : é a vingança que chamou desvairada.

— Ha em V. Ex. uma luz celeste, que santifica o seu grande infortunio : é o amor purissimo que guarda ao esposo ingrato.

— Capitão ! quer que me arrependa de minhas expansões confidenciaes ?...

— Não, senhora baroneza; quero sómente que o amigo fiel saiba dignamente aproveitar-se d'ellas.

— Que lhe importa que haja desvario no meu proceder?... se estimou-me pelo conhecimento do meu passado livre de falsas apparencias confundidoras, deve estimar-me absolutamente a mesma agora e no futuro.

O capitão retorquiu inflexivel :

— Mas não se trata só da minha estima, senhora baroneza : trata-se principalmente do

dever, e da honra de V. Ex., e pois que estou em obrigado tributo de ampla franqueza, peço licença para dizer que V. Ex. inculpavel até agora sómente porque faltou-lhe um amigo que lhe mostrasse á toda luz mais do que a inconveniencia, o grave abuso dos seus arrebatamentos vingativos, d'ora ávante a desculpa desapparece; porque a minha lealdade, e o mais vivo interesse de amizade me levam a repetir-lhe uma verdade e um conselho...

— O capitão respirou ancioso e um pouco tremulo.

A baroneza tinha as faces e os olhos em fôgo de pêjo e de despeito, pelo que acabava de ouvir.

— Repita! murmurou ella, tremendo tambem; quero ouvir a verdade e o conselho.

— Senhora baroneza, disse o capitão Ávante; V. Ex. tem errado muito, e é preciso que não continúe a errar.

A baroneza encarou irosa o homem que ousava fallar-lhe assim, trazia já a abrir-lhe os labios altiva resposta aniquiladora da pretenciosa autoridade do conselheiro; vendo porém o nobre e digno mancebo confrangido, meio

convulso, e todo em confusão, como sahindo de doloroso sacrificio, ella fez-lhe justiça, achou-o em sua consciencia outra vez magnanimo, e não podendo mais impôr-lhe com orgulho o silencio, desatou a chorar.

O capitão reanimou-se ao encanto das lagrimas, essa chuva do sentimento commovido e celeste que apaga o incendio da paixão.

Elle deixou a baroneza chorar, e inspirando-se nas lagrimas que via correr, nas perolas que sahiam d'alma pelos olhos da bella senhora, disse enternecido :

— Volte a victima ás suas mudas torturas, a santa ao seu altar, o anjo ao céo!... houve mezes, talvez um anno, pouco importa o tempo, houve dias de delirio... no delirio não se pécca... o raio do sol que reflectiu no abysmo, não se abysmou, e recolheu-se puro... esse raio do sol não deve mais reflectir no abysmo... em vez do abysmo o tormento da victima, o altar da santa, o céo do anjo offerecem a remissão dos erros da infeliz esposa!

O capitão ia talvez continuar fallando no mesmo tom, e no mesmo sentido; mas a baroneza o interrompeu, e offerecendo-lhe a mão

em despedida, disse-lhe ainda chorando, e a soluçar :

— Meu amigo!... estou soffrendo muito... adeus!... até de hoje a quinze dias.

O prazo assim marcado era como testemunho de obediencia ao juizo e aos preceitos do capitão Avante.

VIII

O JUIZ SEVERO

Das verdades pungentes que o capitão proferira, não havia uma só que a baroneza não tivesse já cem vezes repetido a si mesma; partidas porém d'aquelle homem, produziram em seu animo impressão profunda, e na propria trivialidade das noções do dever que ouvira, ella reconheceu como aos olhos do cavalheiro se afiguravam grandes os seus erros.

A baroneza comprehendeu que a estima que o capitão lhe assegurava em todo caso, não podia ser verdadeira, era apenas o amor disfarçando-se em dedicação : para a estima faltava a base, e essa falta a amesquinhava.

Semelhante convicção era uma dôr acerba.

Senhora de perfeito conhecimento das conveniencias do decoro; e do respeito que se deve ao publico, não lhe escapára a consequente exposição da sua pessoa aos reparos e á maledicencia de muitos produzida pela penhoradora, mas imprudente e ruidosa desaffronta que merecêra do capitão Ávante no theatro.

A protecção generosa, mas bulhenta, e por isso indiscreta, deveria prejudical-a ainda mais, do que a diffamação circumscripta do detractor.

Mas desde que vertiginosa se lançára em voluntario e calculado despenho moral, a baroneza notára, triste e desconsolada, que muitos a calumniavam, que todos a censuravam, que não houvera um unico homem, um só dos seus antigos encomiastas, que franco, ou mesmo só compassivo tomasse a sua defeza, e duvidando de falsas apparencias de incastidade, castigasse ao menos com desmentido firmado nas provas de annos de preclara pudicicia os aleives que a feriam, e a despedaçavam nos dias loucos do ciume em phrenesi.

Até então nem um só, nem um unico bem inspirado, ou ao menos complacente amigo,

que em voz alta e nobremente pronunciada honrasse o esplendor do seu passado, dizendo simplesmente : « é inverosimil tão subita degradação na senhora virtuosa. »

A baroneza tinha em desprezo as timidas desculpas que no proceder de seu marido achavam para ella alguns amigos de seus pais.

Em sua diffamação quem queria lhe atirava a pedra inpunemente, e defensor nobre e dedicado nem um!

Mas inesperadamente um desconhecido, o capitão Ávante, que pela primeira vez e de longe via-a, abalançou-se a fazer, em honra e protecção d'ella, o que nenhum de seus antigos admiradores ousára.

A baroneza sentira-se possuida de extrema gratidão, e tomando a peito demonstrar que era digna do transportado impulso do seu cavalheiro protector, chamára-o á sua casa.

Ella contava achar n'elle um homem de animo generoso, mas estouvado; e logo na visita de apresentação o considerou amoroso e captivo da sua belleza : acertando na apreciação do caracter e do terno sentimento do capitão, a baroneza não calculára com as virtudes que faziam

perdoar o estouvamento, e com a força d'aquelle amor, que, não correspondido, contrahindo-se, resurgiria transformado em illimitada dedicação amiga.

Ella tinha visto e considerado quatro vezes o capitão Avante.

A primeira, no theatro, elle lhe parecêra generoso e estouvado : não se enganára.

A segunda, em sua casa, modesto, intelligente, e apaixonado : e era verdade.

A terceira magnanimo, e elle o provára.

A quarta emfim amigo leal e franco, conselheiro e juiz inflexivel, dictando o dever, e fulminando a culpa.

O capitão Ávante progressivamente se engrandecêra na opinião da baroneza, que começando por prezal-o agradecida, passára em breve a admiral-o pela magnanimidade, e já estava como a temel-o pela exigente virtude.

Esse mancebo de rosto glorioso, mas horrivelmente desfigurado, manifestava á toda luz o coração mais varonil, e a alma mais bella que a baroneza tinha até então sentido e apreciado em sua vida.

Ella não amava o capitão; dentro de si porém

ufanava-se de ter inspirado amor a esse homem preclaro, grandioso pelos sentimentos, angelico pela influição do bem.

A baroneza tinha despedido amigavelmente o capitão Ávante, porque em verdade se angustiava, ouvindo-o a increpal-a pela decidida teima no erro, que elle só lhe perdoava no passado inculpavel por desvario.

Ella ficou só; mas não se angustiou menos.

Pertinaz na vingança immodesta, desastrada, suicida, louca, a baroneza forçosamente desmerecia a estima do seu primeiro, unico, espontaneo defensor, cavalheiro imponente, admiravel por magnanimo e virtuoso, ardente amante transformado em santo amigo.

Recuando arrependida e voltando aos tormentos silenciosos e secretos, ella deixava em meio, incompleta, inconsequente a vingança calculada; voltava ao bem marcada com a nodoa do mal; não podia ser a Magdalena purificada; apenas a julgariam esposa adultera perdoada.

Em todo caso ella, que se deixára acreditar descida ao fundo do abysmo, sómente podia subir ao alto da rocha Tarpeia.

Não lhe era mais possivel voltar ás alturas do seu bello e esplendido Capitolio.

Descredito inutil! sacrificio apparente, esteril e perdido do honor e da castidade!

A vingança tinha sido improficua, não sentida, desprezada até então pelo esposo que devêra revoltar-se, reputando-se offendido e deshonrado.

A baroneza rugia dentro de si furiosa contra essa muda e como tolerante indifferença do barão de Amorotahy, que era ainda mais escandalosa do que os seus escandalos...

Ella queria proseguir em seu phrenesi ultriz até que o esposo por infamado emfim se revoltasse..... queria vel-o em furor e desespero..... queria ouvil-o a maldizel-a, a praguejar, a repetir-lhe os echos da diffamação, e queria responder-lhe, resumindo todas as suas amarguras, todos os seus padecimentos do inferno n'esta pergunta simples e concisa : — « E tu?!!! »

Queria-o!

Mas diante da baroneza levantava-se a figura do capitão Ávante grave, amigo leal, conselheiro franco, juiz severo, que lhe bradava : « culpada! »

E ella quasi que tinha medo da reprovação d'esse homem, d'esse mancebo, que já uma vez lhe dissera : « tem errado muito ; basta! »

O amor do capitão Ávante transformando-se em amizade santa era como anjo a roçar suas azas candidas pelo coração da baroneza, offerecendo leval-a ao céo em vôos de remissão.

Todavia a esposa trahida e menosprezada não se desprendia do resentimento, nem recuava de seu terrivel empenho, e tanto mais que se a influencia do capitão dimanava de grandioso sentimento, a vindicta era impulsada pelo phrenesi de outro muito mais arrebatado, pelo phrenesi do amor offendido; porque a baroneza, ella o tinha confessado, amava sempre o barão de Amorotahy.

Ficava travada a luta entre a razão e o coração da joven senhora, esposa ciumenta e amiga enthusiasta, desorientada e intelligente, desacreditada pelas apparencias de impudor, e honesta pela virtude da continencia e pela intima reprovação da immodestia que fingia.

Como passaram os dias que deviam anteceder ao prazo marcado para a nova visita do capitão, só a baroneza poderia dizel-o : como procedêra

ella durante esse tempo, o mancebo, amigo escrupuloso, provavelmente o soube; porque sem duvida por magoado esqueceu a noite em que devêra apparecer.

A *baroneza de Amor* tinha com effeito proseguido na carreira dos desatinos : é verdade, que tendo adoecido duas semanas antes, o conselheiro Adeodato faltava para a simulação dos indecorosos amores; sobram sempre porém namorados á joven bonita e elegante, que se presta a attendel-os.

A inconsequente senhora alvoroçou-se com a falta do capitão na noite em que contára com elle, e mordida pela consciencia, suppôz adivinhar o motivo d'aquella quebra de promessa : affligiu-se, receando perder a mais pura das affeições; mas tambem revoltou-se contra a hypothese de um tutor a querer governal-a.

Entretanto o capitão Avante, não tendo podido merecer o amor, conseguira sem o pensar influir poderosamente no espirito da baroneza, que por muito estimal-o e admiral-o, chegava a temel-o.

Na baroneza o coração endoudecêra; mas a alma se conservára honesta, e a alma honesta

acceitára, e engrandecêra a influencia do cavalheiro magnanimo e leal.

O brilhante puro radia luz que ás vezes e momentaneamente quasi que deslumbra. A amizade do capitão era assim. A baroneza pertinaz em seu erro tinha medo da luz deslumbradora; mas conhecia o valor do brilhante, e almejava ardentemente conserval-o.

Mas o capitão Ávante, retardatario por alguns dias, voltou emfim á casa da baroneza acompanhado do Dr. Olympio.

A escolha da noite fôra talvez providencialmente inspirada.

A baroneza não estava só, bem que fosse pouco numerosa a companhia que cercava-a.

Tinha chegado primeiro Lino de Oliveira com sua familia, que se compunha da esposa, da filha, menina de quatorze annos, e de duas cunhadas, senhoras jovens e ainda por casar: viera associado Borges Nunes, mancebo gentil e demasiado faceiro, sobrinho de Lino de Oliveira, e que muito inclinado se mostrava á mais moça das duas ultimas.

A menina se chamava Candida, acabava de sahir do collegio, e seus pais vinham apre-

sental-a á baroneza, de quem era afilhada.

Lino de Oliveira, então capitalista de fortuna mais que mediocre e solida, tinha sido por muitos annos guarda-livros do pai da baroneza e conservava grande respeito á sua memoria.

Candida radiava innocencia e belleza : era suave e delicada nas fórmas quasi completas do corpo esbelto, seu rosto de brando oval era branco com uns longes de rozeo amanhecer nas faces, e tinha olhos pretos e grandes feitos para em seus annos de aurora exprimir encantadamente aquella curiosidade anhelante, instinctiva, que começa na idade em que a santa ignorancia agoniza nos desejos de descortinar mysterios, e em imaginações innocentes que a natureza accende muito confusas ainda.

Depois da familia Oliveira entrára o conselheiro Adeodato emfim restabelecido da molestia que o tivera de cama.

Por ultimo apparecêra Amalia de Villares, rompendo logo ao chegar em suas incorrigiveis offensas á circumspecção e ao decoro :

— *Baroneza de Amor!* dissera; ando hoje ex-officio a procurar noticias de meu marido

que me fugiu ha oito dias; mas previno que não darei alviçaras...

A baroneza a interrompêra com habil disfarce e pouco depois pediu em voz baixa a Amalia que respeitasse a presença de Candida.

Dona Villares fez um momo, e quasi logo voltou-se para Borges Nunes, que foi obrigado a attendel-a.

A menina Candida foi a principio o objecto especial, quasi exclusivo dos obsequiosos cuidados e enlevos da aditada madrinha, que parecia realmente amal-a.

Pouco e pouco a conversação se tornou geral e variada.

O conselheiro Adeodato a vingar-se de tantos dias de privação do amoroso culto, com os olhos embebidos no rosto da baroneza, e a contemplal-a apaixonado, não perdia ensejo de dirigir-lhe finezas, e em momentos propicios, fallando-lhe quasi ao ouvido, repetia-lhe juramentos do seu amor, que deviam fazer ou córar, ou rir a joven senhora que aliás animára a paixão anachronica d'esse velho tornado menino.

E em um d'esses momentos a baroneza levemente hesitante e como distrahida fingia ouvir

e apenas meio risonha deixava fallar-lhe em voz baixa o conselheiro Adeodato, quando estremeceu toda á voz do criado que annunciou :

— Suas Exs. os Srs. Dr. Olympio, e capitão Brazilio.

Dona Villares, que percebêra o estremecimento da baroneza, exclamou impiedosa :

— Ah!... que choque electrico! quasi que desmaiei !...

A baroneza nem ouviu a maliciosa observação da falsa amiga.

IX

A AFILHADA DA BARONEZA

O Dr. Olympio e o capitão entraram.

— Que teima de capitão Brazilio sem Ávante! observou dona Amalia.

A baroneza acolheu amavelmente os dous cavalheiros e respondeu logo a dona Villares :

— Os meus criados não podem annunciar-me os meus amigos por appellido, ainda mesmo glorioso, como esse.

E com elogio conciso, mas interessante, fez a devida apresentação do appellidado.

Candida pareceu espantada d'aquelle homem tão feio, para quem todos tinham voltado os olhos, considerando-o com attenção manifestamente favoravel.

O capitão Ávante acanhado e confuso não reparou na impressão desagradavel e repulsiva que produzira na menina.

A conversação reatou-se; mas em tom ceremonioso entre aquelles que pela primeira vez se encontravam com o capitão Ávante.

Amalia de Villares que não se achava n'esse caso e que não sabia reprimir-se, deixou livre Borges Nunes, e começou por dizer ao Dr. Olympio :

— Doutor!... o seu especifico não vale uma careta!...

— Pensa?...

— Mas ha cousa ainda peior do que a improficuidade do especifico : é a descoberta que fiz de sermos a *baroneza de Amor* e eu as duas senhoras mais feias do Rio de Janeiro!...

— Demonstre-me esse absurdo, minha senhora!

A baroneza apprehensiva, commovida, quasi temerosa, agradecia dentro de si o rompimento gracejador de dona Villares e tomava tempo para reflexão e conselhos ; do mesmo modo porém o conselheiro Adeodato, não querendo perder tão afortunados momentos, continuou a

queimar incenso de amor no thuribulo do seu animado namoramento.

O apaixonado velho, sem que o pensasse, pôz em afflictivo transe a sua bella e apparentemente enternecida amada.

A baroneza impaciente e anciosa, não podendo de outra maneira esquivar-se ao perseguidor namoro do conselheiro Adeodato, d'elle se distanciou, como por dever de repartir agrados, e foi sentar-se mais perto das senhoras da familia Oliveira, entretendo-as em voz baixa com a narração das façanhas e dos actos de bravura e de temeridade do capitão Ávante na guerra do Paraguay.

Candida, sentada sempre ao lado de sua madrinha, escutava attenta e vivamente impressionada a historia dos feitos do guerreiro, e abrindo ainda mais seus grandes e formosos olhos pretos, deixava-os presos nos labios da eloquente narradora e apenas, mas muitas vezes, os desviava para contemplar admirada o guerreiro heroe.

A menina exaltada, ora a tremer, ora a sorrir, agora em anciedade, logo depois radiosa, acabando de ouvir a breve historia da mais arris-

cada proeza, olhava para o capitão Ávante, e ficava então enlevada, considerando as cicatrizes do rosto do Achilles vulneravel.

A baroneza sorria-se, observando o interesse e a commoção com que sua linda afilhada a escutava.

No emtanto dona Villares tinha continuado com o Dr. Olympio o dialogo, em que o capitão Ávante era o objectivo manifesto do ataque.

— Demonstrar-lhe o absurdo?... dissera ella; eu nunca me lembraria de demonstrar que sou uma das duas senhoras mais feias da nossa capital.

— Mas em tal caso fica sempre sendo o que é, uma das mais formosas.

— Ah! não; porque o seu amigo Ávante encarregou-se da demonstração do absurdo, e hoje não ha negal-o : a *baroneza de Amor* e eu somos horriveis!

— Eu protesto! acudiu o capitão : penso que se dá o caso, em que me é licito accusar V. Ex. do crime de enorme e duplicado aleive.

— Então a descoberta é outra...

— Qualquer que seja, eu a acceitarei de preferencia.

— É que o senhor capitão nem tem olhos para ver, nem memoria para lembrar.

— Antes assim fosse! respondeu este sorrindo-se; ás vezes a cegueira póde ser um bem, e a memoria mal atormentador.

A baroneza, com vista lançada de relance observava attenta o capitão Ávante, que se lhe afigurava e de facto estava melancolico, abatido, e como que tomado de magoada desconsolação. Por algumas vezes encontrára-lhe os olhos amigos, mas severos.

A baroneza confrangia-se, tinha medo, arrependia-se... e continuava quasi febricitante a narração das bravuras do capitão Ávante.

E Amalia de Villares continuava tambem a tomar contas ao capitão.

Ella exclamou a rir :

— Pois nem feias, nem cego, nem falto de memoria!... apresentado aqui, quasi um mez a esconder-se invisivel em sombras de mysterio; apresentado lá, quasi um mez de sinalephas, e apenas descoberto duas vezes a binoculo no oceano de cabeças em platéas de theatro! já pensei na hypothese de vencedor vencido, de vencedor no Paraguay vencido por paraguaya,

caso de rendimento em alguma bem dançada *palomita.*

Os que ouviam Amalia de Villares riram-se.

Ella proseguiu, dizendo ainda :

— Mas faltando a hypothese da paraguaya, fundamento vivo que seria acceitavel, salvo o peccado de máo gosto, eu em furioso empenho de explicações, abracei-me com o capricho... o capricho é adoravel para as senhoras; mas sómente quando o capricho é d'ellas; odiei pois esse capricho que não era o meu, e que eu abraçára por irreflexão... e sem a paraguaya, e sem o capricho, que rejeitei por irracional, fiquei ás escuras...

Continuavam a rir e a baroneza continuava a confranger-se, a ter medo, a arrepender-se...

E Amalia de Villares contente do effeito que produzia, e a provocar o capitão, proseguiu dizendo :

— Dêem-me luz! nem paraguaya, nem capricho!... que dizem os senhores?...

Ninguem respondeu.

— Capitão, como quer que o defina?

— Mariposa sem azas, nem alento; respondeu este.

— Definição sem verdade nem clareza, subterfugio sem argucia, esplendido clarão de lua mingoante! Em penultimo recurso appello para a sciencia medica.

— Misericordia! disse o Dr. Olympio.

— Doutor! conhece alguma molestia que possa explicar o procedimento do seu amigo?...

O medico respondeu malicioso:

— Sim, minha senhora; é uma affecção nervosa, a que chamamos paralysia dos cinco sentidos.

— Não me opponho ao seu diagnostico; mas por segurança e em ultimo recurso irei consultar a minha cartomante, e no emtanto mandarei ao senhor capitão certo Dulcamara que vende elixir de amor.

— Ah! dona Villares!... disse a baroneza em tom de amiga advertencia.

— Mas eu não obrigo o senhor capitão a comprar o elixir!

A baroneza tinha notado que o cavalheiro objecto dos gracejos provocadores disfarçava apenas sua impaciencia; por isso accrescentou, respondendo a Amalia:

— É que não se enviam Dulcamaras...

deixa-se a quem isso convém o ir procural-os.

A resposta feria a immodestia; mas dona Villares em vez de retorquir olhou ironicamente para a baroneza, e logo voltando-se para o conselheiro Adeodato, perguntou-lhe :

— Senhor conselheiro, como pensa V. Ex.?

A baroneza confundida e receiosa furtou-se ao evidente golpe com que Amalia de Villares a chamava a combate, e inclinando-se toda para a menina Candida, fez-lhe sem reflectir uma pergunta pouco prudente, embora á meia voz :

— Gostou de ouvir-me ainda ha pouco?...

— Ah, muito, minha madrinha!... respondeu a linda menina,

— E que julga do capitão?

A baroneza irreflectida pelo agastamento e perturbação que procurára disfarçar, bem que houvesse fallado em tom baixo, fôra ouvida por todos, e todos concentraram os olhos no rosto da menina.

Candida vendo que era assim olhada, enleiou-se e córou levemente.

A baroneza arrependeu-se da pergunta que fizera; era porém tarde, insistiu :

— Diga...

Candida hesitava.

Lino de Oliveira interveio.

— Dize, Candida.

— Tudo?... perguntou com a mais innocente inconveniencia a menina.

A baroneza arrependeu-se ainda mais.

— Tudo, minha senhora! disse o capitão, sorrindo-se.

Candida fitou o capitão com todo o ardor de seus formosos e grandes olhos pretos, e respondeu angelica de singeleza e de verdade :

— Quando o Sr. capitão se apresentou, me pareceu bem feio!... mas... depois...

— Sim... mas depois?... acudiu promptamente dona Leonidia, mãi da menina.

— Oh, minha senhora, disse o Ávante; deixe que se expanda o anjo da innocencia.

Candida continuou fallando no mesmo tom de ingenuidade e franqueza :

— Depois, ouvindo minha madrinha contar a historia do que o Sr. capitão fez na guerra, onde ganhou o nome de Ávante... não pude mais achal-o tão feio, como me parecêra... não pude...

— Ah!... e então?

— Achei-o... bonito, não; mas... nem sei bem explicar-me... achei-o melhor do que bonito... porque seu rosto que me pareceu feio, agora me parece admiravel...

A menina calou-se, mas ficou ainda com os olhos enlevadamente embebidos nas cicatrizes e nos gilvazes do rosto do capitão, e como a reler ahi a historia das proezas que tinha ouvido narrar.

Em passageiro sussurro de vozes commovidas se pronunciára geral applauso ao ingenuo e franco juizo candido, como o nome da menina.

O capitão Ávante, vencendo seu delicioso enleio, levantou-se e foi beijar a mão da linda jovenzinha, dizendo :

— Abençoados todos os golpes que recebi na guerra.

Candida em vez de córar, sorriu radiosa, denunciando-se expansivamente ufana do beijo que o bravo guerreiro imprimira em sua mão branca, suave e mimosa como uma petala de magnolia.

Alguns minutos apenas tinham sido passados n'essa innocente manifestação de culto á heroi-

cidade, e n'esse tributo de gratidão ao heroe; elles porém bastaram á baroneza para ver e sentir o vivo e magnifico contraste do quadro assombreado da immodestia com o quadro luzente e encantador da pureza.

Amalia de Villares e Candida representavam antithese estupenda aos olhos do capitão Àvante — o amigo dedicado, mas juiz severo.

E, considerando essa viva antithese, a baroneza se reconhecia quasi igual a Amalia e, a perder de vista, muito inferior a Candida.

Diante do capitão, que era a virtude-juiz, ella se achava perto do demonio, que era Amalia de Villares, e longe do anjo, que era Candida.

E, a mulher não esquece jámais a condição do merecimento physico, a menina que era anjo pela sua innocencia, tinha grandes e formosos olhos pretos, lindissimo rosto, e corpo esbelto e gracioso.

A baroneza em rapida e instinctiva apreciação feminil das circumstancias, e do simples episodio que incalculadamente promovêra, enraivecida contra o demonio, que de perto óu por apparencias se confundia com ella, sem amar o

capitão Ávante, sem poder amal-o, teve zelos, quasi ciume do beijo santo depositado na mão de sua afilhada; teve zelos, quasi ciume da innocencia, da pureza, da formosura virginal da menina-anjo, donzella sónho de amor celeste, com quem não podia mais comparar-se, como a triste penumbra não póde ser comparada com a luz suavissima e poetica da aurora que desponta no céo.

Fortemente impressionada, e resentida assim, a baroneza que via no capitão Ávante o seu juiz severo, alvoroçou-se, reputando-se amesquinhada, abatida em face do amigo, cuja estima tinha já por gloria.

Para seu maior constrangimento, o conselheiro Adeodato importuno e inconveniente não sabia poupal-a ás indicações do terno affecto, que ella aliás tinha autorizado, e que então a rebaixavam aos olhos do capitão Ávante.

A baroneza procurára por vezes com disfarce e subtileza manifestar o seu desgosto ao velho namorado que, ou não a comprehendeu, ou insistente e cruel continuou a render-lhe finos agrados que excitavam os remoques de dona Villares.

Contrariada pelo conselheiro Adeodato, pungida pela falsa amiga, em anciosa exaltação de vaidade ameaçada, de brio e de honor que resurgiam exigentes ante a comparação com o esplendor da menina Candida, a baroneza revoltou-se contra o velho perseguidor, e em afflictiva situação, perdidas as delicadezas de seu bello espirito, teve uma idéa sem generosidade, designio rude que se lhe afigurou recurso unico para desmerecer menos.

Em seus transes a vaidade prejudica sempre a intelligencia e muitas vezes o coração da mulher.

Com artificio habil a baroneza afastou a afilhada, fazendo-a ir á sala contigua examinar precioso album de retratos de notabilidades artisticas laureadas no mundo civilisado.

Dona Villares tinha no emtanto sempre leviana dito alegremente ao conselheiro Adeodato :

— Ainda bem que escapou da sua molestia cerebral e dos medicos : e felicite-me igualmente; porque conforme a logica do doutor Olympio, que é o meu medico, estou livre de soffrer essa perigosa molestia.

Olympio respondeu desapiedado :

— Oh, minha senhora! na hypothese inadmissivel de que V. Ex. não tivesse cabeça, eu lhe recommendaria sempre cuidado; porque eu já tratei de um cego, que morreu de inflammação dos olhos.

Amalia de Villares não teve tempo de pagar o epigramma que lhe atirára o Dr. Olympio; porque a baronéza disse immediatamente :

— Senhor conselheiro, a sua molestia me encheu de apprehensões crueis e chegou a suscitar-me um remorso.

— Como?...

— Para meu castigo di-lo-hei diante de todos, dando a V. Ex. a mais plena satisfacção.

— Oh, senhora baroneza! não comprehendo...

— Joven, vaidosa e irreflectida, ousei durante algumas semanas por indigno e indecoroso capricho procurar accender no coração do senhor conselheiro o terno sentimento que me renderia cultos e adoração : eu fui a provocadora, declaro-o! apaixonei-o, e illudi sua paixão.

O conselheiro turbou-se, seu rosto que estava muito pallido cobriu-se de vivo rubor.

Amalia de Villares sorria-se. O capitão Ávante escutava attento. Ás outras pessoas presentes olhavam como que penalisadas.

A baroneza continuou a fallar.

— Apaixonei-o e ainda insensata o prendia, abusando da mais reprehensivel mystificação, quando o senhor conselheiro adoeceu e foi ameaçado da morte : então affligi-me, tive remorsos da leviandade, com que zombára de um homem venerando que fôra amigo de meus pais. Aos vinte e tres annos eu já devia ter juizo, e procedi como doida e má.

— Tranquillise a sua consciencia, disse sorrindo affavelmente o conselheiro Adeodato que já se tinha acalmado.

A baroneza concluiu, dizendo :

— Confesso-me culpada; e peço perdão do meu grande abuso. Senhor conselheiro, eu não podia amal-o e excitei-o a amar-me : fui má, estou porém arrependida : perdoe-me.

Amalia de Villares desconfiando da lealdade da confissão e do arrependimento, exclamou com accentuada ironia :

— *Baroneza de Amor*, não tem medo de causar alguma recahida?...

A baroneza lançou sobre dona Villares um olhar que de passagem lhe deixou desprezo, e respondeu, dizendo ao triste desenganado :

— Não; porque em vez de falso amor, desvaneço-me de conservar ao homem respeitavel e distincto amizade verdadeira e pura.

E offereceu a mão ao conselheiro Adeodato, que tomando-a, beijou-a e disse um pouco vingativo, mas com galanteria :

— Senhora baroneza! que não lhe fique n'alma o desgosto mais leve. Tenho sessenta annos; V. Ex. em pequenina descansou muitas vezes sentada sobre os meus joelhos : não fui mystificado, porque nunca tomei ao sério o seu amor ; estimo-a muito desde a sua infancia, e os velhos por affeição e por gosto prestam-se aos brincos, aos caprichos e até ao ludibrio das meninas a quem viram crescer. Eis a historia da minha paixão.

Eram onze horas da noite, e o barão de Amorotahy chegando á casa mais cedo do que costumava, entrou na sala muito opportunamente para interromper tão melindrosas explicações.

Habituado a fino trato e a cortezia delicada, o barão apertou com ostentosa amabilidade a mão do capitão Ávante, que lhe foi apresentado pela baroneza, extremando-se ao dizer que agradecia muito a esta o conhecimento pessoal e a amizade de um cavalheiro, a quem já admirava pela gloria de seus feitos.

Quasi logo Amalia de Villares tomou conta do barão a rir, a brincar com elle, e a perseguil-o com remoques.

Á meia noite levantaram-se em despedida os visitantes.

Dona Villares pedio ao capitão Ávante que lhe desse o braço e a conduzisse ao seu carro.

Sahiram.

Quando o capitão, chegando á rua, abriu a portinhola do carro e offereceu a mão a Amalia de Villares, esta disse-lhe no seu tom costumado :

— Capitão! não tenho a innocencia da menina Candida, nem os remorsos da *baroneza de Amor* ; mas se quizer ir ver-me amanhã, ou em qualquer outro dia, ha de achar-me feita *irmã de caridade.*

X

A SERPENTE DA INVEJA

O capitão Ávante, dedicado e virtuoso em suas honorificas relações de amizade com a *baroneza de Amor*, conservava e expunha sem freio longe d'ella e em seu viver quasi sempre afastado dos salões elegantes os defeitos das suas qualidades, e sobre todos a flamma irascivel do genio e a presumpção da valentia que o levavam a incorrer em acções arrebatadas e merecedoras de justa censura, pelo excesso e pela violencia com que reagia ao primeiro resentimento de sua dignidade ou de offensa ainda leve á sua pessoa.

Dous factos a servir de prova.

Uma noite e já tarde, tendo sahido do thea-

tro, entrára elle em hotel vizinho e sentando-se á uma mesa, que vaga se achava, pediu o que lhe pareceu para cear.

O capitão viera só, e em mesa fronteira da sua ceavam já dous sujeitos, um de meia idade, e outro ainda joven, ambos porém rudemente galhofeiros e provavelmente muito pretenciosos de engraçados, procurando excitar curiosidade e produzir effeito.

Havia grande concurrencia no hotel; quasi todas as mesas estavam occupadas.

Dentro em pouco notou o capitão Ávante que os dous inconvenientes alegrões riam-se e motejavam da fealdade ou desfiguração de seu rosto. Era zombaria que elle não perdoava; fingiu porém não percebel-a, até que o mais velho dos mal educados galhofadores disse em voz alta :

— É mascarado fóra do carnaval.

Algumas pessoas riram-se.

O capitão chamou um moço do hotel, e em voz baixa pediu-lhe a conta da cêa dos galhofadores, indiciando querer obsequial-os.

Elle estava á paisana e não trazia armas; logo porém que recebeu a conta e pagou a des-

peza dos dous, levantou-se e dirigindo-se aos provocadores, agarrou em ambos pelos cabellos, suspendeu-os assim das cadeiras, e a despeito dos esforços e da furia com que lhe responderam ao ataque violento, levou-os batendo com a cabeça de um contra a cabeça do outro até a porta, d'ahi os arrojou para a rua, e voltou sem proferir palavra a sentar-se á mesa, continuando logo a cear.

Ruidosa salva de applausos retumbou na sala do hotel.

O capitão Avante jogava : *lá na guerra*, como elle costumava dizer, nem sempre se batalhava : houvera mezes de cerco, de espectação estrategica ou imprescindivel, obrigatoria de paciencia mais difficil e acerba do que os combates : então entre os passa-tempos improvisados, ás vezes ao troar do bombardeio, o peior de todos foi o jogo.

O bravo mancebo contrahira pois *lá na guerra* não vicio, mas o gosto ruim do jogo : não se fizera jogador profissional, ou apaixonado; ficára sendo porém *amador*, e amador demasiado attrahido ; era emfim jogador de occasião ; mas jogador liso, honesto, escrupu-

loso, e exigente de lisura e de honestidade iguaes ás suas.

Uma noite dous camaradas *lá da guerra* levaram o capitão a uma casa de jogo semelhante a muitas outras, covís nocturnos, que zombam da policia na cidade do Rio de Janeiro.

O Ávante e seus camaradas perderam todo o dinheiro que levavam : estes retiraram-se aborrecidos da mais teimosa infelicidade ; o capitão porém demorou-se pertinaz ; quiz ficar e ficou sem jogar, mas observando o jogo.

Elle tinha suspeitado fraude e velhacaria ; *maço* de cartas em um dos jogadores, e complicidade de alguns outros com esse. Sabia perder no jogo serena e cavalheiramente ; nunca porém tolerára que o roubassem impunes.

Esperou, observando attento e silencioso, mas sem indicar desconfiança.

Esperou muito tempo ; mas de repente lançou-se sobre o jogador suspeito, arrancou-lhe das mãos o volumoso baralho, annunciou as *sortes de lasquenet* que iriam sahir, manifestou-as de facto, e bradando « ladrão ! ! ! esbofeteou o trapaceiro.

Os complices atiraram-se enraivecidos em defeza do socio fraudulento; seguiu-se terrivel desordem; mas o capitão Ávante pôz a quadrilha fóra de combate, expelliu-a da sala a golpes de uma cadeira que tomára por arma, depois retirou-se tambem acompanhado e applaudido por quantos tinham sido como elle n'aquella noite victimas do jogo aladroado.

Em ambos estes casos a razão estivera do lado do capitão Ávante; era porém não menos certo que elle nem sabia domar seus impetos de colera, nem procurava evitar, desde que se julgava offendido, desordens e brigas que recommendavam pouco o seu juizo e a gravidade do seu proceder.

Mas o capitão tinha para fazer o bem o mesmo ardor vehemente que o impellia para os desforços materiaes: ao grito de « soccorro » podia-se contar com elle a qualquer hora, em qualquer sitio, um vez que aos ouvidos lhe chegasse o reclamo.

Depois que se achava na cidade do Rio de Janeiro, já por duas vezes ao dobre do sino annunciador de incendio correra impavido aos lugares do infortunio e do perigo, e no meio

dos mais destros e ousados desapparecera abysmado no fumo, e resurgira além illuminado pelas flammas, manejando o machado, combatendo o fogo, e salvando vidas com risco da propria vida.

Com a noticia d'estes actos de coragem, de ardor e de abnegação, o conhecimento das brigas, e das lutas em que rompia imprudente mas provocado, em vez de amesquinhar a boa reputação do capitão Ávante, augmentava-a, tornando-o interessante e de relações desejadas.

O capitão em poucas semanas firmára o seu credito; ninguem o tinha por desordeiro; todos o consideravam apenas volcanico ao toque da offensa: reunia á força da anta a bravura do leão e a docilidade do elephante.

Quando a ira provocada não lhe enfurecia o animo, e não lhe impulsava o braço, era sempre a generosidade que lhe dirigia aquelle e lhe movia este.

Ninguem julgou mal d'elle: todos o desejaram por amigo.

Desconfiado sempre das repulsivas impressões de seu rosto, o capitão preferia as exclu-

sivas relações e intimidade com alguns dos seus camaradas *lá da guerra* ás melhores companhias e sociedades da capital do imperio ; força porém lhe foi sujeitar-se a exigencias obsequiadoras e, a principio reluctante, depois apenas difficil, quasi logo facil, e finalmente solicito e encantado, achou-se preso nos enlevos dos circulos elegantes do Rio de Janeiro.

Alli teve elle de encontrar frequentemente entre as outras senhoras a baroneza, a quem teimavam em chamar de *Amor*, Amalia de Villares, leviana incorrigivel, e tambem Candida, a jovenzinha de formosos olhos pretos a quem seus pais tinham apresentado nos salões da alta sociedade, e que lembrando a narração que sua madrinha fizera, contemplava sempre com enlevada admiração o heroe, quando o encontrava nas reuniões e assembléas.

O capitão Avante sentia-se não feliz, mas docemente consolado ; não feliz, porque amava sem esperança ; consolado porém, porque o objecto do seu amor se regenerava pela sua estima, e pelo influxo da sua dedicação.

A *baroneza de Amor* estava surprendendo

a todos por subita e inesperada metamorphose; não voltára de todo, quasi que não podia, quasi que não lhe era licito voltar á severa e exemplar castidade que mostrára durante os primeiros tempos de sua não merecida desgraça conjugal; ainda vaidosa radiava, ainda sorria alegre á festa e ás dansas; ainda valsava voando como vertiginosa com as azas de seus pés pequininos e celeres; mas a ostentação de namoros escandalosos tinha cessado: não havia mais amante suspeito, nem preferencia indiscreta de cavalheiro valsista, ou de galanteador em passeio: a *baroneza de Amor*, que sabia desanimar, como tinha sabido animar namoradores solicitos, resurgia circumspecta, reflectida, isenta de paixões, e permittindo-se apenas no empenho de gozar os encantos do baile, e de distinguir-se e de agradar por bonita e elegante o que se póde conceder á joven esposa que, fraca por vaidosa, se faz absolver por comedida e honesta.

Sem que pudesse conseguir o perdão do recente passado tão cheio de sombras espessas, a *baroneza de Amor* estava quasi obrigando á commutação do castigo da geral censura pela

inopinada, mas patente transmutação do seu prodecimento.

— Que era isso?... devia influir poderoso sentimento no animo da baroneza : a reconciliação conjugal faltava para explicar o phenomeno ; porque o barão de Amorotahy mais que nunca se desordenava apaixonado phrenetico de famosa, recem-chegada e aurea devoradora dansarina franceza do Alcazar.

O marido requintava pois em lesa-fidelidade e em turva injuria á esposa pela escandalosa notoriedade do adulterio.

Como poderia explicar-se a nova phase, a phase decorosa depois da indecorosa que a *baroneza de Amor* acabava de deixar?

Os observadores curiosos, e ainda mais os maliciosos, trabalhavam debalde por decifrar o enigma.

E, castigo do passado, nenhum conjecturava, tomando em hypothese o desperto da virtude na *baroneza de Amor*.

Mas não tardou muito que uma boca invejosa e má espalhasse mentirosa descoberta do segredo, inspirando-se em ciumenta suspeita,

e não hesitando ante a perversidade da calumnia:

Amalia de Villares não pudera admittir que o capitão Ávante se mostrasse tão esquivo a seus claros e immodestos invites sem que tivesse o coração exclusivamente dominado por fervoroso amor.

Partindo d'esse principio ella chegou a duas conclusões, uma verdadeira e outra falsa.

Observando e estudando a inopportunidade do desengano com que a baroneza tinha, diante do capitão, confundido o conselheiro Adeodato, desconfiou que fosse aquelle o causador da despedida do *quarto amante*.

Não de todo certificada do novo amor da baroneza e ainda esperançosa da conquista do feio cavalheiro, tanto mais almejada, quanto menos facil se indicava, dona Villares esperou algumas semanas a espreitar a baroneza e o capitão.

Esperta e sagaz, dissimulando-se na propria e natural inconsideração e leviandade, nem assim pôde surprender manifestação ao menos indiciadora do amor de que desconfiára.

Todavia, resentindo-se cada vez mais da es-

quivança inexplicavel e incrivel do cavalheiro, e notando que a esposa desbriosamente vingativa, como ella, parecia parar no despenho, em que ella não parava, e a eximia de galanteios que até então desvairada procurára, deu por incontestaveis as suas duas conclusões.

Uma era verdadeira : o capitão Ávante amava a *baroneza de Amor*.

A outra era falsa e calumniosa : a *baroneza de Amor* amava o capitão Ávante.

Desde que o respeito de desdenhada e a raiva de ciumenta lhe serviram de logica, Amalia de Villares jurou a si mesma tomar desforra ultriz da rival afortunada.

Logo depois d'esse mudo e sinistro juramento Amalia de Villares no primeiro baile em que se encontrou com a baroneza, de quem tinha inveja, e com o capitão Ávante, que almejava captivar, á semelhança do diplomata bellicoso que arroja o *ultimatum* precursor da guerra, avançou para a innocente rival, e fallando-lhe como de passagem perguntou :

— *Baroneza de Amor!* nitida e franca! que te parece o capitão Ávante?...

A baroneza respondeu :

— Parece-me um noivo digno da menina Candida.

Dona Villares riu-se sarcastica e murmurou, afastando-se :

— Eu sou inimiga das innocencias por incredula...

Amalia de Villares nem olhou para Candida, a quem então estava fallando o capitão Ávante.

Um pouco mais tarde ella não pediu, tomou o braço do capitão, dizendo-lhe :

— Imponho-lhe um passeio comigo.

— A imposição glorifica-me ; respondeu o cavalleiro, obedecendo.

E seguiram ambos, passeando.

— Que lhe parece a *baroneza de Amor?...* perguntou dona Villares.

— N'este momento, minha senhora, sinto-me incapaz de pensar em outra senhora, que não seja V. Ex.

— Uma evasiva !...

— Perdão ! não é evasiva, é culto devido.

— Culto de cego !...

— Mas eu vejo...

— Culto de surdo !...

— Mas eu ouço...

— E que tem visto e ouvido?... diga!

— Tenho visto luz que deslumbra e tenho ouvido canto que inebria...

— Então?...

— A luz por deslumbrante obriga-me a fechar os olhos, e o canto por inebriante me adormece os sentidos.

Amalia de Villares, supitando a colera, disse com ironia, mas em voz tão suave, que escondeu a ameaça:

— É força pois que eu o faça abrir os olhos e apurar melhor o ouvido: invocarei genios sinistros para que lhe dêem a luz do raio e o estampido da tempestade. Prepare-se: ha de ver e ouvir.

E ella riu-se, dizendo assim.

O capitão Ávante sorriu-se tambem, recebendo como simples gracejo as palavras innocentemente ameaçadoras da evocadora dos genios sinistros.

O passeio terminou logo; dona Villares tinha pressa.

Em breve, passando de ouvido a ouvido, correu nas salas uma noticia curiosa.

Era a decifração do enigma.

O capitão Ávante era o quinto amante da *baroneza de Amor.*

A calumnia partira da bocca da inveja, a maledicencia adoptou-a, e não houve quem a contestasse ; porque a baroneza habituára todos a verem-na mudar de galanteador, ou de amante, como diziam.

É verdade que em seus modos, em seu olhar, em suas approximações, e em suas breves conversações no baile a baroneza e o capitão mantinham a mais serena gravidade, e não indicavam affecto que excedesse os limites de estima reciproca e nobre.

Amalia de Villares porém tinha referido com venenosa alteração de circumstancias o caso do desengano do conselheiro Adeodato, e improvisado indicações do amor que denunciava.

A baroneza, até bem pouco immodesta affrontosa, passou por acclamação surda e feroz da maledicencia a immodesta hypocrita.

Era falsa, não tinha fundamento, não apresentava nem apparencias para simples conjectura aceitavel, a pretendida descoberta do novo e disfarçado amor adultero da baroneza ; mas foi adoptada como positiva, e inquestionavel.

As senhoras mais graves e os homens mais sensatos voltaram o rosto, negando-se a animar a diffamação ; mas dentro de si disseram : « é possivel. »

A baroneza calumniada atrozmente era victima de labéo que os malevolos, e os irreflectidos propalaram *justo e verdadeiro* e os bons e os cordatos apenas o indicaram não provado, mas de tristissima possibilidade.

Um anno de despenho desbrioso deixára a *baroneza de Amor* abandonada á raiva do ciume aleivoso e aos furores da inveja, e atada ao cepo de todas as desconfianças ultrajadoras da sua honra.

Depois de erros incompletos, mas comprometedores, voltando arrependida ou bem inspirada ao decoro, a baroneza encontrava a diffamação a dizer-lhe « mentira !... e a virtude e a honestidade a murmurar « é tarde ! »

É que a pudicicia tem a sua virgindade, e a virgindade é dom que, perdido, não se regenera.

Mas a *baroneza de Amor* ainda não sabia que lhe tinha sido dado por quinto amante o capitão Avante.

E a murmuração e a calumnia se espalhavam tenebrosas e só á meia voz, estendendo-se ainda mais impunes e livres de contrariedade por isso mesmo.

Nenhum detractor ousava fallar alto, porque o capitão Ávante impunha respeito; fallavam porém todos os maldizentes em segredo, e o segredo generalisado era a publicidade.

Dentro de poucos dias foi notorio na cidade do Rio de Janeiro que o capitão Ávante era o quinto amante da *baroneza de Amor.*

E quando a notoriedade fervia em mal abafada murmuração; quando a baroneza já sabia, mas despresava a calumnia; quando o capitão Ávante, avisado pelo Dr. Olympio, procurava debalde o inventor do infame aleive, ou ao menos um echo propalador, em quem castigasse a malvada offensa, o barão de *Amorotahy* recebeu um dia a seguinte carta anonyma escripta em lettra que se procurára dissimular :

« Barão ! — basta de cegueira, que poderia dar testemunho de condescendencia infame : sua esposa o ultraja de mais. Depois de tres amantes, talvez não indignos rivaes do marido, desceu até á velhice do seu quarto amante, o

conselheiro Adeodato, e agora por fim o rebaixa na preferencia da deformidade : barão! a Esmeralda abraça e beija Quazimodo ; a *baroneza de Amor* tomou por seu quinto amante o capitão Ávante. »

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

Paris. — Typ. GARNIER IRMÃOS, 6, rua dos Saints-Peres. 2.1.96.